



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS DE CULTURA CONTEMPORÂNEA

HEIDY YILIBETH BELLO MEDINA

100 EM 1 DIA CUIABÁ: MICROPOLÍTICAS URBANAS
NA RELAÇÃO COLÔMBIA-BRASIL

CUIABÁ – MT
2017

HEIDY YILIBETH BELLO MEDINA

100 EM 1 DIA CUIABÁ: MICROPOLÍTICAS URBANAS
NA RELAÇÃO COLÔMBIA-BRASIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea na Área de Concentração Estudos Interdisciplinares de Cultura.
Linha de pesquisa: Poéticas Contemporâneas.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Thereza de Oliveira Azevedo.

CUIABÁ – MT
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

B446c Bello Medina, Heidy Yilibeth.
100 em 1 dia Cuiabá: micropolíticas urbanas na relação Colômbia-Brasil / Heidy Yilibeth Bello Medina. -- 2017
149 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientadora: Maria Thereza de Oliveira Azevedo.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Cuiabá, 2017.
Inclui bibliografia.

1. 100em1dia Cuiabá. 2. Micropolíticas Urbanas. 3. Criatividade Coletiva. 4. Tempo na cidade. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO-GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA CONTEMPORÂNEA

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: “100 em 1 Dia Cuiabá: Micropolíticas urbanas na relação Colômbia-Brasil”

AUTORA: Heidy Yilibeth Bello Medina

Dissertação defendida e aprovada em 24 de fevereiro de 2017.

Presidente da Banca / Orientadora: Doutora Maria Thereza de Oliveira Azevedo.
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

Examinador Interno: Doutor Yuji Gushiken.
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

Examinadora Externa: Doutora Maria Ângela Pavan.
Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

CUIABÁ, 24 de fevereiro de 2017.

Dedico esta dissertação à mulher de olhar poético, de sorriso inefável, de palavras sábias, de amor infinito, de sonhos eternos, de conselhos ilimitados. Mãe, te agradeço por ser a luz no meu caminho, por me ensinar cada dia ser uma melhor pessoa, por ser meu anjo e o melhor presente deste mundo.

Agradecimentos

O lugar, a oportunidade, o ser.

Agradeço a deus e à vida por me permitir estar e ser neste lugar. Agradeço entrar na corrente que me fez fluir até chegar nestas terras, nestes ventos, neste espaço para eu aprender, valorizar e amar.

À minha mãe, meu motor, minha melhor amiga e meu ser mais amado.

Ao meu pai por seu amor. À minha família que constantemente me apoiou para estar e permanecer, amo muito vocês.

Agradeço por estar aqui por ver meu país de outro jeito, por admirar a resiliência do meu povo perante o infortúnio da guerra e a naturalização da violência. Por apreciar o poder da esperança. Por contemplar deste lado a vida e suas intersecções, suas reinvenções, sua potência e o poder do desejo da paz.

As pessoas escondem tesouros inimagináveis no seu modo de ser, agradeço os corações que fizeram *click* com o meu, aos amigos daqui, que serão amigos no meu lugar existencial, à irmandade construída, graças a vocês fiquei como um paurodado que achou seu “em casa”, seu lugar. Especialmente a Sarah Durigan, a Samila Furlanetti, a Belizia Brito e a Katia Ormond.

À minha orientadora Maria Thereza Azevedo, quem me ensinou acreditar na cidade e ver em pequenas experiências a possibilidade de encontrar um caminho diferente para subsistir nela, apreciando o poder da vida. Obrigada professora por dar valor as minhas sensibilidades.

Agradeço aos professores e colegas do PPG em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO) pelas experiências compartilhadas, pela amabilidade, pelas aprazíveis conversas, pelos conselhos, pelo carinho. Ao professor Yuji Gushiken, por suas valiosas apreciações no meu processo de aprendizado, ao professor José Leite por me ensinar o incrível mundo do tempo e à professora Ludmila Brandão por me mostrar o maravilhoso caminho da desobediência disciplinar para interpretar o mundo.

Aos meus colegas do grupo de pesquisa *Artes híbridas, intersecções, contaminações, transversalidades* e do Coletivo à Deriva.

A maravilhosa equipe motor do *100em1dia Cuiabá* por me ensinar tanto, por construir caminhos juntos: Carolina Barros, Tatiana Horevicht, Juliana Capilé, Juliana Segóvia, Neriely Dantas, Daniela Leite, Isabel Taukane, Angélica Almeida, Ângela Fontana, Jan Moura, Sandro Lucose, Bruna Obadowski, André Torres.

Aos participantes do *100em1dia Cuiabá*, por me permitir conhecer seus relatos para apreender a cidade através das suas palavras e seus afetos, e ver a reinvenção do lugar possível a partir de suas ações. Gratidão infinita.

À equipe do movimento cidadão *100in1day* pela ajuda, o acompanhamento constante e o exemplo de trabalho rizomático.

Aos meus amigos na Colômbia por me aconselhar e me ajudar naqueles momentos que a saudade batia forte. Gratidão Sergio Alvarado, Marcela Beltrán e Santiago Torres.

Aos meus amigos americanos, que vieram como eu no Brasil à busca de novas oportunidades. Grata pelo aprendizado constante, pelos momentos compartilhados, pela companhia e os passos que juntos caminhamos. Em especial a Julián Faúndez Chaura e Jenny Melo Sánchez pela correlação, grata por me ensinar sobre processos químicos e físicos e me inspirar para aderir novos conceitos à arte de viver. Grata Nadya Serrano Abarca por me ajudar mapear as ações de uma cidade que enche meu coração de esperança. Grata Oscar Estanislao Chávez por teus conselhos e companhia.

À CAPES e ao programa de bolsas da Organização dos Estados Americanos (OEA) e o Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB) pelo apoio financeiro e diplomático que me permitiu realizar meus estudos e ter a dedicação necessária para o desenvolvimento das atividades acadêmicas.



“Sim, eu acredito que exista um povo múltiplo, um povo de mutantes, um povo de potencialidades que aparece e desaparece, encarna-se em fatos sociais, em fatos literários, em fatos musicais. É comum me acusarem de ser exageradamente, bestamente, estupidamente otimista, de não ver a miséria dos povos. Posso vê-la mas...não sei, talvez eu seja delirante, mas penso que estamos num período de produtividade, de proliferação, de criação, de revoluções absolutamente fabulosas do ponto de vista dessa emergência de um povo. É isto a revolução molecular: não é uma palavra de ordem, um programa, é algo que eu sinto, que eu vivo, em encontros, em instituições, nos afetos, e também através de algumas reflexões”.

*Assim referiu-se Guattari àquilo que vislumbrava no Brasil em 1982.
Micropolítica: cartografia do desejo (1996, P. 312)*

**Foto: Heidi Bello Medina (2015). A foto foi feita o dia da intervenção urbana “Vozes Livres sobre Tralhas” em Cuiabá. A imagem reflete sobre a desconstrução constante da vida, sobre a permanente antropofagia subjetiva, sobre a reinvenção infinita, sobre as cartografias poderosas das expressões mínimas da vida, sobre nossos nomadismos.*

Resumo

A presente dissertação desenvolve uma ponderação sobre como o festival da cidadania 100em1dia Cuiabá permite conceber formas diferentes de ler, pensar e habitar a cidade no contexto contemporâneo, levando em consideração as dinâmicas do espaço e do tempo. Com a pesquisa qualitativa de caráter etnográfico foi possível conhecer como se dá a construção de um território existencial que suscita o encontro das subjetividades flutuantes, cérebros em rede que conformam forças coletivas geradoras de revoluções moleculares para subverter os condicionamentos do planejamento urbanístico capitalista. As micropolíticas urbanas que o 100em1dia Cuiabá propicia mostram também outras conexões entre a Colômbia e o Brasil, tendo em conta a origem da iniciativa em Bogotá e as trajetórias que colocaram em sintonia os corpos desejantes das duas nações. A análise teórica possibilita o diálogo interdisciplinar dos trabalhos de Félix Guattari, Gilles Deleuze, Suely Rolnik e Peter Pál Pelbart com a geografia, a arquitetura, a comunicação e a física, entre outros campos, para pensar o 100em1dia Cuiabá como um acontecimento gerador de novas cartografias num lugar possível ao ser, um ser que tem queixas e assuntos a expressar (ser ouvido), que precisa de visibilização (ser visto), que cria uma relação de cuidado com a cidade (ser afetivo) e que cria novas possibilidades de estar juntos (ser social).

Palavras-chave: 100em1dia Cuiabá. Micropolíticas urbanas. Criatividade coletiva. Tempo na cidade.

Resumen

La presente disertación desarrolla una ponderación sobre cómo el festival de la ciudadanía 100en1día Cuiabá permite concebir formas diferentes de leer, pensar y habitar la ciudad en el contexto contemporáneo, considerando las dinámicas del espacio y del tiempo. La investigación cualitativa de carácter etnográfico permite conocer cómo se da la construcción de un territorio existencial que suscita el encuentro de las subjetividades fluctuantes, cerebros en red que conforman fuerzas colectivas generadoras de revoluciones moleculares para subvertir los condicionamientos de la planificación urbanística capitalista. Las micropolíticas urbanas que 100en1día Cuiabá propicia muestran también otras conexiones entre Colombia y Brasil, teniendo en cuenta el origen de la iniciativa en Bogotá y las trayectorias que colocaron en sintonía a los cuerpos deseantes de las dos naciones. El análisis teórico posibilita el diálogo interdisciplinar de los trabajos de Félix Guattari, Gilles Deleuze, Suely Rolnik y Peter Pál Pelbart con la geografía, la arquitectura, la comunicación y la física, entre otros campos, para pensar 100en1día Cuiabá como un acontecimiento generador de nuevas cartografías en un lugar posible al ser, un ser que tiene quejas y asuntos a expresar (ser oído), que necesita de visibilización (ser visto), que crea una relación de cuidado con la ciudad (ser afectivo) y que crea nuevas posibilidades de estar juntos (ser social).

Palabras clave: 100en1día Cuiabá. Micropolíticas urbanas. Creatividad colectiva. Tiempo en la ciudad.

Abstract

The present thesis develops a consideration about how the citizen festival 100in1day Cuiaba allows to conceive different forms of reading, thinking and inhabit the city in a contemporary context, considering time and space dynamics. With the qualitative research of ethnographic character it was possible to know how it gives the construction of an existential territory that allows the meeting of the floating subjectivities, brains in network that conform collective forces to produce molecular revolutions to subvert the conditions of the capitalist urban planning. The urban micropolitics that 100in1day Cuiaba gives, shows also other connections between Colombia and Brazil, having in count the origin of the initiative in Bogota and the trajectories that place in tuning the desiring bodies of both nationalities. The theoretical analysis makes possible the interdisciplinary dialogue of Felix Guattari, Gilles Deleuze, Suely Rolnik and Peter Pál Perbart with geography, architecture, communication and physics, between other fields, to think 100in1day Cuiaba as an event generator of new cartographies in a place that is possible to being, a being that has complains and problems to express (to be heard), that needs visibility (to be seen), that creates a relationship of care with the city (to be affective) and that creates new possibilities of being together (to be social).

Key words: 100in1day Cuiaba. Urban micropolitics. Collective creativity. Time in the city.

LISTA DE FIGURAS

Introdução

Figura 1: Cartaz de Boas Vindas de Cuiabá na rede 100em1dia. p. 20. Fonte: 100in1dia, 2015.

Figura 2: Mapa das estações do VLT. p. 22. Fonte: Diário de Cuiabá, 02/09/2012. Disponível em: <http://www.diariodecuiaba.com.br/conteudo/2012/09/02/416596.jpg>

Figura 3: Intervenção “Vozes Livres sobre Tralhas”. p. 23. Foto: Bello Medina, Heidy, 2015.

Figura 4: Intervenção “Espaço para dançar”. p. 25. Foto: Bello Medina, Heidy, 2015.

Capítulo I

Figura 1: Reunião para a conformação da equipe motor. p. 35 Foto: Bello Medina, Heidy, 2016.

Figura 2: Primeiro encontro cidadão do 100em1dia Cuiabá. p. 39. Foto: 100em1dia Cuiabá, 2016.

Figura 3: Segundo encontro cidadão do 100em1dia Cuiabá. p. 40. Foto: 100em1dia Cuiabá, 2016.

Figura 4: Corredor do cuidado - terceiro encontro cidadão do 100em1dia Cuiabá. p. 41. Foto: 100em1dia Cuiabá, 2016.

Figura 5: Terceiro encontro cidadão do 100em1dia Cuiabá. p. 41. Foto: 100em1dia Cuiabá, 2016.

Figura 6: Quarto encontro cidadão do 100em1dia Cuiabá. p. 42. Foto: 100em1dia Cuiabá, 2016.

Figura 7: Quinto encontro cidadão do 100em1dia Cuiabá. p. 43. Foto: 100em1dia Cuiabá, 2016.

Figura 8: Sexto encontro cidadão do 100em1dia Cuiabá. p. 43. Foto: 100em1dia Cuiabá, 2016.

Figura 9: Principais temas de discussão no projeto. p. 44. Foto: Azevedo, Maria Thereza & Bello Medina, Heidy, 2016.

Capítulo II

Figura 1: Imagens de Cuiabá em Google p. 66. Foto: Bello Medina, Heidy, 2016.

Figura 2: Ação “Passarinhando no Parque”. p. 67. Foto: Bello Medina, Heidy, 2016.

Capítulo III

Figura 1: Exemplo de discussões sobre ações no grupo de Facebook p. 88. Fonte: Bello Medina, Heidy, 2015.

Figura 2: Foto da Avenida do CPA antes das obras do VLT. p. 90. Foto: Disponível em: <http://www.olhardireto.com.br/imgsite/noticias/390278/amp-21888768.jpg>

Figura 3: Foto da Avenida do CPA durante as obras do VLT. p. 90. Foto: Disponível em: <http://copa.olhardireto.com.br/imgsite/noticias/vlt-av-do-cpa.jpg>

Figura 4: Ação “Cadê a árvore que estava aqui”. p. 91. Foto: De La Cruz, Mari Gemma, 2016.

Figura 5 Ação “Manhã de lazer no Centro Geodésico da América do Sul”. p. 94. Foto: Sampaio, Bruno, 2016.

Figura 6: Ação “Pedras No Caminho”. p. 95. Foto: 100em1dia Cuiabá, 2016.

Capítulo IV

Figura 1. Ação “Churrascão no Viaduto”. p. 115. Foto: Othon, Elizabeth, 2016.

Figura 2: Mímicos nas ruas de Bogotá. p. 120. Foto: Pedestre (5 de janeiro de 2009). Disponível em: <https://ciudadpedestre.files.wordpress.com/2009/01/1-mockus1-450.jpg>

Figura 3: Mockus apresentando à mídia a estratégia do cartão vermelho. p. 121. Foto: Revista El Rodaje. Disponível em: <http://tengootraobjecion.blogspot.com.br/2010/06/fotocritica-del-fracaso-electoral-de-la.html>

Figura 4. Ação “O recreio” acontecida durante o primeiro 100em1dia Bogotá. p. 124. Foto: 100em1dia Bogotá, 2012.

Figura 5. Ação “A faixa de cores” acontecida durante o primeiro 100em1dia Bogotá. p. 125. Foto: 100em1dia Bogotá, 2012.

Figura 6: Ação “Arte Pedestre”. p. 127. Foto: Bello Medina Heidy, 2016.

Considerações finais

Figura 1. Rio Coxipó na Região de São Gonçalo. p. 133. Fonte: Albich, Luzia, 2016.

Figura 2. Ação “Reviver São Gonçalo”. p. 134. Foto: Albich, Luzia, 2016.

Figura 3. Ação “Performance ‘Maiêutica’ na vala do VLT”. p. 135. Foto: Othon, Elizabeth, 2016.

Figura 4. Ação “Balanços no viaduto”. p. 135. Foto: Othon, Elizabeth, 2016.

Figura 5. Ação “Revitalização do Pátio do Hospital Aduino Botelho”. p. 137. Foto: Almeida, Angélica, 2016.

Figura 6. Ação “Domingo no Museu Histórico”. p. 138. Foto: Miyashita, Fernanda, 2016.

LISTA DE MAPAS

Capítulo I

Mapa 1: Encontros Arte-Vida no espaço urbano. p. 49. Elaboração: Nadya Serrano Abarca.

Mapa 2: Cuidado do outro. p. 50. Elaboração: Nadya Serrano Abarca.

Mapa 3: Entornos Virtuais da Cidade. p. 51. Elaboração: Nadya Serrano Abarca.

Mapa 4: Os afetos na cidade. p. 52. Elaboração: Nadya Serrano Abarca.

Mapa 5: Olhos abertos à cidade. p. 53. Elaboração: Nadya Serrano Abarca.

Mapa 6: Ouvidos ao que há na cidade. p. 54. Elaboração: Nadya Serrano Abarca.

Mapa 7: Um espaço para estar juntos. p. 55. Elaboração: Nadya Serrano Abarca.

Considerações finais

Mapa 1: Trajetórias da força invenção. p. 131. Elaboração: Nadya Serrano Abarca.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I - 100EM1DIA CUIABÁ, CARTOGRAFIAS DA VIDA	34
1.1 Experiências para potencializar a vida	34
1.2 Trajetórias de um lugar possível	45
CAPÍTULO II - CIDADE LIDA, VIVIDA, AMADA	56
2.1 A leitura da cidade: aproximações ao ser-lugar	58
2.2 O processo leitor do urbano	61
2.3 Cidade, corpo e memória	69
2.4 Cuiabá segundo as pessoas	71
CAPÍTULO III - O TEMPO NA CIDADE	77
3.1 O tempo, definições recíprocas	78
3.2 De cronos e pólis, correlatos	82
3.3 100em1dia como acontecimento	85
CAPÍTULO IV - MICROPOLÍTICAS URBANAS NO 100EM1DIA	98
4.1 Nós e a cidade, subjetividades flutuantes	100
4.2 Micropolíticas urbanas: vertentes possíveis	106
4.3 Mockus e o 100em1dia, gênese das conexões possíveis Colômbia – Brasil	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS	139
ANEXO A: DOCUMENTO ORIGINAL DE CADASTRO DE 100EM1DIA CUIABÁ	145

INTRODUÇÃO

As palavras são portadoras de experiências vivas.

Suely Rolnik

Início a introdução a esta dissertação em primeira pessoa, o leitor entenderá em decorrência deste percurso qual é a motivação e por que não poderia ser de outro modo, tendo em conta os diversos acontecimentos que atravessaram este caminho do mestrado e que me colocam num tempo e num lugar.

O caminhante elege sua bagagem, sabe com o que vai, o que o acompanha e no trajeto descobre suas afetações, suas motivações e ainda mais bagagem, aquilo que pensou não levar, não criar, não imaginar. Após uma viagem sempre se retorna com mais bagagem da inicial. A vida se potencializa com pequenos impulsos, vamos deixando pele e formando novas camadas. O tempo flui, mas leva com ele mesmo fragmentos do que somos, somos quebra-cabeças, vamo-nos formando pouco a pouco.

Tenho compreendido neste fragmento de vida, durante quase dois anos de minha estadia no Brasil, que o tempo e nós somos recíprocos, ele nos determina e nós o carregamos de sentido, o fazemos significativo. É necessário apreciar o tempo e refletir sobre ele porque atravessa todas nossas ações, finalmente como disse o astrofísico Alan Lightman, o tempo é metaforicamente essa ave que voa e todos de uma ou outra forma querem capturar.

O acontecido durante este processo no tempo estabelece uma relação com o ato de caminhar. Ir a uma cidade requer caminhar, percorrer, andar. Assim, caminhar não é um simples ato, algum banal, mas é a apreciação de uma pele sobre outra pele, é o que o faz que as relações que se teçam entre o ser e o lugar sejam epidérmicas. A partir da prática, da experiência também se tem conhecimento da relação do ser e do outro, se chame cidade, pessoa, árvore, sol, etc. Todos somos caminhantes.

Faz-se um bom caminho quando se é consciente do que se está a caminhar, do meio, de si, do subjetivo, de outras narrativas e narrativas dos outros. Utilizarei uma frase que nasceu a partir dos momentos de leitura, quando ideias sobre o

tempo pululavam incessantemente em minha mente e que, finalmente, daria um novo sabor a esta experiência como estrangeira, transeunte, estudante, investigadora e habitante: somos pés: passos e pegadas.

Este preâmbulo serve para retratar meu processo migratório, potência de meu trabalho, pois o sentido de ser-lugar, ao que me referirei mais adiante no texto, se fez viável a partir da proximidade com o espaço. Sou próxima de Bogotá e de Cuiabá. Minha aproximação a Bogotá (onde nasceu 100em1dia) está dada porque vivo a poucos quilômetros e tenho desenvolvido parte de minha vida na capital da Colômbia por diversos motivos. Foi ali onde conheci o festival da cidadania. Sou próxima de Cuiabá porque fui selecionada para estudar o mestrado na capital de Mato Grosso, mas, além disto, porque neste lugar tenho encontrado o *em casa* a que se refere Suely Rolnik (1998), um lugar possível para ser, em seu sentido ético, político e estético.

Desde este sentir poético, empreendo um trajeto para introduzir ao leitor o percurso da dissertação, não sem antes explicar o uso de uma ferramenta que tacitamente tenho levado comigo. Valorizando mais que métodos cartesianos, a intuição, trata-se da bússola, entendida em sentido metafórico para descrever o processo adiantado.

Com a bússola a corporalidade é possível. Parte-se de um corpo que procura algo, a te indicar, o que provar, entender, aprovar, duvidar e crer. A bússola aparece como aparelho enigmático, complementa-se com raciocínios e com palpitações. Ela é a prova das possibilidades, faz falta um desejo que lhe dê significado, o desejo de um corpo para se movimentar, para encontrar, ir ou voltar. A bússola não é a resposta, mas é uma ferramenta de força, no sentido de sua potência. Seu contínuo movimento indica vitalidade e confusão. A bússola dá lugar à errância e à deambulação, à prática e à valoração do trajeto, do caminho, do caminhante e do meio que lhe permitiu chegar a um destino, quiçá para embarcar em outros rumos.

A bússola permite localizar-me desde meu lugar para encontrar uma orientação, é uma referência espaço-temporal. Ela parte da experiência do presente,

não o privilegiando como tempo único, mas distinguindo-o. A bússola sabe que o tempo flui ainda que não o contabilize.

A diferença entre a bússola e as ferramentas mais inovadoras como o GPS é que este último dá tudo pronto, é automático, enquanto a bússola necessita um processo de revisão do sujeito (ser do desejo) e o caminho ou trajeto a seguir. Permite ancorar referências, para seguir o rumo, a apreciação ou leitura do espaço também é diferenciada, se requer da apreciação dos horizontes, o contato com o meio é vital.

Antes de conhecer as coordenadas e iniciar a viagem, é preciso admirar a paisagem inicial. Numa entrevista de Teresa Ferreira (2009) para Arjun Appadurai ela sugere a carta náutica como um instrumento a ser utilizado na geografia dos afetos, levando em consideração que cartografar no mapa demanda fixar as coordenadas, mas a carta permite a fluidez dessas coordenadas. Appadurai assinala que a ferramenta gera uma ótima imagem porque facilita apreciar a reação às coisas em movimento, o nosso próprio barco, a paisagem, a posição em que nos encontramos, entre outros.

Desta maneira a carta náutica desta dissertação permitirá navegar em diversas direções, por diversos territórios, guiados por diversas estrelas, ancorados em vários territórios e tempos, à procura para não pisar em terra firme, mas de entender as sintonias que flutuam na luta da construção de cidades para pessoas, de lugares melhores. A paisagem na posição em que nos encontramos permite apreciar dois elementos em movimento (espaço-tempo): o 100em1dia e a cidade de Cuiabá, que no trajeto da dissertação não formam uma peça única, mas múltiplas possibilidades de relacionamento (Colômbia-Brasil, universidade-cidade, pessoas-espaço etc.)

A iniciativa

O festival da cidadania 100em1dia nasceu em Bogotá em 2012, a partir de uma ideia gerada em conjunto entre o grupo *Acciones Urbanas*, de Bogotá e *Ciudadanía Activada*, da Dinamarca, visando a transformação da capital da Colômbia num espaço habitável que gerasse melhores condições de vida, através

da mudança da cultura cidadã do local. A proposta foi a organização de 100 ou mais ações urbanas positivas realizadas durante 1 dia, através das quais os sujeitos expressassem seu afeto pela cidade.

Os jovens que integravam os grupos trabalharam unidos à procura de ferramentas de mediação e comunicação que mobilizassem os residentes de Bogotá a realizar 100 ações de cidadania durante 24 horas. As intervenções e interações foram possíveis a partir de um processo de reflexão sobre os principais problemas de Bogotá como a mobilidade, a saúde pública, a intolerância, a insegurança, a corrupção, entre outros, mas também dos potenciais da urbe.

Na primeira edição do 100em1dia Bogotá, no dia 26 de maio de 2012, houve 250 ações cidadãs. Após o sucesso obtido nessa primeira jornada, o modelo foi aplicado em Pasto, uma cidade de aproximadamente 400 mil habitantes, localizada no sul da Colômbia. Logo, São José na Costa Rica seria a primeira cidade fora da Colômbia em participar da iniciativa. Graças a que pessoas acreditaram na possibilidade de mudar sua cidade e se ofereceram como voluntários na construção desse lugar desejado, nasceu o movimento cidadão 100em1dia, uma plataforma aberta de co-criação conformada por 30 cidades de 4 continentes do mundo, entre as quais se encontram as brasileiras, Rio de Janeiro, Blumenau e Cuiabá.

A cidade

Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso, está localizada no centro-oeste do Brasil e na parte mais central de América do Sul (Centro Geodésico). A Ata de Fundação da cidade foi assinada no dia 8 de abril de 1719, através de uma convocatória de Pascoal Moreira Cabral, tempo depois de que os bandeirantes paulistas tivessem atravessado nessa zona, que segundo o Tratado de Tordesilhas correspondia aos espanhóis. Segundo o histórico do município, Manoel de Campos Bicudo foi o primeiro bandeirante paulista a chegar a Cuiabá, entre 1673 e 1682. No ponto de confluência do rio Coxipó com o rio Cuiabá, fundou o primeiro povoado da região ao qual deu o nome de São Gonçalo, santo padroeiro dos navegantes, (atual Comunidade de São Gonçalo Beira-Rio) (Cuiabá, 2007b).

A cidade, próxima aos 300 anos, conta com uma população estimada de 585.367 habitantes, de acordo com o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2016. Cuiabá forma uma conurbação com o vizinho município de Várzea Grande, cuja população estimada é de 271.339 pessoas (IBGE, 2016). A união das duas cidades constitui a Grande Cuiabá, núcleo da Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá (RMVRC), criada pela Lei Complementar Estadual nº 359/09. São parte também da RMVRC os municípios de Santo Antônio de Leverger e de Nossa Senhora do Livramento.

O maior crescimento da cidade registra-se desde a década de 1960 quando Cuiabá contava 57.860 habitantes, de acordo com os registros do IBGE. Segundo o Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Urbano da Prefeitura de Cuiabá (2007a), o significativo aumento da população é consequência dos incentivos federais para a ocupação da Amazônia e a integração nacional. As medidas fizeram com que grandes empresas agropecuárias se instituíssem no Norte do Estado, (Região da Amazônia matogrossense), fenômeno que propiciou em Cuiabá fluxos migratórios em constante crescimento que demandaram a ampliação urbana.

O início de outra relação entre a Colômbia e o Brasil

Em 2014 a Capes aprovou o projeto Cidade Possível, ligado ao programa de pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO) da Universidade Federal de Mato Grosso e ao grupo de pesquisa *Artes híbridas, intersecções, contaminações, transversalidades*. Cidade Possível nasceu motivado pela urgência de pensar e agir na cidade tendo em conta que a vida se mostrando está como inviável, mas também porque ainda existe esperança, segundo Maria Thereza Azevedo, coordenadora do projeto.

Cidade Possível se propôs a discutir a cidade de Cuiabá na época do seu aniversário, durante uma semana (2 - 7 de abril de 2016), pensando a cidade rumo aos 300 anos, a partir das apresentações de pensadores nacionais e internacionais que desenvolvessem trabalhos sobre o urbano em diversas disciplinas. Outro cenário disposto para discutir a cidade foi o II Colóquio Cidade Pensada, um espaço para apresentar pesquisas geradas na Universidade Federal de Mato Grosso em diversas

áreas, sugerindo um diálogo interdisciplinar que aproximasse a universidade à cidade.

O agir tinha que possibilitar uma proximidade maior entre as pessoas para construir sua cidade. Foi assim como em 2015, Cuiabá entrou na rede global como a cidade número 28 em organizar o festival da cidadania 100em1dia. O 100em1dia Cuiabá foi abraçado pelo projeto Cidade Possível. Desse acontecimento deriva-se a presente dissertação.

FIGURA 1: CARTAZ DE BOAS VINDAS DE CUIABÁ NA REDE 100EM1DIA



Fonte: 100in1day, (2015)

Desta maneira, a bússola desta investigação projetou como norte magnético saber como se constroem outras cartografias de Cuiabá a partir da organização e realização do festival cidadão 100em1dia, possibilitando também conhecer a geração de outras conexões entre a Colômbia e o Brasil, através do que Guattari, Deleuze e Rolnik têm desenvolvido sob o conceito de micropolíticas.

É necessário enfatizar que a pesquisa não procurou diferenças entre as maneiras de execução do projeto 100em1dia de Bogotá (Colômbia) e de Cuiabá (Brasil), mas nós que possamos unir a maneira como se pensa e atua na cidade

contemporânea, as afetações mútuas, as necessidades vigentes das pessoas, as subjetividades conectadas, e as revoluções moleculares, possíveis nesse caso, a partir das intervenções/ações urbanas como geradoras de rupturas para a vida acontecer no contexto das cidades capitalísticas.

Propor-se-ão as quatro coordenadas: leste (experiências), sul (metodologia), norte (referências teóricas) e oeste (conteúdo-capítulos).

Coordenada leste: nascimento da experiência

Corria o primeiro semestre de 2015. As classes da matéria “Estéticas emergentes da cidade”, do Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, incitavam a pensar na forma de estruturação das cidades contemporâneas e apresentavam a pertinência de estabelecer uma relação arte-vida. Os debates eram guiados por leituras e fortalecidos pelas experiências de habitar, de ser, de pertencer, das mudanças, das estranhezas e dos afetos.

A disciplina, a cargo da professora Maria Thereza Azevedo, propôs um enfoque teórico-prático: pensar a cidade e praticá-la. Assim teve como referência o *Coletivo à Deriva*, braço laboratório do grupo de pesquisa *Artes híbridas, intersecções, contaminações, transversalidades*, que desde 2009, a partir da experiência na sala de aula, realizava intervenções/ações urbanas em Cuiabá, para ressignificar vários lugares da cidade. Desta maneira, tinham sido ocupados: o Morro da Luz, o Porto, a Praça Ipiranga, a Praça da República, a Praça da Mandioca (Largo) e tinha-se proposto a ação “*Passeio de sombrinhas*”¹, a partir da experiência das pessoas de procurar uma sombra ao caminhar na cidade, sob uma temperatura média de 40 graus.

Após o estudo atento dos antecedentes e a partir de uma leitura da cidade, era necessário propor uma ação urbana, algo pensado em conjunto. As subjetividades ligaram-se e as afetações surgiram, havia um fato que incomodava, não eram simples sussurros dos meios de comunicação, os quais de qualquer jeito não deixavam de lhe dar importância. A Grande Cuiabá, conformada pela capital do

¹ Ver: Azevedo, Maria Thereza Oliveira. Passeio de sombrinhas: poéticas urbanas, subjetividades contemporâneas e modos de estar na cidade. *Revista Magistro*, n 8, 2013.

expuseram-se imagens tomadas no canteiro de Várzea Grande e parte da rota em Cuiabá, gerando sentimentos de inconformismo e vergonha, e dando relevância à memória como potência. Em definitivo, o inconformismo causado por este acontecimento era algo que não se devia esquecer, porque não tinha cicatrizado.

Dado a proximidade geográfica, elegeu-se atuar no viaduto localizado na Av. Fernando Corrêa, uma construção recente, produto da reordenação da cidade para a Copa, onde também passaria o VLT. Após uma prévia visita ao lugar, o qual nenhum dos visitantes tinha percorrido, reafirmamos a necessidade do ocupá-lo. Dispôs-se realizar ali a intervenção *Vozes Livres sobre Tralhas*², uma comemoração do primeiro aniversário da Copa, data que conotava o descumprimento do VLT, atuaríamos segundo uma comemoração crítica, “o aniversariante que nunca chegou!”.

FIGURA 3: INTERVENÇÃO “VOZES LIVRES SOBRE TRALHAS”



Foto: Bello Medina (2015)

A celebração foi festiva, havia uma placa desenhada onde aparecia um trem e um motorista, outra com a bilheteira da estação UFMT e uma última que falava VLT; também se decorou o lugar com balões pretos. Teve bolo, música, brigadeiros

² O registro do acontecimento está disponível na Fan Page do Facebook <https://www.facebook.com/Vozes-Livres-sobre-Tralhas-1635808969964363/?fref=tse>.

para os participantes e condutores que esporadicamente se somaram à reclamação tocando a buzina, também se escutaram vozes que gritando perguntavam “Cadê o aniversariante?”.

Esta primeira experiência tinha marcado um antes e depois para o sujeito (eu) e iria dando um curso, pouco a pouco, à presente pesquisa. Na sala de aula, durante a organização da intervenção VLT, apresentei o festival da cidadania 100em1dia, como exemplo de que na Colômbia também havia preocupações similares. Cem ações é um número significativo, que acentuado pela breve quantidade de tempo em que acontecem, chamou a atenção dos participantes.

Por minha parte tinha sido afetada pela intervenção, quantas vezes reclamei pelos constantes casos que tinham acontecido na Colômbia sem saber como expressar em outro lugar diferente da sala de aula, das redes sociais ou das reuniões com amigos ou família. Como diz Larrosa (2002) é importante pensar a educação a partir da relação experiência/sentido, tendo em conta que essa experiência é aquilo que nos passa e nos toca.

Desta vez sentia que tinham acontecido duas situações determinantes. A primeira, ocupar um lugar impensável, quebrando o conceito do que está permitido para os corpos como (calçadas, praças etc.), entramos ao lugar para dar-lhe outro significado. A segunda, descobrir que a arte era uma maneira importante de se comunicar, que pessoas comuns poderiam fazê-lo porque este se aproximava cada vez mais do cotidiano (arte contextual, arte relacional), e que, aliás, tínhamos força como coletivo.

Após o dia 14 de junho de 2015, em que se comemorou a intervenção, e partindo das reflexões posteriores, realizadas individualmente e compartilhadas coletivamente³, e que foram motivo de posteriores discussões com a professora Azevedo, houve uma intenção de celebrar o aniversário 297 de Cuiabá, realizando desde esse mês (agosto) até o 8 de abril, dia do aniversário de Cuiabá, o mesmo número de intervenções que a idade da cidade (297), as quais seriam registradas num site.

³ Reflexões teóricas disponíveis no Blog Vozes Livres sobre Tralhas em: <http://vozeslivressobretralhas.blogspot.com.br/>

Em seguidas reuniões, iríamos com mais propostas para Cuiabá. Eu somava outra experiência após participar na intervenção “Espaço para dançar” realizada no chafariz localizado na Praça Ipiranga, junto com outros estudantes do Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, uma grande parte dos membros do Coletivo à Deriva, desta vez com o acompanhamento do professor Yuji Gushiken.

FIGURA 4: INTERVENÇÃO “ESPAÇO PARA DANÇAR”



Foto: Bello Medina (2015)

As discussões levaram a perceber que a cidade precisava de uma visibilidade, que não fosse dada pelas mesmas condições como naquelas nas quais a Copa aconteceu, assim nasceu um interesse por juntar forças com pessoas de outros lugares e ingressar à rede mundial 100em1dia. Eu fiz parte do processo.

Após ser parte da equipe organizadora e partícipe do 100em1dia Cuiabá, afirmei minha preocupação por causas como a preservação da fauna urbana (em especial das aves como espécies guarda-chuva), dos pedestres desde sua condição e importância dentro da mobilidade na cidade, do conhecimento das diferentes culturas existentes na cidade, entre outras. Foi possível estabelecer esta experiência como minha coordenada este, o lugar onde se dá um nascimento.

Coordenada sul: metodologia

O ingresso de Cuiabá na rede 100em1dia permitiu derivar desta ação múltiplos questionamentos para pensar a cidade e suas dinâmicas, pelo qual a presente pesquisa, procura conhecer como o processo de acoplamento do modelo trazido de Bogotá, constrói uma nova cartografia de Cuiabá a partir da realização de 100 ações cidadãs em 1 dia, as quais permitiram por sua vez a geração de uma nova história das relações entre Colômbia e Brasil, naquilo que Guattari, Deleuze e Rolnik têm desenvolvido sob o conceito de *micropolíticas*.

Conceber o 100em1dia Cuiabá e a maneira como a iniciativa foi aceita, adaptada, interiorizada e executada em Cuiabá, demanda pensar em uma pesquisa com diversas etapas encadeadas que devem ser apresentadas não somente como uma descrição, mas como um registro de uma experiência que pode ser útil num diálogo de saberes sobre a cidade e como uma ferramenta cidadã, por tanto ela se mostra como um ato político que tenta deixar precedentes da biopotência do coletivo.

A pesquisa de caráter qualitativo permite atingir os objetivos propostos, na medida em que através dela é possível a interação e o atravessamento teórico interdisciplinar, entre vários campos de estudo preocupados pela cidade e modos de viver e ser neste lugar no contemporâneo. Mas também proporciona a oportunidade de localizar o pesquisador dentro do mundo de práticas materiais e interpretativas que permitam conhecer a realidade e aportar para a constituição de uma sociedade democrática (DENZIN; LINCOLN et al, 2006).

Acha-se na pesquisa qualitativa a possibilidade de ver de maneira detalhada os sujeitos do estudo através da experiência, um mundo onde flutuam os desejos individuais e coletivos, que entram em constante contato com a cultura. Por conseguinte, o foco proposto é o da observação-participante, mas é preciso considerar que a pesquisa é alimentada através de diversas técnicas.

É necessário salientar nesta pesquisa a relação da pesquisadora e sua biografia, não somente pela imersão que se faz nos grupos estudados na Colômbia e no Brasil, mas também porque sem comprometer o estudo, sua intermediação é

indispensável na relação que se pretende mostrar entre os dois países, desde o propósito da pesquisa.

O 100em1dia Cuiabá faz parte de uma série de movimentos e iniciativas globais que procuram aquilo que Lefebvre denominou de “o direito à cidade”. A análise das micropolíticas urbanas tecidas entre a Colômbia e o Brasil, a partir da realização da iniciativa, conduzem a pesquisa num *locus* principal: Cuiabá, embora se tenha procurado estabelecer uma aproximação ao movimento e a compreensão das dinâmicas de Bogotá, para saber quais foram os acontecimentos, personagens e o contexto que motivaram a criação e continuidade da iniciativa.

Tendo em conta o curso do 100em1dia Cuiabá, identificam-se quatro momentos que definem a construção da nova cartografia em Cuiabá e que foram alimentados por recursos bibliográficos específicos:

1. Cadastro de Cuiabá na rede

A aproximação com o fenômeno estudado nesta etapa desenvolvida desde agosto até o dia 4 de outubro, quando Cuiabá ingressa oficialmente na rede, é caracterizado pela observação-participante que dá relevância à experiência do pesquisador para a geração de informação no contexto do trabalho de campo.

Neste ponto começaram a se realizar reuniões para a organização da proposta da cidade, as quais permitiram a conformação da equipe motor, termo que denomina o grupo iniciador, responsável de ser multiplicador do projeto e vinculador de mais pessoas. Também se fez a seleção e apresentação da informação da cidade para ingressar na rede. Distingue-se que o processo adiantado não coloca a iniciativa em Bogotá, onde nasceu e a qual coordena, como um centro hegemônico, mas como um nodo facilitador das conexões e organizador das cidades envolvidas.

Nesta etapa também é importante salientar o início do contato com a equipe de pessoas do 100em1dia, representados por Diego Rojas Cuadros, com quem se realizaram várias conversas, inicialmente a partir de e-mail e depois através de Skype para conhecer o projeto e compartilhar experiências para executar o festival em Cuiabá.

A coleta de dados também foi dada a partir de fotos e do documento do cadastro de Cuiabá (Anexo A) no movimento cidadão 100em1dia, um recurso importante para a pesquisa, tendo em conta que a partir dele se faz uma primeira leitura da cidade a partir de diversos documentos e notícias, mas também das pessoas da equipe mencionada, quem expõe sua percepção da cidade e as motivações para fazer parte do 100em1dia em Cuiabá.

2. Etnografia de ambientes virtuais

Posterior ao ingresso na rede foi criado o grupo CIDADE POSSIVEL100em1diaCUIABÁ no Facebook para convidar as pessoas a participar, tendo em conta a rede social como ferramenta de comunicação. Neste momento foi importante adiantar uma etnografia em entornos virtuais para monitorar e registrar a participação dos sujeitos, a partir da circulação de vídeos, fotografias, sites e a geração de conversas sobre diversos temas relacionados à cidade.

Sobre a coleta de dados nos ambientes virtuais, Orellana López e Sánchez Gómez (2006) validam a observação como instrumento importante para que o pesquisador possa analisar várias vezes a informação tendo em conta a permanência neste cenário.

As dinâmicas observadas permitiram obter um diagnóstico preliminar das necessidades (percepções) sobre Cuiabá e vislumbrar o rumo das ações cidadãs do 100em1diaCuiabá.

O processo de acompanhamento permaneceu ainda depois do dia 3 de abril de 2016, para conhecer as percepções posteriores dos participantes e o registro das informações geradas pelas pessoas sobre o 100em1dia Cuiabá.

3. Reuniões e encontros

A presente fase é caracterizada pela imersão nos grupos que foram se conformando para a realização do Festival da cidadania e o desenvolvimento das ações. Foi um período de aproximadamente sete meses para conhecer a percepção da realidade das pessoas, motivo pelo qual exigiu, além da observação, uma capacidade para escutar. O antropólogo colombiano Eduardo Restrepo salienta a

importância da escuta na etnografia e menciona (2013, p. 4): “Para escuchar se requiere estar atento, no sólo a lo que se dice, sino también a la forma en que se dice, quién y cuándo se dice. Como si fuese poco, hay que estar atento a los silencios que pueden decir tanto como las palabras”. Foi desta maneira como cada encontro com as pessoas, trazia algo novo que me permitisse conhecer a Cuiabá que está além das informações da mídia, foi possível descobrir a nostalgia nos relatos e a esperança nos olhares.

A etapa registrada de outubro até abril toma-se como central porque foi a partir dela como se registraram os desejos que permitiram construir as micropolíticas urbanas, produzidas a partir da conexão das subjetividades flutuantes, marcadas pelas narrativas de si.

É preciso distinguir dois processos: reuniões e encontros, pois cada um apresenta dinâmicas próprias. O termo reunião é utilizado, no processo de desenvolvimento do 100em1dia Cuiabá, como um ato de aproximação às pessoas, instituições, coletivos e grupos para apresentar o projeto e obter parcerias, e ir estruturando o projeto a partir das considerações das pessoas para logo comunicar o Festival da Cidadania à comunidade cuiabana, e deste modo adaptar a iniciativa às dinâmicas da cidade e aos modos de relacionamento social dados no contexto.

Denominaram-se encontros às situações provocadas para compartilhar com os cidadãos a iniciativa, através das quais pessoas se foram comprometendo em agir na cidade, vinculando outros sujeitos para participarem. Através de seis encontros, percebeu-se a contaminação das pessoas por meio das narrativas, dos relatos, dos afetos, que *affectaram* os sujeitos. A leitura da cidade deu-se em relação aos seres.

4. 100em1dia Cuiabá

Esta etapa ocorreu não somente a partir da execução de 101 intervenções/ações, mas desde o registro de 107 atividades no site 100em1dia.org, que permitiu tanto à equipe motor quanto às pessoas no geral criar uma rota para participar ativamente das intervenções/ações espalhadas pela cidade.

Este momento permitiu refletir sobre o tempo na cidade e o tempo potencializador e como ruptura dentro do cotidiano. As funções dadas ao tempo a partir do acontecimento permitiram conceber uma cidade a partir do estranho, do extraordinário.

A coleta de dados desta etapa foi dada a partir de fotos, diário de campo, vídeos e informação divulgada no site do 100em1dia e nas redes sociais por meio do hashtag⁴ #100em1diaCuiabá. Aliás, se realizou entrevistas qualitativas, recurso que permite, desde o ponto de vista epistemológico (POUPART, 1997), um conhecimento profundo das percepções dos atores e a análise de suas condutas no marco social dentro da cidade.

Coordenada norte: referenciais teóricos

Pensar as cidades tem se tornado cada vez mais uma missão importante e arriscada. Importante porque nela se geram múltiplas dinâmicas que afetam um mundo interconectado, cada vez mais arterial; arriscada, porque parece difícil saber desde onde ela deve ser pensada, não há camadas separadas, mas somas de somas; ela se mostra como um organismo vivo onde há fluxos transversos, todo está ligado, não há uma única disciplina envolvida. Existe então uma complexidade nas definições de cidade e ainda mais de cidadania e surgem mais questões em torno da constituição das cidades, que já desde faz muito deixou de ser um tema só a cargo dos urbanistas e arquitetos: para quem são as cidades?

O percurso teórico propõe principalmente estabelecer uma rota epistêmica entre autores que propõem um estudo consciente da vida vista em pequenas dimensões, dando valor aos desejos, afetos e inovações que geram transformações no espaço urbano, onde os processos de resignificação do público e do poder cidadão são redefinidos, dando lugar ao poder individual e coletivo denominado aqui desde as micropolíticas urbanas.

⁴ Hashtag é uma palavra-chave antecedida pelo símbolo #, utilizada para categorizar a informação que é publicada nas redes sociais como Instagram, Twitter, Facebook, entre outras. Seu uso permite a interação de várias pessoas sobre determinado tema.

O tempo na cidade também é vital para compreender a relação cidade-sujeito, porque permite pensar na memória, a experiência, o acontecimento que foi o 100em1dia Cuiabá e a construção do cotidiano.

A pesquisa exigiu a abordagem de autores que fazem uma crítica da cidade contemporânea, analisando as características do espaço e neste as hegemonias instauradas e as relações de poder que respondem às dinâmicas da globalização. Por isso, a análise teórica possibilita o diálogo interdisciplinar dos trabalhos de Félix Guattari, Gilles Deleuze, Suely Rolnik e Peter Pál Pelbart com a geografia, a arquitetura e a comunicação, a física, entre outros campos.

Deslocar-se entre campos disciplinares não só apresenta uma visão mais ampla, também permite um encontro epistêmico conciliatório para criar um conhecimento útil que possibilite a vida na cidade contemporânea, reflexo no espelho do sistema capitalista.

Dado que a pesquisa permite estabelecer uma conexão entre cidade e cidadania, estudaram-se as ações urbanas cidadãs do 100em1dia Cuiabá sobre as categorias de cidade (percepção e experiência), micropolíticas urbanas (subjetividades) e o tempo como um potencializador (acontecimento e devir). As categorias, apresentadas de maneira interrelacionada, são apropriadas em seu amplo estudo já que podem inserir-se nelas um caráter político que leva a procurar o conceito de direito à cidade.

Coordenada oeste: conteúdo-capítulos

A presente dissertação centra-se na realização do festival da cidadania 100em1dia Cuiabá, para desde seu processo na cidade brasileira conhecer a forma como muda a relação das pessoas com o lugar, mas também para estabelecer novas relações com a Colômbia a partir do surgimento da iniciativa em Bogotá em 2012.

Os capítulos apresentados nesta dissertação permitem meditar sobre vários temas que foram determinados pelo curso da investigação, a partir da consideração do festival da cidadania 100em1dia Cuiabá como um processo de reflexão/ação, no entanto, foi necessário fazer um desvio e dar prioridade à ação para nos conduzir

às discussões suscitadas a partir do Festival. O primeiro capítulo: *100em1dia Cuiabá, cartografias da vida* permitirá dar conta das cartografias produzidas a partir de 100em1dia Cuiabá como experiência, que permitiu a criação de outros trajetos na cidade como o dos afetos, o cuidado do outro, a arte-vida-espço etc. No segundo: *Cidade lida, vivida, amada*, é possível pensar na construção da percepção sobre a cidade, considerando as mediações e a relação do corpo como possibilitador do conhecimento sobre o espaço urbano. O terceiro capítulo: *O tempo na cidade* pondera a cidade não somente como uma construção do espaço, mas das dinâmicas do tempo, da história que se constrói, da experiência, do acontecimento, da memória, do presente e da esperança no futuro. O quarto capítulo: *Micropolíticas urbanas no 100em1dia* analisa a vida no espaço urbano tendo em conta a produção de subjetividades no contexto da cidade capitalística, também outorgando importância a criatividade coletiva derivada da biopotência.

Bússola na mão

Desta maneira, esta longa, mas necessária introdução mostra as coordenadas de pesquisa, de acordo ao uso dos pontos cardinais na bússola (em relação à observação do sol) combinados com um sentido metafórico: este o nascimento do sol (experiência); norte e sul apontam à superfície terrestre (referente bibliográfico e metodologia de pesquisa), e oeste indica o lugar onde se oculta o sol, que para alguns povos originários não significa morte, mas a consecução, a esperança de um novo dia ou a espera de novas oportunidades. O final do dia é o momento de encontro para refletir desde si sobre o que nos passou. Neste caso, o conteúdo desta dissertação é o pôr do sol do acontecido no 100em1dia Cuiabá.



Ação "100 balões pela paz do Brasil".

Às 00h00 do domingo 3 de abril de 2016 as pessoas que participavam da cerimônia de abertura do evento Cidade Possível elevaram 100 balões brancos pedindo pela paz do Brasil, tendo em conta a difícil conjuntura sócio-política do país. A ação marcou o início do 100em1dia Cuiabá.

**Foto: 100em1dia Cuiabá (2016).*



Ação "Tecendo Possibilidades".

Descrição da atividade proposta: "Bordado CIDADE POSSÍVEL Alusão ao evento "Cidade Possível" que nos convoca a pensar a cidade, a cidade que desejamos, a cidade que somos... A cidade é tátil, é uma cor, um movimento, uma palavra, uma malha composta pelo entrelaçamento de muitos fios. A cidade é tecida todos os dias".

A ação realizada por Ângela Fontana Velho permite refletir sobre como cada uma das ações do 100em1dia Cuiabá é um fio fundamental para construir uma cidade melhor para todos.

**Foto: Heidy Bello Medina (2016).*

CAPÍTULO I

100EM1DIA CUIABÁ, CARTOGRAFIAS DA POTÊNCIA DA VIDA

Expandir a vida, contemplar a existência com olhos novos e bem abertos, encontrar a beleza no cotidiano, não são essas atribuições do exercício cartográfico?

Gabriel Resende e Lucas Rodriguez (UFRGS)

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.

Eduardo Galeano

Para que são os caminhos se não para serem transitados? Para que é dada a vida se não para ser reinventada? A vida se compõe de trajetos difusos e instáveis, mas na sua perfeição temos como obter proveito de toda experiência. Então, de onde temos de nos segurar se não é Nela mesma? É possível festejar sua porosidade, seu poder e as formas como os corpos se enchem de vitalidade para através dos desejos criar e recriar outras formas de experimentar o espaço urbano, possibilitando novos mundos.

1.1 Cuiabá vivida, experiência 100em1dia

As cartografias do *100em1diaCuiabá* partem de fluxos diversos gerados no processo de organização e execução do festival da cidadania no cenário mato-grossense, para pensar a capital do estado como lugar possível aos agenciamentos coletivos e a biopotência, demonstrando o poder das revoluções moleculares no seio da prática a cidade.

O processo do 100em1dia Cuiabá não tem um início fixo no tempo, ele se deu aos poucos. Muitas experiências prévias, algumas participações difusas, pessoas que migraram e outras que no decorrer do projeto tiveram diversas intensidades, porém o processo permitiu ter uma troca sentimentos e colaborações muito rica. Os aprendizados foram constantes, o trabalho foi aumentando, as ideias surgindo, as vibrações se multiplicaram.

Vamos nos reunir

O termo reunião é utilizado, no processo de desenvolvimento do 100em1dia Cuiabá, como um ato de aproximação às pessoas, às instituições, aos coletivos e outros grupos para apresentar o projeto, obter parcerias e ir estruturando o projeto a partir das considerações das pessoas para logo comunicar o Festival da cidadania à comunidade cuiabana. Adaptando deste modo a iniciativa às dinâmicas da cidade e aos modos de relacionamento social dados no contexto.

Tendo em conta que a ideia de realizar o 100em1dia Cuiabá nasceu na sala de aula do Programa de Pós-Graduação (PPG) em Estudos de Cultura Contemporânea e surgiu a partir das contaminações produzidas na organização da intervenção *Vozes Livres sobre Tralhas* (Ver Introdução), desenvolvida pelo *Coletivo à Deriva*, e foi abraçado pelo projeto de pesquisa *Cidade Possível*, do grupo de pesquisa *Artes híbridas, intersecções, contaminações, transversalidades*, que já previa a organização de diversas ações de arte e cidadania, as primeiras reuniões e os primeiros afetados, no sentido de participação ativa, foram os estudantes e professores do programa e depois da Universidade Federal de Mato Grosso.

FIGURA 1. REUNIÃO PARA A CONFORMAÇÃO DA EQUIPE MOTOR



Foto: Bello Medina (2015)

No campus Cuiabá da Universidade, realizaram-se aproximações com estudantes e professores e em primeiro lugar integrar a *equipe motor*⁵. A primeira reunião deu-se entre os artistas/pesquisadores do PPG ECCO, integrantes do grupo de pesquisa e do coletivo mencionados. Estabeleceu-se nessa ocasião a equipe inicial conformada por:

Maria Thereza Azevedo, coordenadora do Programa de Pós Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea ECCO UFMT. Pesquisadora de estéticas emergentes na cidade. Professora universitária, cineasta.

Isabel Taukane, coordenadora do Instituto Yukamaniru de Apoio às Mulheres Indígenas Bakairi e aluna de doutorado do PPG em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso.

André Torres, turismólogo e consultor em desenvolvimento social. Mestrando no PPG ECCO-UFMT. Pesquisador sobre TIC e Educação.

Daniela Leite, atriz, pesquisadora e doutoranda PPG em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso.

Arthur Galvão Serra, professor e doutorando no PPG em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso.

Bruna Obadowski Bruno, fotógrafa e produtora de vídeo. Mestranda PPG em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso.

Thereza Helena de Souza Nunes, diretora teatral, atriz e mestranda do PPG em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso.

Sandro Luis Costa Da Silva, ator, professor e doutorando PPG em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso.

Heidy Bello Medina, mestranda do PPG em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso.

Em sua grande maioria a equipe foi confirmada por artistas que procuraram uma conciliação entre a arte e a vida urbana. A experiência da última intervenção do Coletivo (Vozes Livres sobre Tralhas – VLT) tinha deixado um gosto de possibilidades para agir ante a conjuntura, junto com a análise de vários autores e,

⁵Termo que denomina o grupo iniciador, encarregado de ser multiplicador do projeto e vinculador de mais pessoas.

sobretudo, dos atravessamentos afetivos ou como diz Rolnik “afectivos⁶” caminhou-se⁷ para frente com o objetivo de motivar as pessoas para participar com 100 ou mais ações na Cuiabá que tomava rumo aos seus 300 anos.

Depois iriam se somar à equipe:

Neriely Dantas, produtora audiovisual e estudante de filosofia da Universidade Federal de Mato Grosso.

Juliana Segóvia, produtora audiovisual e mestra do PPG em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso.

Angélica Almeida, produtora audiovisual e mestranda do PPG em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso.

Ângela Fontana, artista, professora e doutoranda PPG em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso.

Reunir o que há na cidade

A organização do festival da cidadania em Cuiabá foi um processo de mais de seis meses de duração (setembro, 2015 – abril, 2016). Depois do dia 4 de outubro, quando se oficializou o ingresso de Cuiabá na rede global 100em1dia, iniciou-se uma série de reuniões, que deram importantes frutos para encorpar a Festival da Cidadania.

- *Secretaria de Cultura de Cuiabá*. A conversa com Paulo Traven, secretário adjunto de cultura da cidade, e Carolina Barros, produtora cultural, permitiu conhecer alguns coletivos, agrupações e iniciativas que poderiam ser parte do projeto, como o Rolê Fotográfico. A apresentação do 100em1dia deu-se para obter um apoio institucional ao respeito de ações que precisassem autorização, equipamentos, entre outros. É preciso salientar que a equipe motor do 100em1dia lembrou sempre o caráter cidadão do Festival, mas também permitiu gerar um diálogo possível entre as macro e micropolíticas.

⁶Rolnik refere-se ao termo *afectações* que vá além dos afetos, é aquilo que nos toca, nos move.

⁷ Concede-se caminhar no sentido expressado no poema do espanhol Antonio Machado: “Caminhante, não há caminho, faz-se caminho ao andar.” Tendo em conta que o percurso do trajeto do 100em1dia Cuiabá como um ato de reciprocidade, como a união de linhas que se entrecem procurando devires.

- *Núcleo de Estudos e Pesquisas Tecnologias Indígenas- Tecnoíndia* (UFMT). A reunião com o Prof. Dr. José Portocarrero e a Profa. Dra. Dorcas Florentino, permitiu conhecer pesquisas relacionadas com a questão urbana e o saber indígena. Conheceu-se um protótipo de casa indígena, modelo de arquitetura sustentável para através do qual se repensou a cidade. O Prof. Portocarrero indicou que a recuperação dos córregos era possível, informação de grande valor para divulgar nos encontros com a população.

- *Galeria Boca de Arte*. Magna Domingos, encarregada da galeria localizada no tradicional bairro Araes, possibilitou uma reunião com alguns consultores da economia criativa e produtores culturais de Cuiabá e Várzea Grande. Magna manifestou seu interesse em participar do 100em1dia para dar visibilidade não somente ao bairro como à história do lugar.

- *Rolê Fotográfico*. Através da reunião realizada com Bruno Sampaio criou-se uma parceria com o grupo de fotógrafos da cidade, para obter um registro audiovisual das ações do 100em1dia Cuiabá.

- *Espaço Magnólia*. As pessoas vinculadas ao projeto de economia criativa localizado na Rua 24 de outubro, convertida num importante centro de exibição e encontro cultural se somaram ao 100em1dia Cuiabá para organizar conversas sobre outros modos de pensar a economia e a moda na cidade.

As reuniões foram ao encontro do que há na cidade. Deste modo, percebeu-se nessa parte do trajeto uma Cuiabá voltada para projetos de economia criativa. Uma cidade ativa cheia de propostas culturais, de pessoas comprometidas que ainda com poucos recursos fazem projetos para o bem-estar da comunidade, mas também uma cidade com esperanças de recuperar seus recursos.

*A beleza de estar juntos*⁸

Os encontros do 100em1dia possibilitaram a união das forças, as vibrações conjuntas, o estar juntos no trabalho sobre vários assuntos, a aproximação dos

⁸A Profa. Dra. Maria Angela Pavan (PPGEM – UFRN), parte da banca examinadora desta dissertação, deu a apreciação ao 100em1dia como a beleza de estar no mundo, durante a qualificação. Refletindo sobre o acontecimento penso que a grande razão de achar tanta beleza é o fato de estar juntos.

corpos nos espaços da cidade para ressignificá-los, os afetos constantes e a criatividade da vida. Desde os primeiros encontros não se deu uma metodologia de trabalho, ainda bem se permitiu as pessoas fluírem para encontrar o devir que as levasse a agir.

O dia 23 de janeiro de 2016 foi o primeiro encontro, realizado na Casa Cuiabana, patrimônio histórico de Mato Grosso desde 1983, onde se pensou na roda de conversas para as pessoas se conhecerem e refletirem sobre a cidade. Desta vez, se integraram artistas, estudantes, coletivos, pessoas que praticavam biodanças, entre outros.

FIGURA 2. PRIMEIRO ENCONTRO CIDADÃO DO 100EM1DIA CUIABÁ



Foto: 100em1dia Cuiabá (2016)

O segundo encontro foi concretizado o primeiro de fevereiro de 2016 no Sesc Arsenal, antigo arsenal de guerra de Mato Grosso inaugurado em 1832, agora um dos espaços culturais mais importantes da cidade. Nesta ocasião refletiu-se sobre diversos lugares da cidade e como eles precisavam de cuidado. Neste encontro começaram se ouvir relatos de infância, experiências das pessoas em Cuiabá. A família Capilé ofereceu sua casa para reunir as pessoas do 100em1dia Cuiabá por terceira ocasião.

FIGURA 3. SEGUNDO ENCONTRO CIDADÃO DO 100EM1DIA CUIABÁ



Foto: 100em1dia Cuiabá (2016)

O terceiro encontro (14 de fevereiro de 2016) modificaria a relação das pessoas, era um ambiente familiar que integrava aos seres. Na ocasião se ouviram relatos e motivações para agir, mas foi o exemplo de Cida Silva que animaria aos participantes. Ela é enfermeira no Hospital Adauto Botelho e sua preocupação era trabalhar a arte como terapia. Disse Cida que o pátio era um lugar importante para os pacientes, mas precisava de uma revitalização porque não tinha cadeiras e uma mangueira enorme que dava sombra estava em perigo de ser derrubada. Para a reunião Cida mostrou umas fotos do local e levou uma autorização do Hospital para iniciar a obra. Ela já estava providenciando ajuda com os programas de engenharia civil e arquitetura da UFMT e pedindo doações de matérias para a obra. Ao ouvir Cida, os assistentes ficaram muito entusiasmados, foi assim como a artista e mestre em geografia Patrícia Wolf disse que ela ficaria encantada de trabalhar nesta ação. Segundo os planos de Cida a obra estaria pronta para o dia 3 de abril, nesse dia vários artistas pintariam os muros do Hospital.

Esse encontro seria diferente dos registrados, havia no ar uma vibração. Suely Corrêa e Gustavo Lima tinham proposto realizar o corredor do cuidado, uma prática de saúde coletiva que eles, com apoio de outras pessoas, realizariam em diversos espaços da cidade durante o dia do Festival. A atividade consistia em

organizar um corredor para que as pessoas brindassem para quem atravessava o corredor um pouco de afeto de acordo com o que elas soubessem, por exemplo, reiki, bendizer, fazer massagem etc., ao final essa pessoa era recebida por quem tinha passado antes com um abraço.

FIGURA 4. CORREDOR DO CUIDADO - TERCEIRO ENCONTRO CIDADÃO DO 100EM1DIA CUIABÁ



Foto: Bello Medina (2016)

FIGURA 5. TERCEIRO ENCONTRO CIDADÃO DO 100EM1DIA CUIABÁ



Foto: 100em1dia Cuiabá (2016)

Para o quarto encontro (28 de fevereiro de 2016), os participantes foram convidados ao prédio da Secretaria de Estado de Cultura (SEC-MT), Rafael Mazzeto foi o facilitador. Durante a reunião as pessoas colocaram a importância da questão animal, desta maneira várias pessoas se aliaram para fazer uma jornada de limpeza no Centro de Zoonose. Também se falou sobre temas ambientais e sobre o projeto da memória das águas da cidade, adiantado pela Profa. Dra. Thereza Martha Borges Presotti.

FIGURA 6. QUARTO ENCONTRO CIDADÃO DO 100EM1DIA CUIABÁ



Foto: 100em1dia Cuiabá (2016)

A Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso seria a que receberia aos participantes do 100em1dia Cuiabá para seu quinto encontro no dia 14 de março. Para esta ocasião seriam compartilhadas as experiências de pessoas que já trabalhavam em seus projetos, mostrando que era possível agir na cidade. Cida Silva com sua ação de revitalização do pátio do Hospital Botelho, seria um grande exemplo. A inclusão do Movimento Negro da UFMT também foi fundamental para as discussões sobre a cidade.

FIGURA 7. QUINTO ENCONTRO CIDADÃO DO 100EM1DIA CUIABÁ



Foto: 100em1dia Cuiabá (2016)

Durante o sexto e último encontro (20 de março de 2016) com os participantes do 100em1dia Cuiabá, realizado no Palácio da Instrução, declarado patrimônio histórico do Estado em 1983, se concretizaram mais ações para serem cadastradas no site 100em1diacuiaba.org. A emoção era muita e a expectativa enorme. O dia ia chegar em breve. O 100em1dia ia dar fruto, o fruto do compromisso e acompanhamento constante de Cida, Patrícia, Laura, Mari Gemma e os membros da família Capilé.

FIGURA 8. SEXTO ENCONTRO CIDADÃO DO 100EM1DIA CUIABÁ



Foto: 100em1dia Cuiabá (2016)

O encerramento da preparação do 100em1dia Cuiabá terminou com algumas outras reuniões com os artistas e com os fotógrafos do Rolê Fotográfico para

organizar os detalhes acerca das ações que vinculam a arte com a cidade e sobre a cobertura do 100em1dia Cuiabá.

Durante o processo de encontro entre os cidadãos se dispuseram vários canais de informação para compartilhar a iniciativa, conhecer o que as pessoas percebiam da cidade e saber, a partir de trocas de experiências, quais eram suas motivações para agir no espaço urbano. A disposição do grupo do Facebook *Cidade Possível-100em1diaCuiabá* foi significativa na convocatória dos cidadãos.

A informação publicada no grupo do Facebook permitiu que as pessoas que participaram dos encontros levarem temas para gerar discussões a partir dela. Também, pode-se perceber que os temas desenvolvidos nos encontros motivaram as pessoas a compartilhar informações relacionadas com as discussões, inclusive assinalando (marcando) a pessoa interessada em agir ao respeito.

FIGURA 9: PRINCIPAIS TEMAS DE DISCUSSÃO NO PROJETO

Grupo de Facebook <i>Cidade Possível-100em1diaCuiabá</i>	Encontros
Arborização da cidade Agricultura urbana O indígena no urbano Mobilidade urbana Trocas afetivas no urbano Reaproveitamento de lixo	As águas: Rio Cuiabá e córregos Arborização da cidade Trocas afetivas Cuidado do lugar e do outro (pessoas, animais etc.) Agricultura urbana Arte na cidade Inclusão Uso dos espaços públicos

Fonte: Azevedo & Bello Medina (2016)

Embora durante os dois processos haja temáticas similares, durante os encontros foi possível estabelecer, por exemplo, a importância das águas, presente nas narrativas das pessoas, que a partir dos relatos associavam o rio Cuiabá e os córregos da cidade à vida própria, colocando-se num lugar privilegiado na construção da história da cidade para desta forma permitir a construção de uma narração de si que desde a proposta de Foucault, da estética da existência, colocada por Scholze (2007) é um ato político. Assim, foram parte das memórias das águas lugares como os córregos da Prainha, do Barbado, Coxipó do Ouro etc.

Durante o processo de organização do 100em1dia que inclui, entre outras, as fases denominadas reuniões, encontros e, em simultânea, as discussões geradas no grupo do Facebook, foi possível apreciar uma antropofagia subjetiva⁹, graças às experiências dadas tanto entre os seres, quanto entre eles com o próprio espaço urbano. Assim, esse modo antropofágico de subjetivação, dado nas relações captadas no 100em1dia é visível nas palavras de Rolnik, quando se refere às características do fenômeno:

Antes de mais nada, este modo depende de um grau significativo de exposição à alteridade: enxergar e querer a singularidade do outro, sem vergonha de enxergar e de querer, sem vergonha de expressar este querer, sem medo de se contaminar, pois é nesta contaminação que a potência vital se expande, carregam-se as baterias do desejo, encarnam-se os devires da subjetividade: a fórmula tupi. (ROLNIK, 1998, p. 8).

Desta maneira, através das diversas contaminações apreciadas, é viável falar do 100em1dia Cuiabá nos termos de festival cidadão potente, tendo em conta as vibrações presentes que tentaram produzir uma poiesis, partindo das intenções e desejos, do micro, daquilo que existe no coração, que serve de catarse –no sentido da limpeza e purificação pessoal– baseando-se na experiência cidadã, no *ser-lugar*.

1.2 Trajetórias de um lugar possível

Cartografar, segundo Rolnik, é ir ao encontro da geografia dos afetos. É o cartógrafo quem da língua aos afetos contemporâneos, ele mostra outros mundos criados fora do eixo do controle subjetivo. Ele mergulha nas intensidades do seu tempo. Ele devora e apropria os elementos para a construção dessas cartografias. Ele é antropófago. “Ele aceita a vida e se entrega. De corpo e língua.”(1989, p. 2.),

As cartografias do 100em1dia Cuiabá são produto da revisão de muitos documentos: tabelas, fotos, textos etc. Recursos que retomei uma e outra vez para conseguir entender os fluxos diversos gerados a partir deste acontecimento. Contudo, não foi a revisão desses insumos o mais importante desse processo, mas a oportunidade de perceber as minhas vibrações a partir da experiência. De me lembrar dos sorrisos das pessoas embaixo do Viaduto da Fernando Corrêa (Churrascão no Viaduto), de brincar num balanço colorido num lugar inimaginável

⁹ O conceito antropofagia foi inspirado na prática dos índios tupis quem devoravam seus inimigos, selecionando somente os bravos guerreiros. (ROLNIK, 1998).

para isso (Balanços no Viaduto); de ouvir os contos indígenas no piquenique do bosque da UFMT (Piquenique Cultura Indígena) e ler uma lenda embora não soubesse pronunciar muitas palavras (Leitura de crianças para crianças); de ter conseguido observar um casal de *trogon curucui* no Parque Mãe Bonifácia (Passarinhando no Parque); de elevar meu balão por um país que eu amo (100 balões pela paz do Brasil); de ter vontade de chorar ao ouvir as notícias sobre homofobia e refletir sobre os espaços de arrogância da cidade (Espaço para apedrejar); daquele gosto do brigadeiro que eu ganhei de Carolina Barros (Doce Gentileza); da emoção de ver meu sonho cumprido ao ver faixa pedestre colorida que o artista André Gorayeb pintou na UFMT (Arte pedestre); do meu entusiasmo quando a artista e bonequeira Raquel Mützenberg me contou sobre sua performance (Maiêutica na vala do VLT); de sentir a energia dos corpos dançantes da ciranda do sol no Parque Mãe Bonifácia (Movimento de Danças Circulares); de ver juntos aos skatistas de Cuiabá, que eu admiro, na Praça Alencastro, seu lugar (Premier do Vídeo "Alencastro Square - Nossa Casa"); dos nervos que senti quando fui entrevistada pela Rádio Assembleia de MT para falar sobre o Festival (100em1dia todo o dia na 89,5 FM), mas também da felicidade de ligar o rádio no carro da atriz Daniela Leite, justo quando sua mãe Suely Corrêa falava sobre sua ação no Bairro Pedra 90 (Saúde e cidadania #ocupa90) e de respirar profundo ao ouvir na emissora que em breve iniciaria o concerto no Hospital Universitário (Violões da UFMT no Hospital Júlio Müller); de ficar contente quando Juliana Serrano (100em1dia - Bogotá) e eu escutamos o relato de Dani sobre como tinham sido as performances na feira do CPA (Não Cabe Mais, Gente!, Apontamentos: Memórias em percurso, Reflito a cidade, Regue) e as ações que ela assistiu no Mercado do Porto (Saúde e Cidadania, Pílulas de Poesia, Se os Tubarões Fossem Homens); da preocupação pela forte chuva que impossibilitou muitas ações da tarde; de encontrar a professora Maria Thereza Azevedo para o "Passeio de Sombrinhas", que não foi realizado pela ausência do sol; da alegria no rosto da Professora enquanto falava sobre as múltiplas ações que ela tinha acompanhado, especialmente dessa frase que ela disse e que ficou no meu coração: "em todas as ações que eu acompanhei as pessoas estavam felizes"; de ter entrado à noite no calçadão Galdino Pimentel para curtir das ações de encerramento do 100em1dia Cuiabá (Show Salomanos, Poesias Múltiplas); de ir dormir pensando que aquele domingo 3 de abril em Cuiabá tinha sido um dos dias mais belos da minha existência.

A Cuiabá criada durante o *100em1dia* como território existencial pelos inconscientes que protestam, que se aliam e inventam outros mundos, como diria Deleuze (Guattari & Rolnik, 1986), ensina novas rotas da cidade. As ações acontecidas durante o dia 3 de abril de 2016 foram diversas e possibilitaram mostrar trajetos de uma cidade múltipla. O trabalho cartográfico expõe-se também

em sete mapas de sete categorias que tentam organizar as ações dessa cidade do 100em1dia Cuiabá, para pensar nas direções análogas às quais se encaminham os desejos dos participantes, notórios na descrição de cada ação no formulário de cadastro do Festival. É preciso esclarecer que ditas categorias não se estabelecem como espaços únicos, mas como lugares nos quais as fronteiras se desmancham, sendo assim como uma ação pode corresponder a uma ou várias das seguintes categorias:

- *Encontros arte-vida no espaço urbano*: ações que demonstram como a arte pode acontecer em diversos espaços da cidade como as férias, o hospital, o viaduto, um hospital psiquiátrico, a vala do VLT, entre outros. Esse tipo de arte é de caráter relacional e privilegia a estética da existência porque reconhece a experiência e a vida do artista para refletir através de sua criação sobre diferentes temas que o atravessam como a violência de gênero, os problemas ambientais, os processos de criação artística etc. Fazem parte deste percurso performances, oficinas de arte, mostras de poesia, pintura de muros, danças, lambe-lambe etc.

- *Cuidado com o outro*: as ações presentes nesta categoria mostram como as pessoas dispõem de si para a melhora das condições do outro, podendo esse outro ser um rio, uma pessoa, uma árvore, um animal etc. Há um reconhecimento da coexistência com os outros seres que habitam o espaço. A reflexão sobre o tempo é importante neste sentido, pois se reconhece como as ações cotidianas têm uma incidência. Por exemplo, no caso da poluição causada por as ações passadas, e no caso da plantação de árvores para que aquela semente vire sombra para as próximas gerações.

- *Entornos virtuais da cidade*: Fazem parte desta categoria três ações que convidam a interagir com a cidade em outros cenários (on-line), mas para além são recursos (conhecimentos) dispostos para os outros cidadãos: uma exposição sobre a arte urbana, uma cartilha sobre plantas medicinais e a exibição de um livro virtual.

- *Os afetos na cidade*: Foram mostras de gentileza para brindar aos outros doces, poesias, mensagens positivas e, para além dos objetos, amor e afeto. Através de o inesperado fazer as pessoas felizes, por exemplo, por meio de uma pedra colorida achada no caminho ou de uma pílula que contém uma poesia do escritor Manoel de Barros. As ações demonstraram a importância de compartilhar com os demais a beleza do simples.

- *Olhos abertos à cidade*: Cuiabá tem muito para apreciar, a cidade é diversa e exige que seus habitantes e as autoridades públicas olhem para ela com muito cuidado para respeitar todas as manifestações socioculturais e as formas de vida do lugar. As ações têm o intuito de dar visibilidade a várias situações como

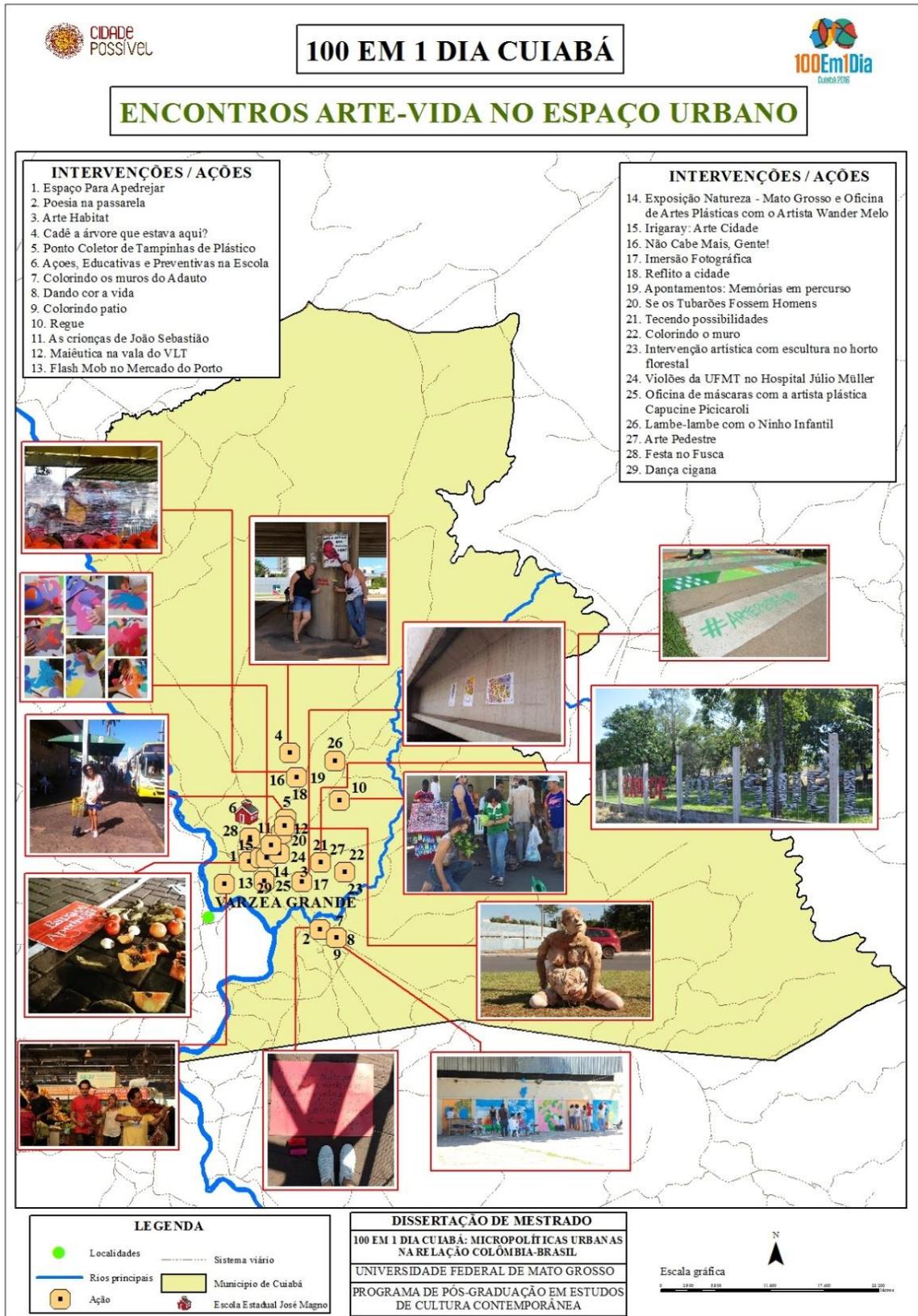
à biodiversidade (fauna e flora urbana) e ao cuidado dos parques da cidade; aos ciclistas da cidade e suas condições de segurança nas vias de Cuiabá; ao abandono de espaços como o Morro da Luz e ao aproveitamento do lugar que possibilitaria práticas esportivas como o Downhill; às rodas de capoeira e ao respeito e inclusão de expressões da cultura afro-brasileira em Cuiabá; à proposta de ter um Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) verde, pensado para preservar o ambiente; às iniciativas de moda ecológica da cidade como exemplo de economia criativa; à cultura de *Tchapa e Cruz* e o respeito à calorosa cidade de Cuiabá, aos trabalhos audiovisuais para visibilizar a prática que os skatistas fazem da cidade e sua interação com a Praça Alencastro etc.

- *Ouvidos ao que há na cidade*: a escuta permite não somente obter conhecimento, mas refletir sobre as histórias de vida, as experiências de antigos moradores, as expressões da cultura cuiabana, os aportes que as pessoas têm para superar algumas dificuldades que se apresentam na cidade ou sobre como as pessoas poderiam agir se fossem governantes da cidade. Ouvir é apreciar a presença e a voz do outro, saber sobre ele e pensar que ele sempre tem algo a dizer. O jornalismo também se encarrega dessa apreciação da vida. Durante o domingo 3 de abril de 2016, a Rádio Assembléia de Mato Grosso fez uma transmissão de 24 horas das ações do 100em1dia, para os ouvintes saberem o que acontecia em Cuiabá.

- *Um espaço para estar juntos*: a prática da cidade convida a usar os espaços, a dá-lhes um novo sentido, a resignificá-los, mas também permite lembrar que a cidade nasceu para ser um lugar de encontro dos seres, para compartilhar suas ideias, suas inquietudes, sua energia, suas habilidades, seus relatos, seu protesto, sua comida e outras trocas; mas também para criar relações de afeto entre eles e com os lugares. Desta maneira, as pessoas se juntaram para fazer uma ciranda no Parque Mãe Bonifácia e dançar de mãos dadas; para caminhar no Parque Zé Bolo Flô e apreciar o potencial do lugar; para fazer um churrasco no baixio do viaduto da Av. Fernando Corrêa e subir aos balanços colocados no lugar; para fazer um piquenique no bosque da UFMT e ouvir lendas e histórias indígenas; para fazer um sarau na Praça Santos Dumont; para ouvir um recital musical na galeria Boca de Arte no tradicional bairro Araés; para praticar esportes no Centro Geodésico da América do Sul; para contar e ouvir mitos e lendas da cultura regional num chá com bolo dentro de uma igreja; entre outros.

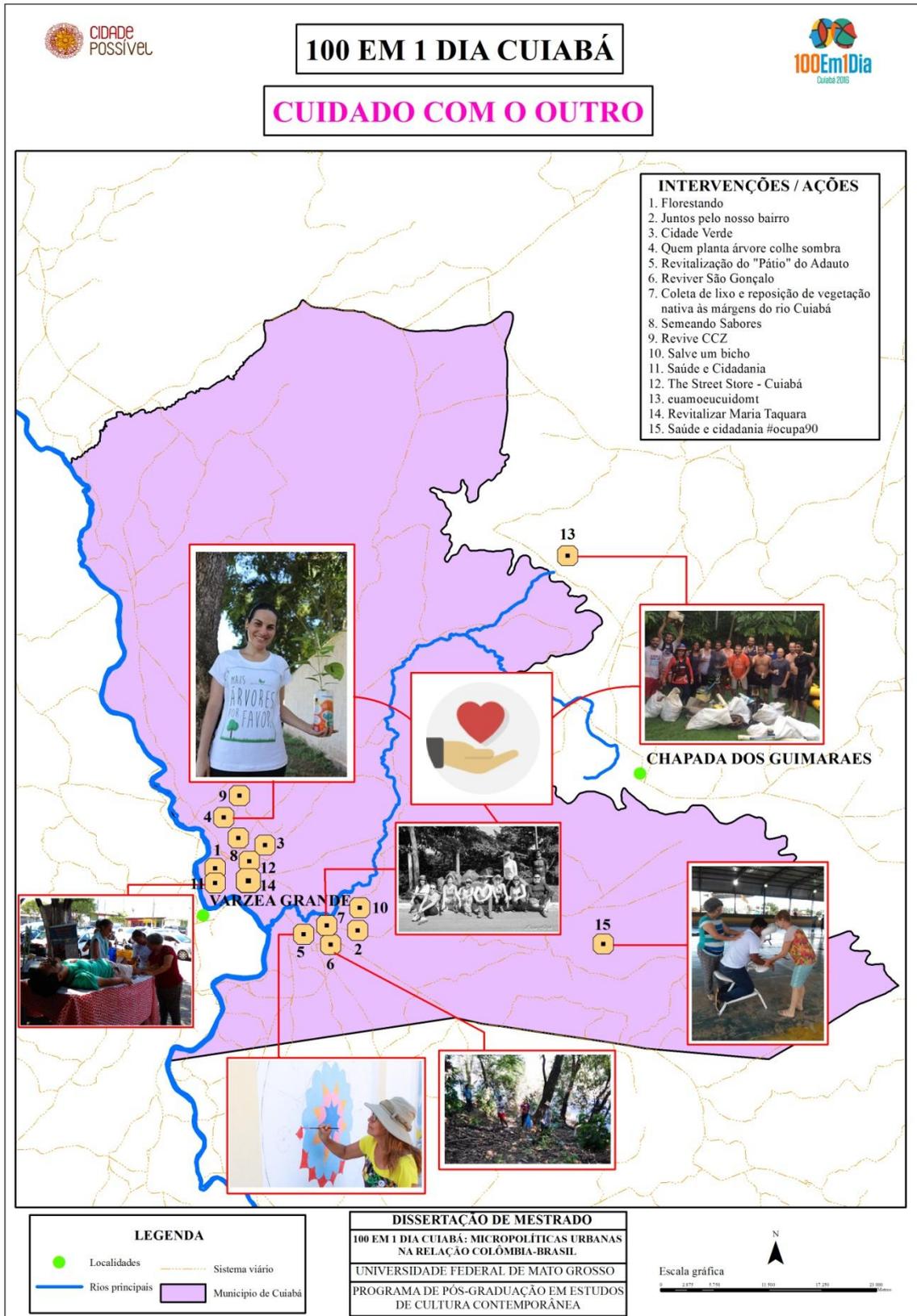
Os mapas do 100em1dia são o reflexo da construção de um lugar possível, de Cuiabá como um lugar de sensibilidades, de mutações, de transversalidades, de intensidades, da biopotência, de estéticas da existência e de criatividade coletiva, de um território existencial possível.

MAPA 1: ENCONTROS ARTE-VIDA NO ESPAÇO URBANO



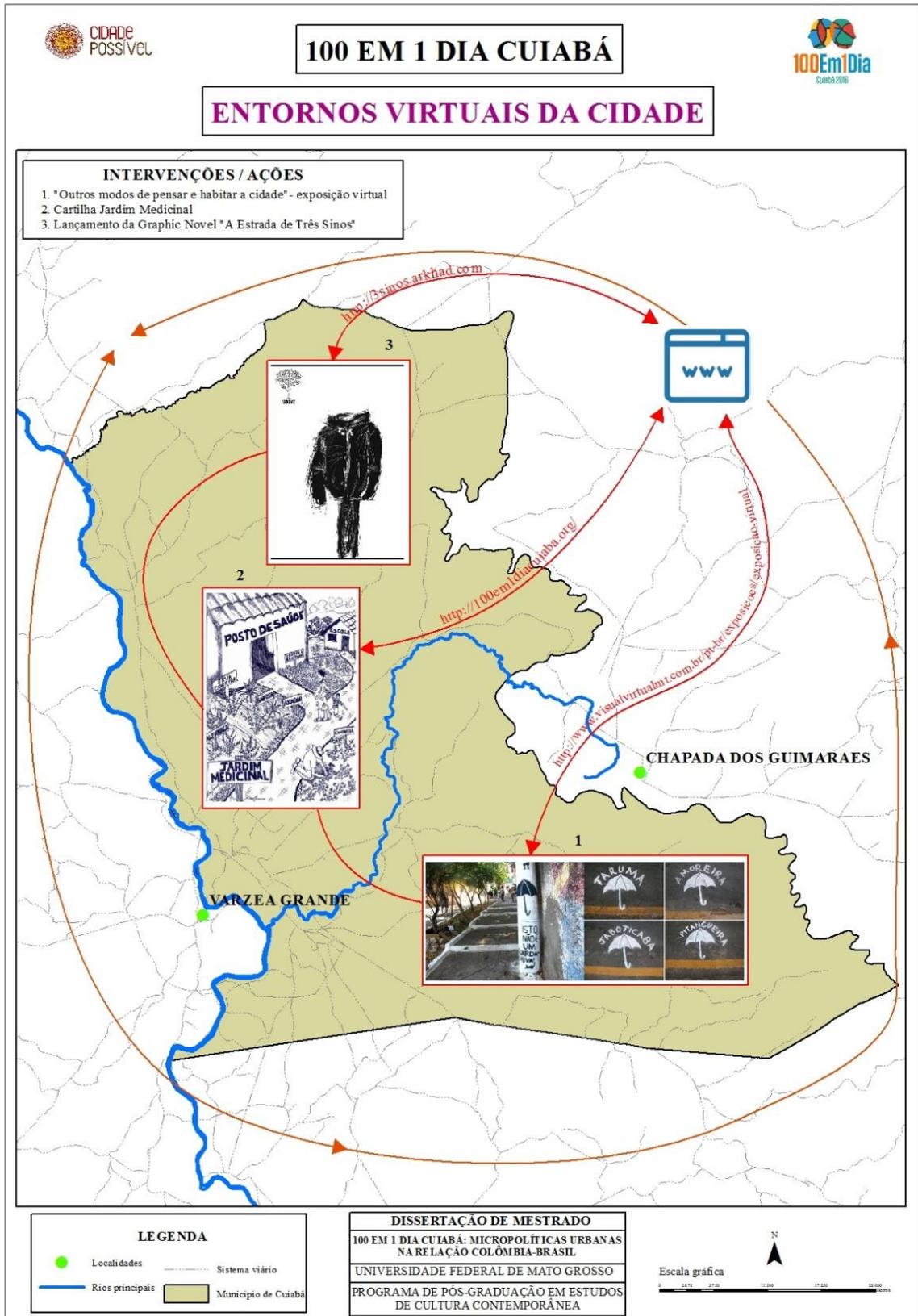
Elaboração: Nadya Serrano Abarca

MAPA 2: CUIDADO COM O OUTRO



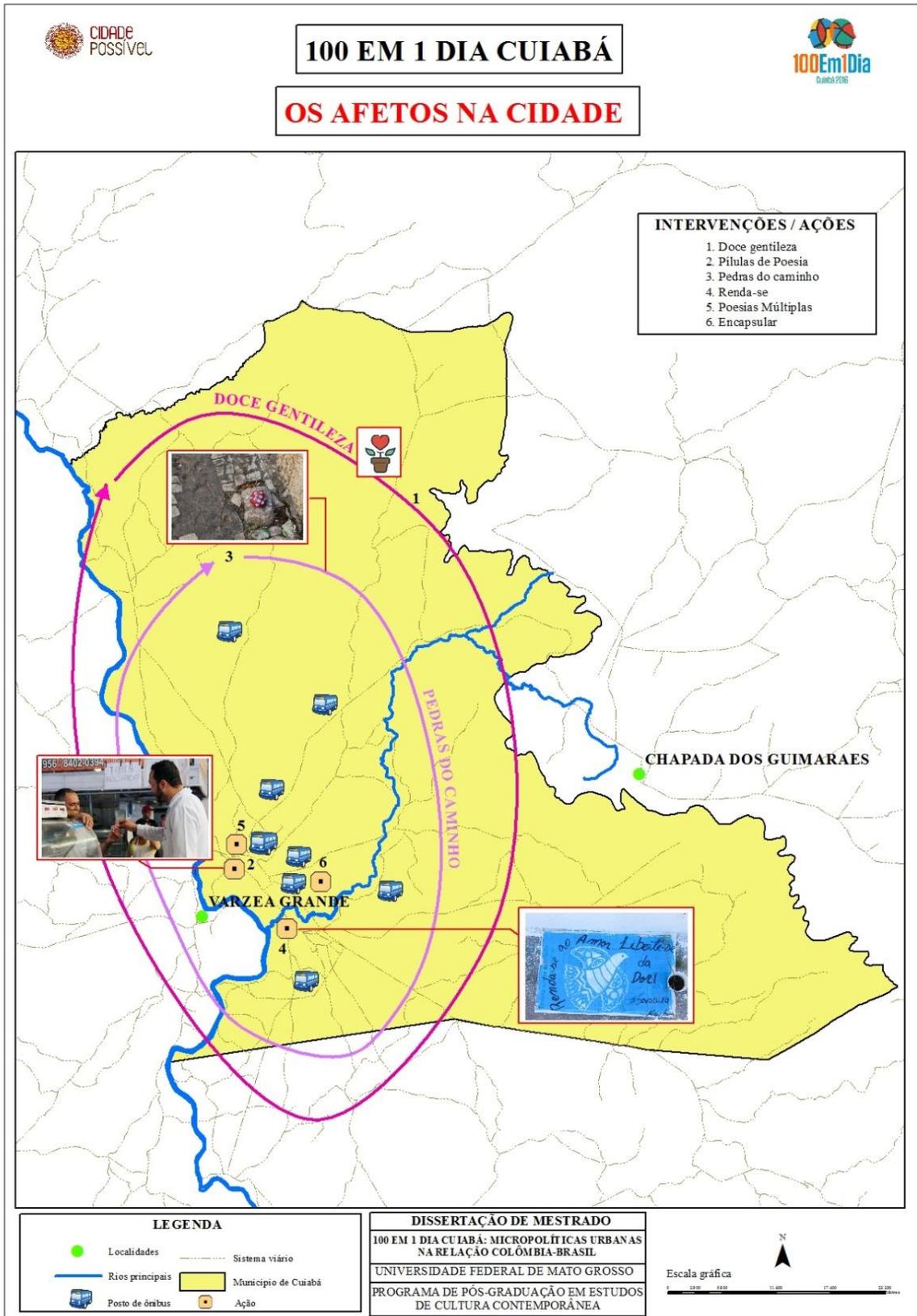
Elaboração: Nadya Serrano Abarca

MAPA 3: ENTORNOS VIRTUAIS DA CIDADE



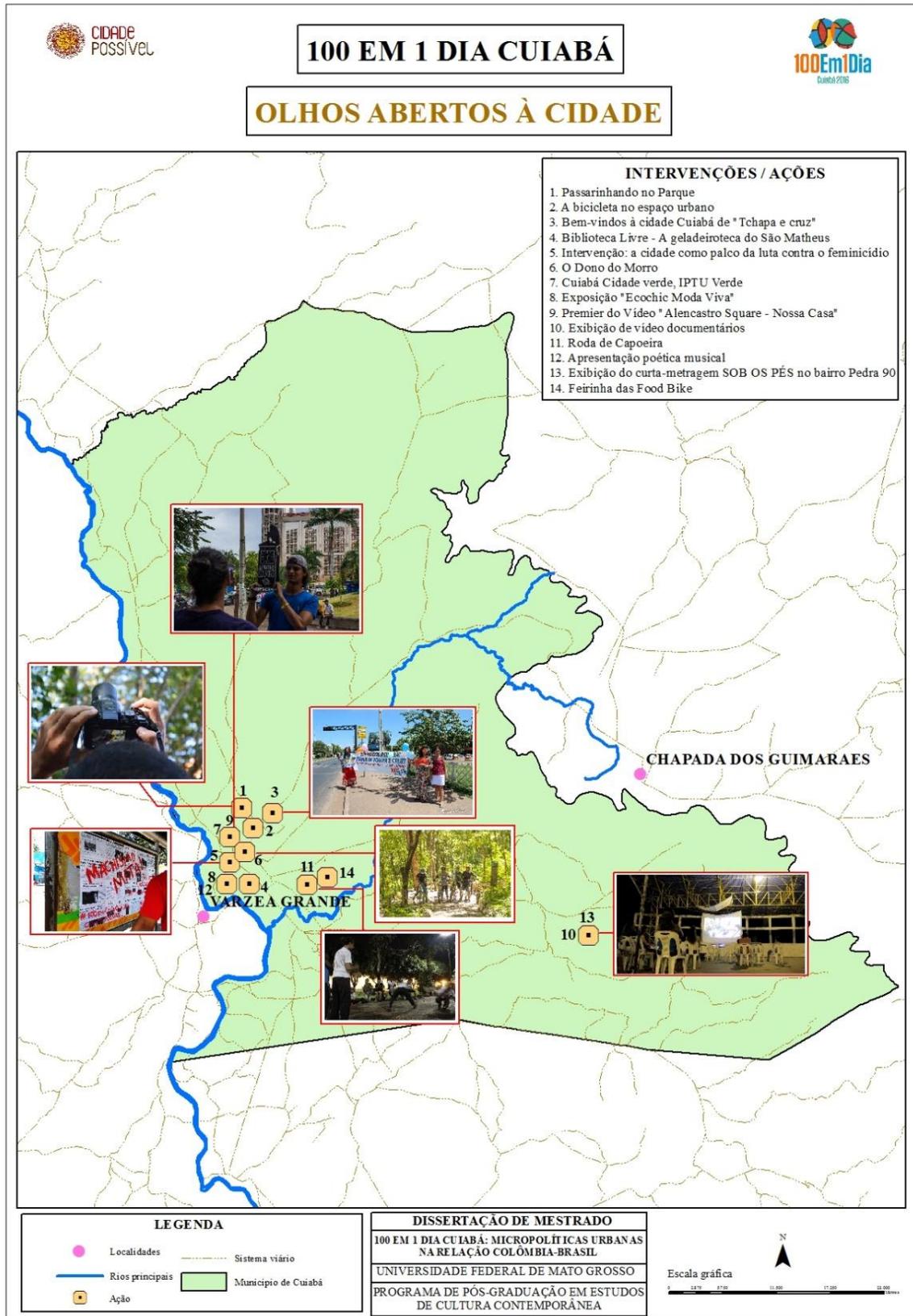
Elaboração: Nadya Serrano Abarca

MAPA 4: OS AFETOS NA CIDADE



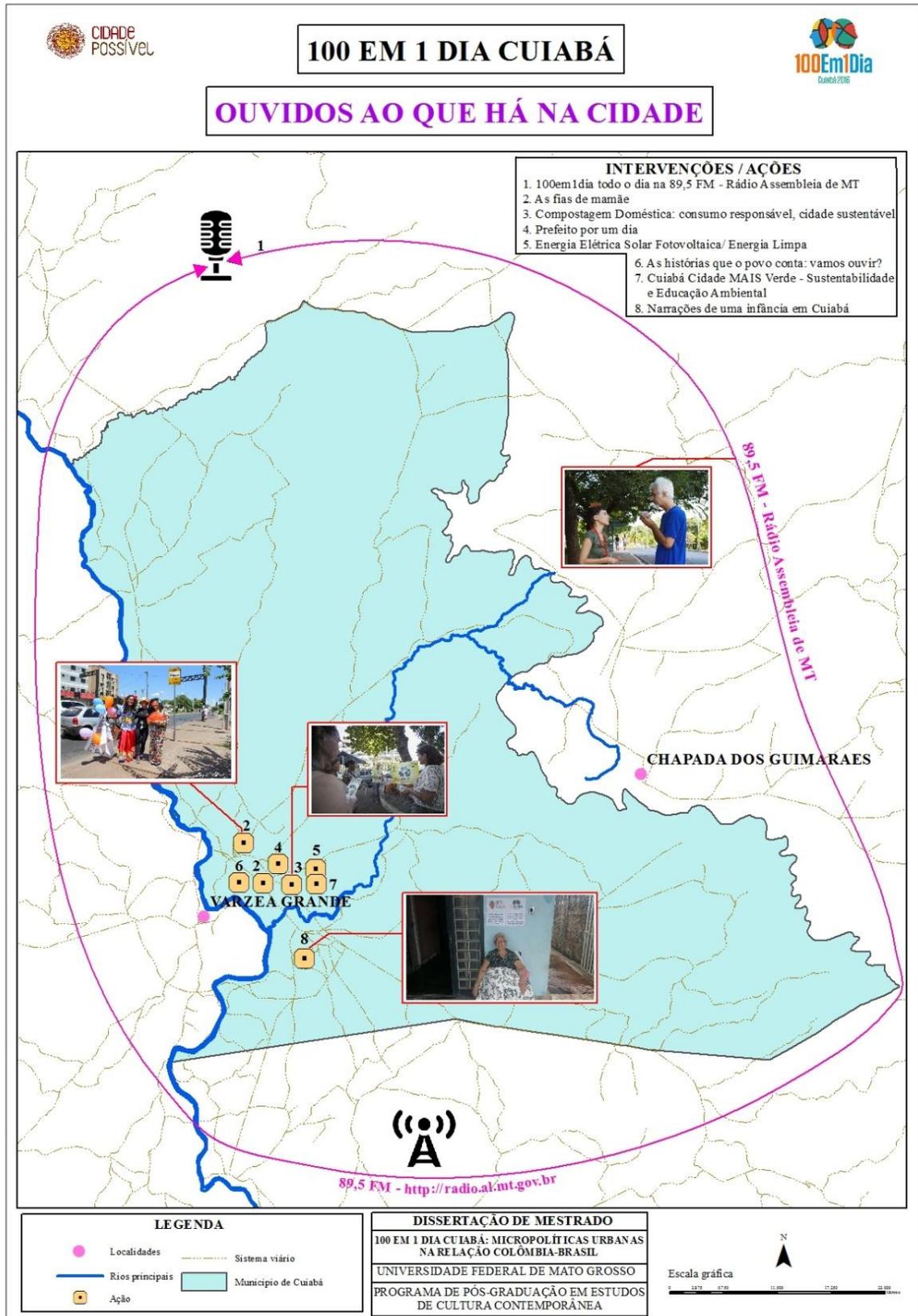
Elaboração: Nadya Serrano Abarca

MAPA 5: OLHOS ABERTOS À CIDADE



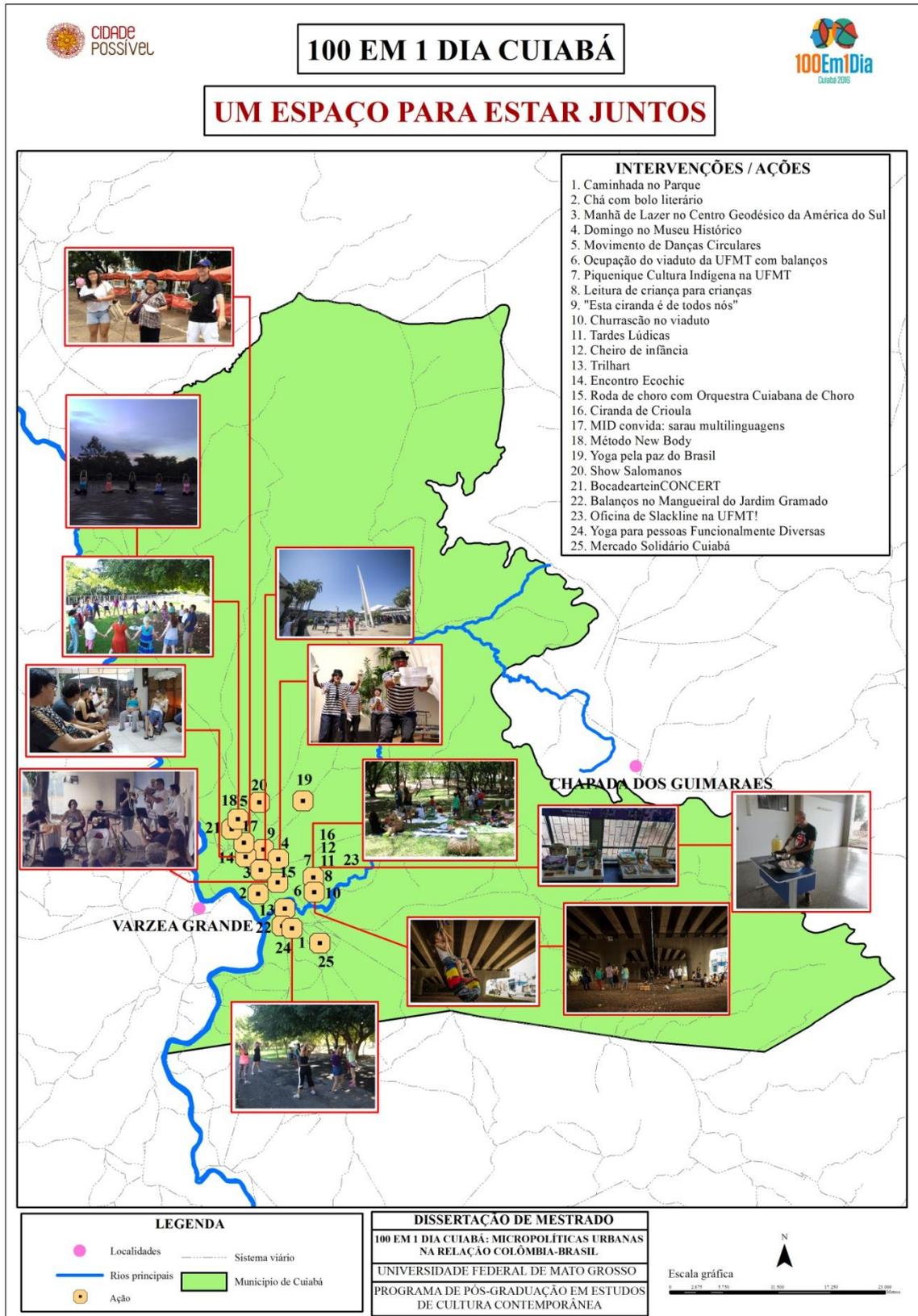
Elaboração: Nadya Serrano Abarca

MAPA 6: OUVIDOS AO QUE HÁ NA CIDADE



Elaboração: Nadya Serrano Abarca

MAPA 7: UM ESPAÇO PARA ESTAR JUNTOS



Elaboração: Nadya Serrano Abarca

CAPÍTULO II

CIDADE LIDA, VIVIDA, AMADA

Jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo, existe uma ligação entre eles.

Italo Calvino

A cidade é o lugar da educação e da reeducação.

Milton Santos

A cidade¹⁰ tem sido considerada como ponto de discussão e estudo por várias correntes teóricas ao longo do percurso do conhecimento em várias áreas do saber. Aquele espaço de disputas, conflitos e interesses diversos constitui um campo importante, mas não somente para os pesquisadores, os comportamentos e fluxos diferentes nos quais a vida se torna valor, também são analisados por seus habitantes, o cidadão olha para si e para a cidade. Desde esta ótica, a informação apresentada neste capítulo parte de diversas definições de investigadores das disciplinas cujo objeto de estudo é a cidade entre elas a arquitetura, o urbanismo, a geografia, a antropologia e a sociologia urbana, mas não pretende se focar somente na teoria, como na prática, no cotidiano, na leitura a partir da sensibilidade e dos conceitos gerados do lócus principal da pesquisa: Cuiabá.

Ler, viver e amar a cidade vai ao encontro das formas como os sujeitos sobrevivem e respondem aos controles sobre as subjetividades. Os três verbos partem do ser, um ser no contexto do capitalismo, o qual tenta controlar as formas mais microscópicas nas quais a vida se gera e reinventa. Diz Pelbart (2002) que para além de consumir bens, o que se consome são formas de vida, e que através de diversos meios, fluxos de imagens e dos cada vez maiores canais de informação, aos que temos acesso, absorvemos toneladas de subjetividade.

Ante o panorama, é importante refletir sobre o que é a cidade, mas necessariamente partindo e em aproximação do ser, a partir de sua experiência para a construção do espaço, como é proposta, desde diversas óticas, no trabalho

¹⁰ Coloca-se aqui o termo cidade como genérico, embora ele gere discussões teóricas pelo caráter dado a partir do capitalismo, que também a presente pesquisa pretende discutir.

de autores como Lefebvre (2001), Santos (2001), entre outros. Os questionamentos pretendem ser assim, formas de valoração dos saberes, das micropolíticas urbanas (GUIZZO, 2008) (GUATTARI; ROLNIK, 1996) do valor das revoluções moleculares (GUATTARI, 1977) e do empoderamento cidadão que não se faz visível em nossos dias a partir das instauradas formas de democracia unidas à obediência civil, como a partir das experiências e das subjetividades que flutuam ao sabor dos desejos levando nelas conexões de tempos e lugares como mencionou Rolnik (1998).

A análise da categoria cidade, de como ela é lida, vivida e amada permite nos localizar no cenário de desconstrução e reconstrução conceitual. Observa Henri Lefebvre (2001) que durante um longo período o planeta foi considerado o grande laboratório do homem, mas há pouco tempo na história universal, a cidade é considerada o novo foco de pesquisas. Assim, desde a experimentação e a análise, o fenômeno urbano tem provocado a atenção de centros de pensamento, partindo desde diversos lugares de enunciação, como a Escola de Chicago, nos anos 20, que proporia a sociologia urbana, como campo de estudo, e daria importância à expressão ecologia urbana para pensar a cidade como campo de conflitos.

Nos cenários acadêmicos, políticos e artísticos muitos outros pensadores têm estado preocupados pelas dinâmicas da cidade, por suas dimensões e as considerações políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais, além da produção capitalística e as subjetividades que as dinâmicas do mercado condicionam. Por exemplo, o caso do movimento Internacional Situacionista, que desde a arte e a política desenvolveu uma crítica à "pasteurização da vida cotidiana", à qual se orientava aos usuários.

Deste modo, a proposta de análise da cidade irá à busca do viés da relação ser-lugar sobre as considerações de vários autores que vão além da conceitualização do design, da planificação urbanística e geram uma orientação humanística. A proposta desta pesquisa não é tanto ver como a cidade é vista e apreciada desde a construção de processos racionais, mas desde uma leitura e experiência contemporânea que privilegia as sensibilidades e que coloca o corpo como intermediário entre o urbano, o ontológico, o político e o estético.

2.1 A leitura da cidade: aproximações ao ser-lugar

A proposta de retomar a cidade como uma forma de leitura vem ao encontro dos postulados de Guattari (1996), na medida em que o autor denomina a revolução molecular como equivalente a uma atitude ético-analítico-política, permitindo assim um questionamento sobre as maneiras como a cidade é constituída para ir à busca da força-invenção dos sujeitos capazes de *criar* seu espaço. Retoma-se a leitura como facilitadora, dentro da caixa de ferramentas, para adquirir conhecimento, confrontar, recuperar, saber, aprender e desaprender, ou seja, existe uma pretensão de definir a cidade, de uma maneira que permita abordar ela como o lugar de esperança, desde a reflexão, de análise e de (des)construção coletiva de significados, onde o poético produz sentido para ver a cidade não desde a representação, senão desde a experiência.

O 100em1dia, ou 100in1day como é reconhecido o movimento cidadão, visa a construção de relações mais próximas entre o ser e a cidade a partir da prática. Agir na cidade demanda um processo que não somente se refere à execução, mas a forma como se entrecem pequenas fibras entre ambos aos sentidos, às vibrações, à análise, ao que se dá e ao que se toma, ao aqui e ao agora, ao que há no coração e no baú da casa dos avós, a uma multiplicidade de eventos, sentimentos e lógicas que fluem através do tempo.

A leitura da cidade pretende abordar a forma como se entende o espaço urbano, mas também identifica o processo leitor por meio do qual se configuram as singularidades dentro lugar da existência e as formas banais de habitar nele. A proposta do projeto 100em1dia Cuiabá, desde sua singularidade, desde sua própria gênese, parte da leitura da cidade para reconhecer o que a cidade tem, aquilo que a cidade precisa e o que significa a cidade, para atingir, mediante o empoderamento cidadão, 100 ou mais ações de arte e cidadania, como aconteceu durante o domingo 3 de abril de 2016. Denomina-se, assim, o processo como de reflexão/ação.

Logo, o percurso teórico sugerido parte de uma consideração do urbano como cenário, esboçando várias posturas sobre seus conceitos como cidade e as

diferenças com a concepção de lugar, não tanto a partir da concepção histórica, como a partir de encontros entre autores que permitem entretecer, desde diversas disciplinas, um sentido mais ontológico do espaço; permitindo desta maneira a constituição de um postulado que pretenda analisar a forma como a vida cobra importância no contemporâneo, não somente como geradora de conflitos, mas, como possibilidade para a construção da consciência da biopotência e de um novo tempo onde a multidão, no sentido em que Pelbart (2001) a entende, é geradora de conhecimentos endógenos e de forças de resistência.

Para começar, diversos pesquisadores consideraram a cidade como uma obra. Para Lewis Mumford a cidade era a obra de arte mais importante porque ela abrangia a materialidade do tempo, todas as manifestações culturais concretizadas, nela podiam-se apreciar diversas maneiras de produção econômica, política e social, mas também múltiplos conteúdos que a mente humana é capaz de realizar. (s.d. Apud LEMOS 2011, p. 7). Por sua vez, Lefebvre (2011) em seu livro célebre “O direito à cidade”, publicado em 1968 como *Le Droit à la Ville*, diz que deve ser apreciada como obra porque assim contrasta com a que ele considera um rumo irreversível à produção, ao valor de troca. A cidade como obra adquire um sentido diferencial, mais humano e gera uma relação mais íntima entre a arte e a vida, porque a concretiza.

Desde sua aproximação, Lynch (1997) diz que a cidade é uma construção a grande escala, é uma obra inacabada e para ser percebida necessita-se de longos períodos de tempo, e esclarece que o design da cidade é diferente dos outros tipos de arte na medida em que as sequências não são controláveis nem limitadas, senão invertidas, interrompidas, abandonadas e atravessadas. As formas da cidade adquirem sentido a partir do uso e uma relação próxima com elas.

A cidade não possibilita uma apreciação fácil, porque como menciona Milton Santos (2009) uma das razões para considerar a cidade como cenário de complexidades, é que na cidade cabem todos os tempos. Para Santos o tempo é diferente para as pessoas, ele considera que o espaço é construído e ele é caracterizado pela acumulação desigual de tempos. Existe na possibilidade de

pensar e repensar o espaço do homem, a contemplação de uma mudança da estrutura espacial, a qual enfatizava como imperativa.

A denominação do termo “cidade” reclama modificações conceituais no contemporâneo, que encontram sentido na maneira como desde o projeto 100em1dia Cuiabá se desenvolveu a interpretação do espaço e da relação da vida das pessoas com ele. Assim, é importante ir além das dinâmicas teóricas que convidam pensar a cidade nos termos como ela é definida, e que segundo autores como Thibaud (2012) e Souza (2016) a mostram como um termo cada vez mais criticado e inadequado. Nesta lógica a concepção de “lugar” adquire importância, apreciando o momento em que a cidade aparece como resultado de um processo de significação *epidémico* para quem nela habita e interage. A cidade é lugar quando ela é familiar (TUAN, 1977 apud LEITE, 2008), quando é um território usado, praticado.

A expressão Cidade Possível¹¹, (definição de Maria Thereza Azevedo), faz referência a outros modos de habitar e conceber a cidade, propõe a consciência sobre o biopoder e visa gerar espaços de esperança, onde o trabalho compartilhado facilite a melhora das condições de vida dos habitantes. Durante a abertura do evento Cidade Possível¹², Souza mencionou a importância de considerar o termo *lugar possível*, diferindo da expressão *cidade possível*, tendo em conta que falar de cidade remete às condições atuais nas quais o capitalismo intervêm e controla o espaço. Para Maria Adélia de Souza o desafio é ir à busca da compreensão do espaço banal para todas as pessoas, que não se perca nos termos totalizantes de o urbano e a cidade (SOUZA, 1994 apud SOUZA, 1997). A geógrafa manifesta que a construção de cidades é o maior negócio do século,

¹¹ A apresentação do projeto afirma a concepção da “cidade como o campo de construção da vida social enquanto um circuito de afetos. O espaço como possibilidade de mobilização de ideias, pessoas e experiências que podem criar conexões e redesenhar as condições de participação e apropriação. O espaço como agenciador de subjetividades para uma reinvenção da vida.” Informação disponível em: <http://cidadepossivelcuiaba.org/projeto/>

¹²A iniciativa 100em1dia Cuiabá foi abraçada pelo projeto Cidade Possível, desenvolvido pelo PPG em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso. Durante o encontro acadêmico de Cidade Possível, Maria Adélia Souza trouxe a discussão das geopoéticas, tema que aborda desde 2011. O projeto Cidade Possível é de autoria da Profa. Dra. Maria Thereza Azevedo.

porém o lugar se apresenta como diferente desde esta ótica porque nele possibilita-se o acontecer solidário e “a solidariedade orgânica é um ato político[...] Além de estarmos juntos, nós precisamos da solidariedade” (2016).

Falar do conceito *lugar* e não de cidade permite também estabelecer uma relação entre as pessoas e o espaço, é uma aproximação entre o ser e o espaço. O arquiteto Louis Kahn (SCULLY, 1962 apud. FALBEL, 2007) disse “uma cidade é o lugar onde um menino ao percorrê-la pode descobrir algo que lhe diga o que gostaria de fazer com a sua vida”. O sentido ontológico da cidade como lugar reflete sobre a situação de correspondência na qual a vida daquele lugar e a da pessoa se constroem em conjunto, gera-se uma relação analógica entre ser e o lugar, propondo o sentido da existência como básico na proposta de ser-lugar.

2.2 O processo leitor do urbano

A leitura como prática convida a pensar na linguagem, nas formas de racionamento nas quais existe um comum: os signos. A transformação dos discursos, imaginários, práticas em signos nos conduz a apropriação do mundo e tem-nos permitido a criação da cultura. O signo é a unidade da semiótica. O semiotista espanhol Margariños de Morentin (1981 apud VÁSQUEZ RODRÍGUEZ, 2002, p. 28) diz que o signo é “un mediador sensorialmente perceptible, entre lo que es previamente conocido acerca de algo y las posibilidades que ese algo tiene de transformarse en un conocido diferente”. A semiótica nos aproxima da compreensão da cultura, daí que a etapa de compreensão da cidade como lugar mereça refletir nessas linhas teóricas.

A semiótica é a ciência que estuda os signos, as regras que os governam e as relações de produção, troca, transmissão e interpretação. Sebastiá Serrano (1984 apud VÁSQUEZ RODRÍGUEZ, 2002), lingüista espanhol, reconhece o vínculo da semiótica com a comunicação e a significação, e nessa relação entre as duas, a ação humana. Autores como Umberto Eco¹³ enfatizaram também na relação estreita entre comunicação, semiótica e cultura.

¹³ ECO, Umberto. *A estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

Segundo Vásquez Rodríguez¹⁴ (2002), a semiótica cumpre uma tríplice tarefa em relação aos signos: primeiro os reconhece em uma situação determinada, segundo identifica o que são e faz uma taxonomia; e em terceiro lugar, a identificação poder-se-ia entender como reconhecimento e análise da sua imbricação, comutação, da maneira como os signos se interrelacionam. A partir dessa tríplice missão, a semiótica formula leis, princípios, modelos e estratégias.

O segundo momento da semiótica é o aspecto semântico, Vásquez Rodríguez na sua obra *La cultura como texto*, o denomina como a hermenêutica, que propõe ver o signo como incorporado, no contexto, interpretado. O autor traz a definição de Eco, segundo a qual “el signo no es (sólo) lo que está en lugar de otra cosa: es ante todo —y eminentemente— lo que está en lugar de sus posibles interpretaciones. Signo es lo que puede interpretarse” (2002, p. 31). Assim, a hermenêutica poderia se considerar como uma semiótica em segundo nível; através dela se dá vivacidade ao signo.

Por meio da hermenêutica, podemos dar um passo além do signo em si; porque de acordo com Paul Ricoeur (1980 apud VÁSQUEZ RODRÍGUEZ, 2012) situa-se no nível das mediações em que o discurso se dá entre o homem e o universo. Dessa forma, possibilita-se uma infinita gama de combinações, nas quais o signo se apresenta de maneira dinâmica e aberta. Poderíamos nos encontrar assistindo os signos em cena, ou nas palavras de Victorino Zecchetto assistimos a *dança dos signos*¹⁵, que convida a conhecer seu movimento, sua plasticidade, sua fantasia e sua liberdade.

Através da ótica apresentada, ler a cidade exige ter em conta que o processo não somente atravessa o momento intrasígnico, senão os processos subjetivos que permitem e possibilitam um encontro entre o homem e o mundo. Partir da hermenêutica faz refletir sobre a condição humana dada pela afetividade e mediada pelos discursos; e no caso da presente pesquisa, da ordem capitalista do espaço urbano e as dinâmicas que reduzem o cidadão ao consumo.

¹⁴ Escritor, ensaísta, semiólogo, educador colombiano. O autor tem publicado vários livros sobre leitura, escrita, semiótica e educação.

¹⁵Zecchetto, Victorino. *La danza de los signos: nociones de semiótica general*. Quito: Abya-Yala, 2002.

Coloca-se aqui a proposta de Vásquez Rodríguez (2002) de que há ao menos seis funções nas quais a hermenêutica apoia à semiótica:

- Sobre o emissor e a emissão (conhecer os métodos e estratégias);
- Sobre os meios e as mediações (conhecer a construção das mensagens, circulação, troca, intermediações);
- Sobre o receptor e a recepção (conhecer as formas de interpretação);
- Sobre a história e a tradição (identificar as condições temporais e o valor dos signos na cultura);
- Sobre a ideologia e a mentalidade (detalhar os credos, as doutrinas, as ideias e as filosofias);
- Sobre a simbologia e os imaginários (saber de que forma há uma produção de emoções, afetos, emotividade e sentimentos).

Vásquez Rodríguez (2002) argumenta a importância da relação hermenêutica-semiótica, mediante a ligação indivisível entre a explicação e a compreensão, atribuindo à semiótica a “desconstrução” e à hermenêutica a “reconstrução”. Segundo Santa Cruz:

Mientras la semiótica se impugna a sí misma y propone un modelo deconstructivo en donde explota el código, se pulveriza el sujeto y desaparece la referencia, en búsqueda de posibles nuevos modelos, la hermenéutica revisa críticamente su perspectiva de análisis y creación, pero recuperando al sujeto, al sistema y al mundo como elementos interactuantes y dinámicos, en un proceso de significación. (SANTA CRUZ s.d. apud VÁSQUEZ RODRÍGUEZ, 2002)

Assim, na junção explicação-interpretação é fundamental para o processo proposto cuja finalidade é analisar a vida e agir na cidade para ter melhores condições. Toma-se a possibilidade de apreender à cidade e reaprender nela como parte dos agenciamentos produzidos e das micropolíticas geradas a partir do 100in1day como movimento cidadão e do 100em1dia Cuiabá como potência da vida na capital de Mato Grosso. Trazer a discussão da estreita ligação entre a semiótica e a hermenêutica é considerar o processo leitor do espaço urbano como uma ferramenta de libertação.

Para Paulo Freire (1987) o entendimento da realidade permite ao oprimido sair da alienação. O processo é coletivo, porque como ele diz ninguém liberta o

outro, ninguém se pode libertar só, a libertação é um ato coletivo. Dessa maneira, tendo consciência da opressão é como os oprimidos podem iniciar uma luta conjunta, acreditar em si mesmos e obter deste modo um método reflexão/ação neste caso na busca do sentido antropológico da cidade.

Há, assim, na necessidade de colocar a importância da leitura da cidade neste contexto uma intenção política, porque permite ao ser refletir sobre o lugar, para perceber as formas como desde as suas relações com o ambiente ele também é capaz de se conceber como ser-cidade ou, melhor, ser-lugar, ele parte de si. Meditar sobre a cidade, em palavras de Hoyos Sánchez (2013), é pensar na condição humana, mas também no caráter político. Por isso, pensar numa cidade não é somente reconhecer quais são as macropolíticas, mas também as micropolíticas e como o sujeito pode intervir e criar aquele espaço que ele quer, que ele precisa.

No processo leitor, é preciso dar prioridade à desconstrução da imagem da cidade, também porque os conceitos que o cidadão tem são produto de mediações, resultado de vozes, interesses e ideologias. Vê-se que o mercado global tem gerado sobre a cidade um processo de desqualificação, a cidade tem perdido singularidade e é considerada como um espaço sem identidade (PARDO, 2010), (AUGÉ, 2002). A imagem da cidade tem sido disposta para corresponder aos interesses econômicos, a cidade deve ser vendável, atrativa, comercializável, consumível, sobretudo através do turismo. Logo, condiciona-se a percepção da cidade aos interesses do capital.

A imagem produzida da cidade é também uma forma de engano, existem diversas plataformas onde o espaço urbano mostra-se como legível, mas só trata-se de ser aceitável a partir de uma estética do consumo. Com a conjuntura de uma excessiva produção audiovisual, baseada nos discursos nos quais assistimos a uma sociedade que privilegia o visual sob outros tipos de texto, cuidam-se as técnicas audiovisuais: o enquadramento, as proporções, a longa exposição, os desfoques, os ângulos etc. As imagens devem ser profissionais, aproximam-se cada vez mais a construções fantásticas, quase com a intenção de não pensar nas formas de habitar o espaço. Diz Milton Santos:

As formas em si mesmas, isto é os objetos geográficos, deixavam de ter um papel exclusivamente funcional. As coisas nascem já prenes de simbolismo, de representatividade, de uma intencionalidade destinados a impor a ideia de um conteúdo e de um valor que, em realidade, elas não têm. Seu significado é deformado pela sua aparência. [...] para interpretar corretamente o espaço é preciso descobrir e afastar todos os símbolos destinados a fazer sombra à nossa capacidade de apreensão da realidade. (SANTOS, 2009, p. 59)

A mídia tem uma grande responsabilidade na construção da imagem da cidade, as imagens circulam pelo mundo gerando uma representação dos lugares. O papel da internet e das redes sociais é fundamental na construção atual do conceito das cidades, de seus estereótipos.

Apenas para ilustrar, se alguém procura informação de uma cidade na internet, passa por um processo similar: entrar no buscador do Google, por exemplo, daí encontra a primeira parte da informação dos organismos oficiais (prefeitura, estado), também o registro de Wikipédia, algumas notícias do lugar, sites com sugestões de pontos turísticos e sites de vendas da região. Em outras pesquisas relacionadas aparece uma lista com as seguintes sugestões: Cuiabá tempo; Cuiabá esporte clube; Cuiabá turismo; Cuiabá notícias; Cuiabá mapa; Cuiabá custo de vida; Cuiabá temperatura.

Mas quando se procuram as imagens é necessário pensar sobre a construção visual que se tem e se faz da cidade. A continuação é possível meditar sobre a imagem de Cuiabá que aparece nos resultados de Google.

FIGURA 1. IMAGENS DE CUIABÁ EM GOOGLE

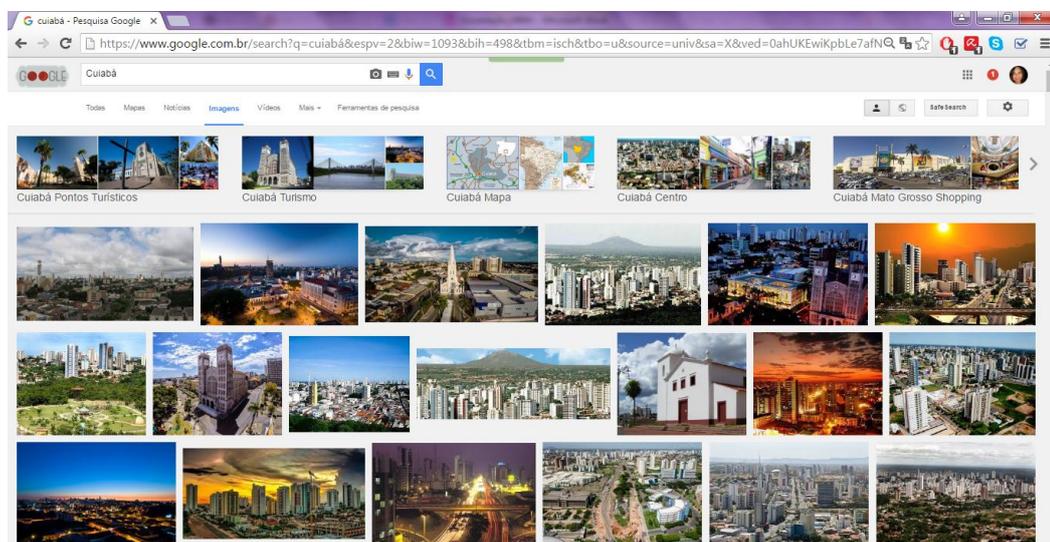


Foto: Bello Medina (2016)

Nas imagens expostas, enxerga-se uma cidade quente, urbanizada, tendo em conta que a maioria das fotografias mostra uma urbe de prédios, com espaços verdes, amplas vias. Se a forma da cidade é colocada desta maneira, como se pode perceber a cidade habitada? Sobretudo fazendo a colocação de que nas imagens que tentam totalizar o espaço urbano não aparecem pessoas, pelo menos nos primeiros resultados exibidos, fruto da busca como ilustra a Figura 1. Também, é possível perceber que as fotografias são profissionais, não se registra na busca uma imagem amadora, próxima a uma realidade de periferia, por exemplo. Algumas imagens foram registradas com um drone. Aliás, chama a atenção que os sites que albergam figuras falam do aniversário de Cuiabá (296 ou 297 anos).

O exemplo anterior abre a oportunidade de uma abordagem da cidade que fuja dos padrões capitalísticos que tentam relacionar o significado com a aparência e que respondem somente aos fluxos gerados pelo marketing das cidades que parecem estar longe dos termos reais da construção da identidade e que demonstram que não todo está dito sobre o lugar, sobretudo quando não se tem ouvido as pessoas que ali moram.

É preciso voltar para a cidade com um olhar diferente para saber através dos sentidos, da experiência que como diz Larrosa (2002) é um caminho diferente ao da informação. Desconhece-se nas fotos a receptividade dos cuiabanos, seu jeito de ser afáveis, de abraçar ao estrangeiro; a poesia dos pescadores no Rio Cuiabá à tarde; as capivaras que encantam as pessoas em alguns lugares do perímetro urbano; a beleza da dança do Siriri dedicada à senhora da Guia; as garças enormes que atravessam o céu charmoso que pode ser apreciado em Cuiabá; o homem que chega muito cedo à rua para vender bolo de arroz, pão de queijo, café e chá para quem sai cedo de casa para trabalhar; os indígenas que há na cidade que vieram de diferentes aldeias do Estado para estudar; as árvores de manga, seriguela, caju que alimentam aos moradores de rua; mas também da sujeira e do caos porque permite que sejam dadas mudanças significativas ao longo do tempo.

FIGURA 2. AÇÃO “PASSARINHANDO NO PARQUE” – 100EM1DIA CUIABÁ



Foto: Heidy Bello Medina

A Figura 2 faz referência a uma das ações realizadas durante o domingo 3 de abril de 2016. A atividade propõe conhecer e monitorar as espécies de aves que há na cidade. O local foi o Parque Mãe Bonifácia. A observação de aves aguça os sentidos, fazendo também uma ruptura no jeito de olhar para a cidade porque geralmente ninguém fica olhando para cima. O ato causou estranheza nas pessoas que faziam atividades físicas no Parque. Conhecer as aves também implica saber as condições ambientais, porém saber sobre a vida.

Desta maneira, é pertinente trazer a apreciação de Thibaud sobre as formas diferentes de se relacionar com o espaço urbano:

A vantagem da abordagem sensível reside não somente no caminho que ela abre em direção a uma fenomenologia da experiência urbana, mas também no sentido que ela empresta à criação da própria cidade. Não é por acaso que o meio ambiente sensível se encontra na junção entre a qualidade de vida dos moradores, as estratégias socioeconômicas da cidade e as questões ecológicas. (THIBAUD, 2012, p. 11).

Para Jean Paul Thibaud (2012), a leitura da cidade deve permitir pensar no valor da estética em seu sentido original, como *aesthesis*. Refere-se assim à

percepção, através dos sentidos, que vá além do gosto ou a filosofia da beleza. Sua postura tem fundamento em três correntes, nas quais é comum uma abordagem sensível da cidade: a estética da modernidade, que estuda os efeitos das mudanças do século XX nas grandes cidades; a estética ambiental, a qual presta atenção à natureza nos espaços habitados; e a estética das ambiências, focada na discussão afetiva da construção dos espaços urbanos e arquitetônicos.

A partir de uma aproximação ao mundo, que privilegia a experiência, os sentidos, os afetos, os seres, é possível pensar na sugestão de Thibaud (2012), que a partir dos estudos desenvolvidos pelos fundadores da estética das ambiências, Gernot Böhme e François Augoyard, retoma o objetivo de fazer de esse a uma teoria fenomenológica da percepção sensível para construir maneiras de abordar a existência de atmosferas urbanas, questionando e tentando desconstruir a divisão das relações entre sujeito e objeto, que tem sido definidas sob as atmosferas moral e material, respectivamente.

As ambiências são consideradas espaços dispostos e organizados para as atividades humanas acontecerem. Thibaud (2012) traz a discussão da estética das ambiências, inscrita no contexto geral dos estudos em arquitetura e urbanismo, para o estudo contemporâneo da cidade, e deste jeito considerá-la como uma forma de construção do saber na medida em que a ambiência não somente permanece no nível da recepção sensorial, mas também no plano da produção material, convidando assim tanto as criações artísticas, mas também as criações cotidianas e múltiplas invenções.

O papel da estética das ambiências consiste, então, em sugerir uma alternativa a essa forma de pensamento, mostrando como a ambiência tanto precede quanto é indissociável das propriedades materiais do meio ambiente e dos estados afetivos do sujeito sensível. (THIBAUD, 2012, p. 10)

Encontra-se no estudo da estética das ambiências e das sensibilidades um caráter político para repensar mais uma vez a alienação produzida pelas ideologias dominantes na leitura da cidade. Thibaud argumenta que “trabalhar uma leitura sensível do meio ambiente urbano envolve não só a observação atenta das mudanças que estão acontecendo, mas também um olhar crítico sobre seus efeitos

e implicações” (2012, p, 13). Afirma-se a leitura do lugar como uma forma de resistência que possibilita a aquisição de uma perspectiva ontológica que seria diferente, a qual permite que a análise da vida no transcurso do tempo do lugar.

2.3 Cidade, corpo e memória

Retomando a cidade como obra de arte construída e percebida que convida à interatividade é preciso assinalar que não somente aquela aproximação poética é permitida aos artistas, senão ao homem comum, de quem os conceitos num processo imersão podem mudar gerando uma interpretação crítica. Entrar na cidade, percorrê-la, sentir sua pele (asfalto), degustar o que ela tem para oferecer é necessário. Há muitos detalhes dispostos na cidade, ninguém pode passar pela cidade sem usá-la, pensá-la. O transitar exige reconhecer os códigos nela inseridos. A nossa apreciação do lugar não é limitada, dependemos do clima, da geografia, de todos os elementos do ambiente, pois segundo sua composição nosso corpo, mente e alma se adaptam, desta maneira temos uma reciprocidade irreversível. A cidade permite desdobramentos no tempo e no espaço.

Ler o lugar a partir do corpo, corpo sensível, corpo experiente permite adquirir uma concepção do lugar, que se estende ao ser, não é um exterior senão uma amalgama, ser e espaço urbano são complemento e se definem reciprocamente. Dá-se prioridade ao corpo na medida em que através deste se produzem atravessamentos profundos, que propõem uma racionalidade que não seja distante do corpo e da alma e que escapam à parametrização do cenário urbano. O corpo começa a experimentar novas formas de habitar e permite ao ser outras dinâmicas. A partir destes encontros e desencontros, o corpo converte-se em veículo de conhecimento que permite uma possível teorização das formas de habitar lugares. Lynch menciona que, por exemplo, numa foto podemos apreciar ou Everest, mas não a montanha, e enfatiza:

Ampliar e aprofundar nossa percepção do ambiente seria dar continuidade a um longo desenvolvimento biológico e cultural que avançou dos sentidos do tato para os sentidos distantes, e destes para as comunicações simbólicas. Defendemos a tese de que agora somos capazes de desenvolver nossa imagem do ambiente através

da atuação sobre a forma física exterior, bem como através de um processo de aprendizagem interior. (LYNCH, 1997, p. 14)

É o corpo que se localiza no espaço e sua adaptação a esse permite um acoplamento, somos o lugar e depois o lugar é nosso, possibilitando uma apropriação, uma forma de invenção, diferente das maneiras de sobrevivência. Assim começa uma resistência: há vias para construir em conjunto. Por exemplo, os skatistas de Cuiabá, mostrados desde a ótica da curta-doc *Sob os pés* das jovens realizadoras Juliana Segóvia e Neriely Dantas, tem outro conhecimento sobre o espaço urbano na medida em que sua pele está em contato com a pele da cidade (asfalto), sem importar os 40°C, temperatura média dos meses mais quentes. A ação pode encontrar razão nas palavras de Ezequiel Martínez Estrada:

El tacto de la ciudad es percibido por los pies. La mano es inútil para palpar la ciudad. No podemos entrar con ella en contacto si no es por los pies; se la palpa caminando y es durísima. En verdad, refractaria. Esa es su piel, de pavimento. De acuerdo con las teorías de la evolución, que explican el casco del solípedo para la acción mecánica de la percusión en la marcha, el pavimento debe explicarse por los mismos factores que el carapacho del armadillo y la dermis del paquidermo. (MARTINEZ ESTRADA, 2008)

Assim a intenção de compreender a cidade não é uma tarefa fácil, necessita do movimento dos corpos e das ideias ao longo do tempo, movimento que leva a conhecer e ressignificar os processos da experiência no lugar. A noção do mundo é dada através do corpo, o corpo que se enche de acontecimentos e que no tempo gera ligações a partir dos sentidos: do cheiro do caju do quintal da família, o gosto do bolo de arroz de dona Eulália, a raiz ainda visível da árvore cortada, o som do carrinho do picolé, a sensação de caminhar pelo calçadão Galdino Pimentel e observar as cores das casas do centro histórico. A prática da cidade é um convite para descobrir segredos, como diz Vásquez Rodríguez:

Las ciudades, en su esencia, son secretas. Al menos para el turista. Al extranjero la ciudad se le presenta de una manera diferente al nativo. Quizás mejor, más proteica. Tiene varios rostros. Varias metamorfosis. Cada ciudad presenta a sus visitantes una diferente faceta. Para el extranjero la ciudad es como un enigma. Al menos en un principio. No olvidemos que una ciudad no se da con facilidad. Hay que convivir con ella: habitarla. Hay que descifrar sus oráculos. Valdría la pena aclarar que si uno no se mantiene atento a su

ciudad —si no la recorre o no la camina, si no la “reconoce día a día”—termina por convertirse en extranjero de su propio territorio. Y es muy probable que sea así en las megápolis, en las grandes urbes. Lo proteico de la ciudad reside en su movilidad. A cada hora, a cada día las ciudades se moldean de manera diferente. (VÁSQUEZ RODRÍGUEZ, 2002, p. 200).

Não há uma separação entre o espaço e os indivíduos. Construir a cidade como lugar a partir dos encontros coletivos, dos relatos, do encontro dos corpos, do estar juntos permite a leitura de uma paisagem mais próxima. O “você lembra” e o “eu lembro” convertem-se em encontros da alteridade, em uma história diferente da hegemônica, dada a partir do difícil ato de escutar, que finalmente depois de coincidir em arrepiantes narrativas levam a revisão e escritura do livro da vida, como sugere Walter Benjamin:

O estímulo superficial, o exótico e o pitoresco só tem efeito sobre o estrangeiro. Para retratar uma cidade, o nativo tem que ter outros motivos, mais profundos -motivos de alguém que viaja para o passado em vez de na distância. O livro de um nativo sobre sua cidade será sempre relacionado às suas memórias; o escritor não passou sua infância lá em vão. (BENJAMIN, s.d. apud DAVIS 2009)

Há nestes lugares subjetividades que se confrontam, se chocam, se constroem e desconstroem, encontros que geram micropolíticas urbanas. A interpretação é sabiamente ferramenta de poder. Ela permite construir a partir do encontro do passado (memória) com o presente (ações) territórios de esperança. Não se trata de criar um saudosismo desnecessário, mas de desconstruir os discursos de poder, possibilitar singularidades e potencializar a capacidade criadora coletiva em busca do direito à cidade.

2.4 Cuiabá segundo as pessoas

A interpretação da cidade proposta parte da relação estabelecida entre espaço e ser, num tempo determinado, reflete sobre os múltiplos discursos criados que afetam a leitura do lugar. Está-se presenciando, nesta etapa da história, um processo onde o espaço está sendo desconstruído, repensado, e se propõe, através de inúmeras iniciativas cidadãs, a compreensão coletiva do lugar como preliminar da ação para subverter os condicionamentos do planejamento urbanístico capitalista.

A seguinte informação foi produto do processo de organização, quando ao longo do período, de novembro a março, se coletaram apreciações de diversas pessoas sobre Cuiabá, que foram disponibilizadas para o público no geral, através do canal de YouTube *Cidade Possível* com a finalidade de motivar às pessoas para participar do 100em1dia Cuiabá – Cidade Possível. Os diálogos foram baseados nas perguntas como Cuiabá é, o que a cidade tem e o que a cidade precisa? Algumas impressões desses depoimentos são colocadas aqui.

Michèle Sato – pesquisadora em educação ambiental da UFMT

Todo mundo em Cuiabá percebe as altas temperaturas da cidade. É importante considerar a mudança climática, porque ela afeta primeiro às pessoas pobres, porém as condições são injustas. Devem-se tornar visíveis esses grupos sociais vulneráveis, mapear as pessoas mais expostas, quiçá são os moradores de rua, indígenas, quilombolas? Resistir ao modelo de consumo que é insustentável. A gente deve promover não somente os direitos humanos, mas também a vida não humana e aquilo que está em relação: solo, água, ar. Todas as dimensões da natureza que todo o tempo conversam com a cultura. Pode-se pensar numa arquitetura mais moderna, com aproveitamento da luz solar, do vento, da água, plantar grama no telhado, a recuperação dos rios é urgente, podem ser soluções. Um projeto de *Cidade Possível* é esse que pense que não é somente o ser humano quem mora nela, mas que existem outras formas de vida que ali moram, e que o ser humano é dependente.

Prof. Dra. Dorcas Florentino - Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFMT

É importante resgatar o título que Cuiabá tem de Cidade Verde, obtido pela a vegetação e a arborização. Ainda com as obras da copa se perderam muitas árvores, mas é preciso recuperá-las. É necessário lembrar que Cuiabá tem uma sociedade diversificada, formada por diversos grupos: ribeirinhos, indígenas, negros, pessoas de vários lugares do país também. Por tanto, a cidade tem que se repensar com esse tipo de sociedade, que seja um lugar onde caibam todos. A partir do contato com os povos indígenas recebi um aprendizado imenso da sabedoria que eles têm, porque foi através dessa sabedoria como eles resistiram. A gente necessita pensar em aproveitar o conhecimento da aldeia para a cidade, trazer os saberes do indígena, do ribeirinho, do quilombola, sem ficar só no discurso.

Bianca Poppi – Designer de modas

Sou filha de arquiteto, meu pai tem o projeto Cidade para Pessoas. Devemos ter consciência do crescimento da cidade. A gente pensou muito em mobilidade

urbana, em lugares para os carros passarem, mas também existem pessoas. Assim que se deve pensar mais nas pessoas que estão na rua, aqueles que usam o transporte público, pessoas que frequentam praças. A cidade é muito quente, e parece que estivéssemos construindo uma ilha de calor. É preciso pensar em arborização, numa arquitetura sustentável, que torne o lugar mais agradável, para que as pessoas possam andar na rua e não gerar esses espaços viáveis para assaltos como acontece, moro no centro e só nesse ano (2015) fui assaltada três vezes. Talvez descentralizar para ter mais movimentação, sobretudo à noite, porque funcionariam muitas coisas nesse horário, mas parece que é o contrario o que está acontecendo.

Raquel Mützenbergl – Atriz- pesquisadora/bonequeira

Cuiabá tem potencial, devemos olhar para ela e pensar nela porque é a cidade que nos albergará 10, 15, 20, 50 anos. Eu penso numa cidade sem medo, onde eu como mulher não precise desviar caminhos, me limitar a horários, que não precise comprar um carro. A gente ter um transporte público que nos atenda. Eu gostaria de chegar num ponto de ônibus cheio de plantas, graffiti ou obras de arte. Passar no centro em lugares movimentados e ver teatro, performance, apresentações musicais e que a gente não precise se fechar a ir em grandes teatros, sociabilizar todo, com preços acessíveis. Dar também uma olhada no histórico de Cuiabá antes da ditadura e pensar os nomes que mudaram, por exemplo, no centro tinha uma rua que se chamava “Da Alegria” e agora se chama “Voluntários da pátria”, é preciso pensar se esses nomes dialogam coma a gente.

Prof. Dr. Cornélio Silvarino Neto – Professor do PPG em Geografia da UFMT

Cuiabá precisa definir o fluxo de veículos, porque o número de carros aumenta todo mês e as avenidas são as mesmas. Quando se trata do transporte coletivo, as pessoas ficam horas esperando o ônibus, muitas vezes não tem uma cobertura, com a temperatura alta de Cuiabá. Essa Cuiabá tem que ser urgentemente modificada e tem que ser um movimento de todos. Forçar as mudanças com o poder público, porque há dinheiro, se não houvesse, ninguém queria ser prefeito, governador. Uma Cuiabá humana é construída para todos não somente para a classe de alto poder aquisitivo, as pessoas de baixo poder aquisitivo também tem direito.

Isis Castro – Profa. de artes cênicas e produtora cultural - Bairro Pedra 90

O que eu desejo para Cuiabá e que volte se socializar, que seja uma cidade descentralizada para que mais pessoas da periferia possam ter acesso gratuito à cultura, à educação e aos movimentos ambientais e sociais que há na cidade.

Prof. Dr. João Batista de Pinho – Professor do Instituto de Biociências da UFMT

A *Cidade Possível* é aquela onde nossos governantes tratassem com carinho dos nossos parques e dos corpos de água, porque a localização de Cuiabá numa parte do Cerrado Central que tem uma grande dispersão da biodiversidade da região.

Prof. Dr. José Portocarrero - Coordenador de Núcleo de Estudos e Pesquisas Tecnologias Indígenas- Tecnoíndia

Esta é uma oportunidade importante para discutir o futuro da cidade, pensando no seu. Discutir a cidade a partir do lugar onde ela se estabeleceu: Ikuapá, lugar onde se pesca com flecha arpão. Esse ponto de referência na beira do rio Cuiabá deu origem à ocupação da cidade. Lembrar do nome permite pensar nos primeiros habitantes: nos bororos, que tinham cerca de 300 km², mas também nos Bakairi, nos Pareci. Lembrar dessa antiga ocupação para discorrer numa atual ocupação equilibrada, sustentável. Meu desejo como morador da cidade é a recuperação dos córregos, porque se perdeu uma grande oportunidade com a realização da Copa do Mundo, não se fez nada e nossos córregos estão enterrados, virando canais de esgoto. Eles são as veias por onde corre a água, que é a vida da cidade. Temos que refletir sobre isso. Retomar essa vida é possível de acontecer e ainda com pouca tecnologia, devemos ter esse compromisso. Podemos trazer de volta alguns espaços que pertenciam à cidade e que foram perdidos pela agressiva ocupação que sucedeu.

Vera Capilé - Cantora/Psicóloga

Estou participando desse movimento que me motiva a pensar esse verde, essa maravilha de cidade que está na minha cabeça. É possível pensar numa cidade onde o meu neto vai poder encontrar uma sombra, beber uma água fresca do córrego recuperado. Voltar à cidade verde, alegre e cantar para essa cidade.

Refletir sobre a cidade permite fazer uma pausa nas dinâmicas contemporâneas que o modelo capitalista provoca para passar de um caminhar rápido a se localizar como um sujeito lento (no conceito de Milton Santos) e agir como um ser ético, político e estético. A intenção de abordar diversas óticas, subjetivas, para interpretar a cidade tenta postular um sujeito em duplo sentido leitor/ator. Na missão o tempo aparece como um dispositivo de mediação que permite se localizar no lugar, para apreciar seus detalhes, mas também acudir a memória como recurso/resultado de análise.



Ação “Narrações de uma infância em Cuiabá”.
 Alzira do Nascimento Souza, 94 anos, narrou algumas passagens de sua infância, quando conviveu com personagens lendários. Os convidados para conhecer as histórias da narradora foram as crianças que moram na rua Q-5 situada no bairro Parque Cuiabá
 A ação foi proposta pela filha da narradora.
 Foto: Terezinha do Nascimento Souza Molina (2016)



Ação “As crianças de João Sebastião”.
 A oficina dedicada aos alunos e professores do EMEB Silva Freire, permitiu conhecer aspectos da vida e da obra do artista João Sebastião da Costa. Logo depois de socializar informações sobre vida do artista e mostrar a obra do artista, os participantes foram convidados a retratar as suas leituras a partir da vivência proposta.
 Ação proposta por Daniela Freire
 *Foto: Daniela Freire (2016)

CAPÍTULO III

O TEMPO NA CIDADE

O mundo já possui o sonho de um tempo. Para vivê-lo de fato, deve agora possuir consciência dele.

Guy Debord

Si el tiempo produce una cierta desilusión cuando se filosofa sobre él, esto no es, precisamente, culpa de la filosofía; es culpa del tiempo. Porque la verdad es que el tiempo, de todos los caracteres de la realidad, es el menos real.

Xavier Zubirí

A vida é segurada pelas dinâmicas do tempo. Como representá-lo, como materializá-lo? O tempo pode ser cadência, mas nele até a certeza escapa, assim há pensamentos flutuantes e infinidade de casos onde o tempo é inexprimível. Perde-se a sensatez e os suspiros não podem ser contabilizados. O tempo tem ocupado um grande espaço no pensamento de teóricos reconhecidos, rondando nas suas cabeças durante muitos dias e pernoitando, às vezes, até o último instante. Há tempo em múltiplas equações e uma efemeridade constante nas propostas teóricas.

Pensar no tempo tem nos roubado tempo, ao divagarmos nele nos sentimos pensando nele, refletindo sobre ele, e no final temos poucas conclusões, quicá somente fica a experiência, o acontecimento, mas o tempo é como a água que flui entre as mãos, não podemos retê-lo. Poderíamos definir ou tentar fazê-lo, mas não podemos negar que é o tempo quem nos define. Somos produto do tempo e damos-lhe significado a partir da consciência sobre a vida.

Assim, o tempo é uma questão inexprimível e interessante que tem ocupado, mais reconhecidamente, a físicos e filósofos. Têm sido muitos os esforços para analisar desde o estudo dos fenômenos naturais e do pensamento o que é o tempo e o que ele significa, como afeta nossas ações e transcende no conhecimento. Dito interesse, assim como o tempo está em constante movimento e

se insere neste, se faz indissolúvel na história das ciências não só da natureza, mas também das sociais.

Porém, a intenção desta parte da dissertação é conhecer como o tempo, seus fluxos e suas concepções atravessam a vida para (re)definir, (re)significar experiências da cotidianidade enquanto as iniciativas globais que tentam incentivar os cidadãos sobre seu poder e responsabilidade para gerar cidades sustentáveis que sejam amigáveis para as pessoas, a partir de pequenas ações, revoluções moleculares, cuja somatória gere mudanças estruturais. A oportunidade de pensar este tema nos leva a uma reflexão sobre o tempo na cidade, como lugar, e especificamente em Cuiabá através do festival cidadão *100em1dia*.

3.1 O tempo, definições recíprocas

A rota deste trabalho não pode ser traçada sem algumas revisões sobre o tempo e suas concepções. Neste caminho é necessário começar pela reflexão da importância do tempo, para conhecer por que este tem sido um centro da racionalidade humana. Diz José Luis Guzón que,

Todas las teorizaciones acerca del tiempo tanto en la antigüedad como en las culturas históricas —tal vez con la única excepción del paradigma emergente¹⁶, de la concepción aristotélica¹⁷ y del paradigma judeo-cristiano¹⁸— se puede leer bajo el prisma del interés que el hombre tiene por ‘dominar’ el tiempo, en el sentido de ‘abolirlo’. (GUZÓN (2002, p. 104)

Por sua vez, na física o tempo posiciona-se no coração desta ciência, diz Ilya Prigogine (2011); quem assinala que o ponto de partida da ciência ocidental foi possível graças à incorporação do tempo no esquema conceptual da física galileana.

O paradigma clássico mostra-se como concepção absoluta, onde se destacam características como a “homogeneidade (simultaneidade), fluidez uniforme, independência do conteúdo físico, ineficácia causal (determinismo), infinidade,

¹⁶ Referente ao paradigma contemporâneo da física.

¹⁷ Aristóteles foi o primeiro em tratar de maneira sistêmica o tempo, toma-o como parte quantificável do movimento.

¹⁸ Distingue-se como um modelo linear, caracterizado ter por dois pólos a criação e a parusia (segunda vinda de Jesus Cristo à terra).

divisibilidade infinita, reversibilidade” (GUZÓN, 2002, p. 103); enquanto o paradigma contemporâneo apresenta-se como emergente. O filósofo Milič Čapek (apud GUZÓN, 2002) assegurou que todas as propriedades clássicas do tempo exceto a divisibilidade infinita e a reversibilidade, se viram provocadas pela teoria da relatividade, mas ainda estes dois últimos aspectos vêm-se ameaçados pelo desenvolvimento da física pós-relativista.

Diz Prigogine que o tempo, desde a dinâmica clássica newtoniana, assim como desde a relatividade e a física quântica, não admite diferença entre o passado e o futuro, e que ainda há alguns físicos para quem o tempo é uma questão de fé ou uma ilusão: “em termos da descrição fundamental não há *flecha do tempo*” (2011, p. 10).

Prigogine menciona que o passado e o futuro desempenham papéis diferentes tanto na química, como na biologia, geologia ou nas ciências humanas, entre outras, justifica a existência da flecha do tempo e alude como contribuição o trabalho desenvolvido por Ludwig Boltzmann, que identificou o paradoxo do tempo, ao fazer evidente a contradição das leis da física newtoniana, baseadas numa proporção entre o passado e o futuro; e as leis da biologia onde o passado e o futuro jogam um papel diferente.

O modelo de Boltzmann faz referência a duas caixas ligadas por um tubo. Ao colocar muitas partículas em uma caixa e poucas na outra, esperasse um progressivo nivelamento de partículas, fenômeno que poderia remeter à irreversibilidade. No entanto, se se aguardasse mais tempo é possível que as partículas se acumulem de novo na mesma caixa. Assim, a irreversibilidade depende dos limites da paciência. (Prigogine, 2002). Embora o modelo tenha sido um argumento para não reconhecer a existência da *seta do tempo*, o paradoxo fundamenta o interesse de uma física contemporânea por estudar outros assuntos, não necessariamente aqueles que possam prever certeza, como no caso das estruturas dissipativas ou estruturas de não-equilíbrio, das quais Prigogine é expoente.

Assinala Guzón que a seta do tempo, metáfora denominada pelo astrofísico britânico Arthur Stanley Eddington, é produto da descoberta e desenvolvimento da

segunda lei da termodinâmica e da «entropia».(2002) tendo em conta a tendência do universo de mover-se desde ordem para a desordem, e que a entropia sempre está em crescimento.

A seta do tempo é um passo entre os paradigmas clássico e contemporâneo. Sem restar validade ao grande avanço que significou a ciência clássica, a mecânica quântica e a relatividade, Prigogine se propõe uma questão que opera como missão epistemológica: “como incorporar a flecha do tempo sem destruir essas construções grandiosas do espírito humano?” (2011, p. 10).

Assim, Prigogine destaca o nascimento da física dos processos de não-equilíbrio que permitiu o estudo de conceitos como a auto-organização e as estruturas dissipativas, úteis para uma grande variedade de ciências que vão desde a química, a biologia, a cosmologia até as ciências sociais. “A física de não equilíbrio estuda os processos dissipativos, caracterizados por um tempo unidirecional, e, com isso, confere uma nova significação à irreversibilidade.” (2011, p. 11).

De outro lado, é preciso fazer aqui uma integração com os estudos sociais e humanos, onde também o tempo tem sido um tema importante. Norbert Elias, em seu momento, apresentou uma preocupação por abordar o tempo, assinalando este como regulação social do processo de civilizador, porque a partir dos objetos que se utilizam para sua medição, gera-se um disciplinamento individual

Ora, o indivíduo não tem capacidade de forjar, por si só, o conceito de tempo. Este, tal como a instituição social que lhe é inseparável, vai sendo assimilado pela criança à medida que ela cresce numa sociedade em que ambas as coisas são tidas como evidentes. Numa sociedade assim, o conceito de tempo não é objeto de uma aprendizagem, em sua simples qualidade de instrumento de uma reflexão destinada a encontrar seu resultado em tratados de filosofia; ao crescer, com efeito, toda criança vai-se familiarizando com o "tempo" como símbolo de uma instituição social cujo caráter coercitivo ela experimenta desde cedo. (1998, p. 14-15)

Segundo Fernando Múgica (2006, p. 102), Ramón Ramos Torre elaborou um marco histórico da sociologia do tempo que impacta sobre o estatuto científico da teoria sociológica, porque dá a conhecer duas grandes maneiras de compreender à sociologia interessada pelo tempo como objeto. A primeira, que, “el tiempo es un

objeto intrínsecamente sociológico, por lo que todas las representaciones y prácticas que están asociadas a él son, ya sea total o parcialmente, representaciones y prácticas sociales.” A segunda, “el tiempo sobre la base de su objeto se halla profundamente temporalizado.”

Após retomar diferentes paradigmas em torno do tempo, resgato uma preocupação presente em vários autores sobre o estudo separado do tempo social e do tempo como fenômeno da natureza. Norbert Elias já o tinha manifestado em sua obra *Sobre o tempo*:

Muitas vezes, o indivíduo parece sentir-se um ser isolado frente à totalidade do universo e se comportar como convém. Do mesmo modo, a sociedade e a natureza aparecem frequentemente como mundos separados. Uma reflexão sobre o tempo deve permitir corrigir essa imagem de um universo dividido em setores hermeticamente fechados, desde que reconheçamos a imbricação mútua e a interdependência entre natureza, sociedade e indivíduo. (ELIAS, 1998, p. 17.)

Também Guzón teria de concluir a importância de unir enfoques epistemológicos e ciências (que entre outras foi uma aposta de trabalho de Prigogine, cujas contribuições Gilles Deleuze salienta em seu livro *Conversações*), mencionando que há um novo tempo para o conhecimento, pois dentro de suas complexidades, se tem desmitificado a existência de um método universal, que possa estudar por si só os fenômenos da natureza.

A questão não é de modo algum constituir uma falsa unidade que ninguém deseja. Aqui também a questão é o quanto o trabalho de cada um pode produzir convergências inesperadas, e novas conseqüências, e revezamentos para cada um. Ninguém deveria ter privilegio a esse respeito, nem a filosofia, nem a ciência, nem a arte ou a literatura. (DELEUZE, 1992, p. 43)

Tendo em conta o interesse de tratar como caso de estudo o projeto *100em1diaCuiabá*, deixo como precedente uma abordagem sobre o tempo, que embora sucinta, permitirá gerar vínculos com relação a uma iniciativa atravessada pelo tempo, não somente mecânico, mas interior, e que demanda não só a contemplação deste dentro das concepções universais, senão relacionado com termos como a seta do tempo e a irreversibilidade, os quais serão primordiais.

3.2. De cronos e pólis, correlatos

A cidade é esse lugar que alberga o tempo. Ela o absorve e permite que ele fique, flua, seja respirado e exalado. Esse tempo vê-se representado em suas construções, mas também no vestuário, nas festas, nos sorrisos... em cada canto. O tempo ainda que invisível, como diz Norbert Elias, deixa no espaço da cidade e em seus habitantes rastros, entropia. Essa cidade pode ser geometrizada tal como fez o artista colombiano Omar Raio que retratou cidades como Buenos Aires em suas obras, demonstrando que a cidade nunca se detém, sempre está em movimento, que não há forma de reter o tempo nela ainda que se lhe tente capturar numa imagem só.

O urbano contém diversos tempos, para a cada habitante o tempo nela/dela pode ser diferente, depende do meio, da técnica, do clima etc. Na cidade pululam por todos os lados as percepções de tempo. Como aparece na ficção científica do astrofísico estadunidense Alan Lightman, em relação com este espaço, o tempo é diverso:

Vista de perto, é uma cidade de muitos pedaços. Um bairro vive no século XV. Aqui, os andares das casas feitas de pedras ligam-se uns aos outros por escadas e galerias externas, enquanto as empenas abrem-se escancaradamente para os ventos. Limo cresce entre as lajes de pedra dos telhados. Uma outra parte da vila é uma fotografia do século XVIII. Telhas de cerâmica vermelha surgem oblíquas nos telhados de linhas retas. Uma igreja tem janelas ovais, sacadas sustentadas por modilhões, parapeitos de granito. Um outro bairro abriga o presente, com arcadas margeando cada avenida, grades de metal nas sacadas, fachadas feitas de arenito. Cada área da cidade está presa em um tempo diferente. (LIGHTMAN, 2014, p. 36)

Existem cidades que a partir de suas construções pretendem guardar época alguma, umas que pelo contrário querem alardear se vestir de diferentes etapas, costumam evocar tempos para todos os gostos, outras, no entanto, pretendem mudar de pele, se consumindo a si mesmas, como uma espécie de uma auto-regeneração artificial e imposta. O urbanismo e a arquitetura têm jogado um papel fundamental nestes processos. A singularidade de cada cidade parece se converter numa obrigação. Há vestígios de modernidade no mundo do urbanismo, as técnicas e obras milenárias perdem valor nestes tempos.

Milton Santos refere-se à maneira como o tempo se dá na cidade, a forma como é perceptível o passado e o presente, e como se consome através de sua trajetória, quando menciona que:

Na cidade atual, essa idéia de periodização é ainda presente; é presente nas cidades que encontramos ao longo da História, porque cada uma delas nasce com características próprias, ligadas às necessidades e possibilidades da época, e é presente no presente, à medida que o espaço é formado pelo menos de dois elementos: a materialidade e as relações sociais. A materialidade, que é uma adição do passado e do presente, porque está presente diante de nós, mas nos traz o passado através das formas: basta passear por uma cidade, qualquer que seja, e nos defrontaremos nela, em sua paisagem, com aspectos que foram criados, que foram estabelecidos em momentos que não estão mais presentes, que foram presentes no passado, portanto atuais naquele passado, e com o presente do presente, nos edifícios que acabam de ser concluídos, esse presente que escapa de nossas mãos. Na realidade, a paisagem é toda ela passado, porque o presente que escapa de nossas mãos, já é passado também. (SANTOS, 2002, p. 21.)

Recordamos que de acordo com o paradigma clássico havia equivalência entre o passado e o futuro, aos quais se acedia a partir de suas leis, no entanto o rastro do tempo nas cidades outorga validade à seta do tempo, porque considerando a anterior concepção de Santos, apresenta um fluir constante, pois em conformidade com Heráclito não existem condições que admitam viver dois acontecimentos iguais. Dessarte, “a flecha do tempo permite falar de uma realidade e não de um tempo metafísico.” (LEITE, 2015).

Milton Santos comenta que o tempo permite conhecer a realidade dos objetos e do espaço no que estes se localizam, considerando que estes adquirem um valor que pode ser absoluto (o valor deste em si) ou sistêmico (o valor deste em relação com outros objetos).

As formas asseguram a continuidade do tempo, mas o fazem através da sucessão dos eventos, que mudam o seu sentido. O objeto tem autonomia de existência, devida à sua existência corpórea, mas não tem autonomia de significação (...). É desse modo que o espaço testemunha a realização da história, sendo, a um só tempo, passado, presente e futuro. (SANTOS, 2006, p. 102).

No contexto do capitalismo, a cidade é abstraída de suas características especiais (singularidade) para corresponder a objetivos comerciais, entre outros. Tal

situação poderia encontrar sentido, por exemplo, no fato de que nas cidades construídas como fortalezas aquele passado do qual simbolicamente poderia estar carregado esse espaço, é trazido no presente como um atrativo comercial. Diz Jesús de Garay Suárez-Llanos (apud HOYOS SÁNCHEZ, 2013) que a cidade contemporânea cumpre a função de seduzir, ela se converte em uma imagem, chamativa, comprável. Desta maneira, também parece ser reduzido o passo do tempo porque a obra arquitetônica é alterada para “preservar” suas características do passado. Assim, como ser pensado o tempo aqui? Se há uma briga intensa por tomar aquele passado como escusa para interromper o fluxo do tempo. Parece que a ferramenta a que se recorre é o patrimônio.

Na urbe o tempo flui a ritmos imperceptíveis e a cada vez mais disciplinados. As palavras de Norbert Elias (1998) e Foucault (2014) sobre a geração de auto-regulação que nos indivíduos geravam os objetos de medida do tempo são atuais e impactantes. Sennett (1997) se referiu a como a cidade deve funcionar a velocidades a cada vez maiores, mudando e gerando modificações nos sujeitos para suprir as necessidades do sistema. Por sua parte Santos, também faria colocações ao respeito:

Esse momento no qual vivemos, para repetir Chesneaux, é de uma sociedade sincrônica, integral, na qual o homem vive sob a obsessão do tempo, sociedade essa que é, ao mesmo tempo, cronofágica. Nessa sociedade cronofágica, à qual o tempo cede, nós encontraremos a cidade, tal como descrita por Baillard, no seu Cronópolis: dizia ele que, no seu esplendor, essa cidade era como um organismo fantásticamente complexo. Transportar a cada dia quinze milhões de empregados de escritório, manter o serviço de eletricidade, de água, de televisão, administrar essa nossa população, tudo isso dependia de um só fator: o tempo! (SANTOS, 2002, p. 21).

Néstor García Canclini faz referência ao escrito de Julio Cortázar, editado em 1962, onde diz que receber um relógio de presente, não é somente um relógio o que se leva na mão, mas uma parte de si que cada quem deve assumir.

Dão-lhe de presente a necessidade de dar-lhe corda todos os dias, a obrigação de dar-lhe corda para que continue sendo um relógio; dão-lhe de presente a obsessão de ficar atento à hora exata nas vitrines das joalherias, no anúncio do rádio, no serviço telefônico. (2008, p. 39).

Logo, como o relógio não é o presente, mas a pessoa é o presente do relógio, damos tempo à cidade. Mas, da mesma maneira como se apresentam conflitos com o espaço urbano, as condições são desiguais. Assim, o chamado tempo interior ou existencial mostra que a experiência temporária é pessoal na cidade. A cidade não se apresenta ao mesmo ritmo para quem a transitam de carro, a pé ou em serviço de transporte público. Diva mora no bairro CPA II, em Cuiabá, e tem um emprego no bairro Boa Esperança. Para chegar às oito da manhã a seu lugar de trabalho, tem que acordar às 4h e tomar um ônibus às 6h, aproximadamente. Diz ela que, existem muitos empregados desta zona de trabalho que devem seguir essa rotina, pois vivem longe dali. Por isso, devem-se ajustar ao ritmo lento do sistema de transporte público de Cuiabá e à velocidade dos deveres como trabalhadores.¹⁹

Este depoimento permite-nos não só pensar no tempo da cidade como um fluxo da natureza, mas também como uma construção social, simbólica, onde também se refletem as relações de poder. Mencionava Milton Santos que os hegemônicos iam a um tempo rápido, mas os hegemonzados iam um tempo lento. O tempo dos pobres é lento.

3.3 100em1dia como acontecimento

Tem se refletido sobre um caráter epistemológico do tempo, destacando o interesse de várias ciências por seu estudo, mas, sobretudo outorgando-lhe a importância que merece no desenvolvimento de pesquisas interdisciplinares, pois é sem dúvida alguma um tema que permite uma profundidade no desenvolvimento do conhecimento. Dita aproximação das ciências, a partir de enfoques integrados, permite meditar sobre como esse tempo atravessa a vida humana, observando fenômenos naturais, como tem sido discutido por várias correntes pós-modernas.

Por outro lado, estuda-se o tempo na cidade, porque permite brindar noções a respeito do que acontece no espaço urbano, para analisar o caso específico do *100em1dia Cuiabá* e conhecer como o tempo neste lugar, desde a percepção social e do tempo existencial, geram acontecimentos como este.

¹⁹Informação obtida através de uma conversa informal com a pesquisadora, no dia 23 de março de 2016.

Afirma Prigogine (2011) que seria inconcebível o aparecimento da vida sem a coerência dos processos irreversíveis de não equilíbrio. A introdução da instabilidade permite a ressignificação das leis da natureza. Menciona também que ainda que o Big Bang se constitua como o acontecimento conceituado ponto de partida do universo, não tem sido contemplado como o início do tempo. Quiçá, desde esta concepção de instabilidade, o tempo não tenha início e também não um final.

Com o propósito de definir o conceito, Deleuze e Guattari propiciam pensar o acontecimento exemplificando-o com o pássaro, levando em consideração que ele não é definido pela sua espécie ou seu gênero, mas pelos seus componentes: suas posturas, suas cores, seus cantos. Deste modo o acontecimento determina a temporalidade e permite falar dela porque ele existe. Assim, como o conceito, o acontecimento pode ser absoluto e relativo. Relativo com respeito aos outros conceitos no plano no qual se delimita e respeito de suas funções, o que ele resolve, mas absoluto pelo lugar que ocupa no plano e pelas suas condições. “É absoluto como todo, mas relativo enquanto fragmentário”. (1992, p. 33)

O acontecimento concebe-se como único, assim podemos justificar a característica da irreversibilidade, tendo em conta que os acontecimentos são novos, não há forma de que se repitam no trajeto da seta do tempo.

Por sua parte, desde a relação tempo-espço, Milton Santos considera:

O nível global e o nível local do acontecer são conjuntamente essenciais ao entendimento do Mundo e do Lugar. Mas o acontecer local é referido (em última instância) ao acontecer mundial. Desde o nascimento, o acontecimento se inclui num sistema para o qual atrai o objeto que ele acabou de habitar. O acontecimento é a cristalização de um momento da totalidade em processo de totalização. Isso quer dizer que outros acontecimentos, levados pelo mesmo movimento, se inserem em outros objetos no mesmo momento. Em conjunto, esses acontecimentos reproduzem a totalidade; por isso são complementares e se explicam entre si. Cada evento é um fruto do Mundo e do Lugar ao mesmo tempo.(2006, p. 123).

Música assinala que o ser humano apresenta uma experiência subjetiva do tempo, referindo-se a Bergson, não obstante cita Bourdieu para complementar: “no *es mi tiempo* el que está así organizado; es el tiempo tal como es objetivamente

pensado por todos los hombres de una misma civilización” (apud MÚGICA, 2002, p. 105). Ainda que exista um tempo individual, o acontecimento tem uma duração, uma extensão, umas escalas e como vimos anteriormente se sobrepõe a outros acontecimentos.

Essa característica de irreversibilidade tem importância nos processos atuais de organização social e mudança nas práticas cotidianas de habitabilidade, gerados por uma avalanche de informações que acordam alerta de perigo sobre a vida no planeta, por efeitos como o esgotamento dos recursos naturais, entre outros. Retomando as palavras de Sartre (apud SANTOS, 2006, p. 94): “Essa ir-reversibilidade é o que dá a cada homem o ‘sentimento de aventura’ diz o Sartre de *La Nausée* (1938, p. 85), quando ganhamos a certeza de que nenhum momento se repete, nem volta, e então decidimos agir dentro dessas ‘malhas estreitas’”.

Assim, temos que refletir sobre acontecimentos como o rompimento da barragem do Fundão, da mineradora Samarco, em Mariana, no dia 5 de novembro de 2015, que impactou sobre o Rio Doce e sobre a vida das comunidades ribeirinhas que o atravessam, e que indiretamente levou a pensar no nosso rumo no contexto do neoliberalismo. Também faço uma parada para pensar nos massacres que tem acontecido em diversos povoados da Colômbia, nesses acontecimentos os violentos não somente se levam a vida dos assassinados, mas o tempo dos sobreviventes e dos lugares. Esvaziam a vida do tempo.

A proposta de realizar 100 ações durante 24 horas poderia também nascer desde essa ideia de irreversibilidade que existe nos habitantes. Reconhece-se a realidade, não obstante outorga-se ao futuro uma primazia, por isso determina o presente. Lightman (2014, p. 50) escreveu: “Este é um mundo de planos alterados, de oportunidades imprevistas, de visões inesperadas. Pois, neste mundo, o tempo não flui uniformemente, mas em espasmos e, como consequência, as pessoas têm visões momentâneas do futuro.”

A tentativa de realizar ações tem outra aresta, o peso do passado. Entre as intervenções que se identificaram, a partir dos encontros no desenvolvimento do projeto *100em1dia Cuiabá* e de uma revisão de discussões do grupo de Facebook *100em1dia CUIABÁ CIDADE POSSIVEL*, pôde-se apreciar que várias pessoas

interpretam alguns acontecimentos como o ponto do devir. Entre as principais preocupações expostas está a arborização da cidade:

As pessoas põem no tema em discussão devido à desflorestação urbana gerada, por exemplo, pelas obras na cidade para a preparação da infra-estrutura para a realização da edição número XX da Copa Mundial da FIFA. Ao fenômeno da desflorestação responsabilizam-lhe de uma percepção maior das altas temperaturas que caracterizam a cidade. (BELLO MEDINA; AZEVEDO, 2015, p. 12)²⁰

FIGURA 1: EXEMPLO DE DISCUSSÕES SOBRE AÇÕES NO GRUPO DE FACEBOOK



Fonte: Bello Medina (2015)

Transcrição:

Carolina Barros Rebeca Damasceno: “Juliana Albermaz Bastos Bastos, Soraia Mourão e Neriely Dantas Juliana Segóvia... Essa é a ação que falei para vocês.”

Soraia Mourão: “Sensacional Carolina Barros Rebeca Damasceno vamos planejar algo. Arborizar a Av. Oito de Abril que o vento da copa levou. Veja Ruth Albermaz Silveira não reclame do calor plante uma flor, podemos nos juntar.”

²⁰ Tradução da pesquisadora.

Marília Cortez. “Quem quer sementes do generoso?” [Imagem Cajus]

Outro argumento da irreversibilidade vem da lógica da comunicação, que permite achar sentido à direção da seta do tempo de acordo à quantidade de informação que albergamos; propondo-se que não é possível ter memórias do futuro, mas sim do passado. Como se mostra nos comentários de algumas pessoas na rede social Facebook (Ver figura 1).

As experiências na cidade são determinadas pelo corpo, e as significações são diversas, mas, só algumas são privilegiadas, e pelo mesmo corpo que permite dar vida às memórias. O corpo em contato, contato com o espaço, corpo em contato com outros seres e suas memórias. “Hipoteticamente, o tempo pode ser liso ou áspero, espinhoso ou sedoso, duro ou macio. Mas neste mundo, ocorre que a textura do tempo parece ser pegajosa.” (LIGHTMAN, 2014, p. 37). Partes da cidade ficam aderidas a algum momento da história e não se podem desprender. E também as pessoas ficam coladas a algum momento de suas vidas e não podem se libertar.

A obra do VLT constitui-se como um acontecimento chave no desenvolvimento de *100em1dia Cuiabá*, tendo em conta que não há acontecimentos separados sempre terá um que motive ao outro; e este se constitui como uma rejeição social. Uma grande quantidade de pessoas tem manifestado que a derrubada das árvores da Avenida Historiador Rubens de Mendonça, conhecida como Avenida do CPA, e sua mudança são inconcebíveis; por isso, sentem empoderamento para plantar árvores, entre outras intervenções, e gerar um ambiente propício para fazer de Cuiabá um lugar habitável. Este momento caracteriza-se por provocar um apego para o passado e marcar nos participantes de *100em1dia Cuiabá* uma esperança no futuro. Aqui, poderia propor-se uma relação entre acontecimento e crise?

FIGURA 2: FOTO DA AVENIDA DO CPA ANTES DAS OBRAS DO VLT



Foto: Olhar direto (s.d).

FIGURA 3: FOTO DA AVENIDA DO CPA DURANTE AS OBRAS DO VLT



Foto: Olhar direto (s.d).

Várias ações realizadas durante o 100em1dia Cuiabá são o reflexo desse outro acontecimento da cidade que foi a Copa. Por exemplo, a ação “Cadê a árvore que estava aqui” mostra a forma como o acontecido em Cuiabá está presente para a proponente Mari Gemma De La Cruz, segundo a descrição que ela fez para o cadastramento da ação no site 100em1diacuiaba.org:

Em Cuiabá, uma obra de grande impacto, a implantação do VLT, que não aconteceu, levou a derrubada de milhares de árvores. As avenidas Historiador Rubens de Mendonça (CPA) e Ten. Cel. Duarte (Prainha) são exemplos disso, entre outras avenidas da ex- “Cidade Verde. As áreas verdes que antes embelezavam as avenidas, agora deram lugar aos blocos de concreto amarelo que delimitam as valas

de terra, sujeira e água parada (o que ainda prejudica mais pelo alto índice de Dengue na cidade). A retirada desta vegetação afetou não só a estética da cidade como também o microclima e a presença de pássaros. Uma boa arborização torna a cidade, também chamada de “Cuiabrazza”, mais agradável e estimula as pessoas a caminharem e usar a bicicleta como meio de transporte, o que trás mais ainda benefícios ao meio ambiente. A ação será a colagem de lambe-lambes nos blocos amarelos que estão nos canteiros centrais e onde haviam árvores plantadas ao longo das avenidas Historiador Rubens de Mendonça (CPA) e Ten. Cel. Duarte (Prainha), no centro da capital mato-grossense. Estes lambe lambes tem a figura de um passarinho perguntando – “Cadê a árvore que estava aqui?”.

Nascimento (2015, p. 74) afirma:

Na duração psicológica, tudo é solidário, visto que interage e compõe tanto as percepções presentes como as recordações passadas, fornecendo-nos um novo tom para a realidade das coisas. Esse sentimento profundo tanto mais durará quanto mais complexo for, capaz de manter marcada com sua força a totalidade da personalidade. Podemos notar, através desse exemplo, a interpenetração dos estados psicológicos. Da mesma forma que o sentimento se torna mais complexo, ao se fundir com outros estados da alma, modificando-os e sendo modificado por eles. Através dessa penetração recíproca, o sentimento se aprofunda, torna-se mais complexo, mudando de natureza num progresso contínuo.

FIGURA 4: AÇÃO “CADÊ A ÁRVORE QUE ESTAVA AQUI”



Foto: De La Cruz (2016)

De acordo com Kevin Lynch (1997), para perceber a construção do espaço na cidade, precisa-se revisá-la durante longos lapsos. O qual explica que a cidade seja percebida de maneira diferente por todo cidadão. Menciona que nada se experimenta em si mesmo, mas graças aos contornos, às consequências dos acontecimentos. Por isso a cidade está constituída por lembranças e significados. Já há um precedente de acontecimentos influenciando às pessoas a agir, estarei na espera dos que se constituirão como efeitos desses. A seta continua avançando.

100em1dia Cuiabá, o dia fora do tempo

Neste mundo há condutas nômades, como tem falado Rolnik, Guattari, Pelbart. Habitamos, mas é preciso nos pensar desde fora e também meditar se existe o fora, e que classe de fora é esse. A certeza tem acabado, presenciamos o caos e a beleza que ele pode produzir. Pensar o tempo não somente atinge a uma análise, mas a concepção de sua causa-efeito, a sua potência criadora. Não seguimos mais o rumo do tic-tac do relógio, mas das palpitações. Que mudanças isso pode gerar, quando pensamos o tempo a partir do 100em1dia? A borboleta bateu as asas em Cuiabá!²¹

Norbert Elias refere-se ao calendário como uma forma de padronização do tempo, assinalando que dificilmente conseguimos permanecer sem conhecer o momento exato que vivenciamos, sem intermediação desses instrumentos de controle.

A sucessão irreversível dos anos representa, à maneira simbólica, a seqüência irreversível dos acontecimentos, tanto naturais quanto sociais, e serve de meio de orientação dentro da grande continuidade móvel, natural e social. Numerados, os meses e dias do calendário passam então a representar estruturas recorrentes, no interior de um devir que não se repete. (1998, p. 10)

Embora Elias afirme que não podemos raciocinar fora daquelas formas predeterminadas para o tempo, é possível situar-se, nessa pretensão de pensar o acontecido o 3 de abril de 2016 em Cuiabá, em outros fenômenos, que mesmo

²¹ A expressão faz referência ao Efeito Borboleta, estudado dentro da Teoria do Caos, segundo o qual uma pequena mudança inicial num acontecimento poderá desencadear efeitos inesperados no universo no futuro.

remitindo ao uso do calendário possibilitam construção lógica e *afectiva* da experiência a partir da metáfora.

O tempo pode ser considerado uma característica singular de cada lugar. Dependendo de outros fatores a vida alcança vários ritmos num espaço determinado. São múltiplas as razões para determinar os ritmos das cidades: clima, geografia, os desejos, as intervenções de multinacionais, o modelo de desenvolvimento, os fluxos econômicos e políticos, a cultura.

Cuiabá é uma cidade brasileira localizada no Centro-Oeste do país, reconhecida por ser o Centro Geodésico da América do Sul. A altitude no lugar é 125m e a temperatura média é de 40°C nos meses mais quentes. É reconhecida por ser uma das cidades mais quentes do Brasil.

O ritmo da cidade exige uma velocidade menor que nas grandes cidades como São Paulo, Brasília ou o Rio de Janeiro, levando em consideração a população, a temperatura e as condições geográficas, que operam sobre os corpos, para afetar a dimensão cronobiológica.

Tendo em conta o calendário e o ritmo da cidade, não há muitos planos propostos para realizar durante o dia domingo. Por exemplo, os museus e bibliotecas municipais e estaduais permanecem fechados, e segundo observado, uma grande quantidade das pessoas organiza atividades mais privadas como almoços, churrascos ou programam visitas ao território próximo, Chapada dos Guimarães. Devido às altas temperaturas, existe um grande deslocamento das pessoas aos shoppings da cidade que contam com ar condicionado. Assim, a ocupação dos espaços públicos por parte do coletivo é menor, durante este dia da semana.

No centro da cidade, o ritmo é lento e menor durante o dia domingo. Tendo em conta o calendário e as atividades comerciais praticadas nesta zona, existe um fluxo de pessoas de segunda a sábado. Durante o domingo as possibilidades ocupar o espaço são menores.

Assim, mediante uma sucinta, mas importante descrição sobre o domingo é possível pensar no calendário da cidade, mas também pensar no cotidiano para localizar o festival da cidadania em um tempo (domingo) e espaço determinado (Cuiabá).

Portanto, o dia do 100em1dia Cuiabá foi o dia do extraordinário, porque deu outro tom ao domingo, marcado pelas normas sociais do tempo, inseridas pelo processo civilizador e o calendário que ele impõe, permitindo que esse tempo através do acontecimento transformasse a data do 100em1dia num dia fora desse tempo.

Durante as 24 horas do domingo 3 de abril de 2016 foi viável ter a oportunidade de encontrar atividades lúdicas, artísticas e solidárias na cidade, especialmente nos lugares como o Centro da cidade que, como antes assinalado, no cotidiano parecesse “morto” neste dia da semana. Esse domingo foi o dia de ir à escola para plantar árvores frutíferas ou para receber uma oficina sobre como pintar onças como as do reconhecido pintor cuiabano João Sebastião Costa.

FIGURA 5: AÇÃO “MANHÃ DE LAZER NO CENTRO GEODÉSICO DA AMÉRICA DO SUL”



Foto: Sampaio (2016)

Os maias consideraram a contagem do tempo em 13 ciclos de 28 dias, para cada ano solar, de cuja operação resulta 364 dias, mais um dia denominado como “Fora do tempo”, que se situa entre o velho e o novo ano. Assim, aquele dia fora do calendário (25 de julho) era concebido como uma oportunidade para recomeçar, obter boas energias, agradecer e praticar o perdão. No livro *Sonhos de Einstein*,

Lightman criou um sonho do jovem físico sobre o tempo no qual as pessoas sabiam que o dia 26 de setembro de 1907 seria o fim do mundo. Ante a situação houve várias reações para ver o florescimento da vida:

Um dia antes do fim, as ruas explodem em gargalhadas. Vizinhos que nunca se falaram cumprimentam-se como amigos, tiram as roupas e nadam nas fontes. Outros mergulham no Aare. Depois de nadar à exaustão, deitam-se na grama espessa na margem do rio e lêem poesia. [...] Um minuto antes do fim do mundo, todos se reúnem no gramado do Kunstmuseum. Homens, mulheres e crianças formam um grande círculo e se dão as mãos. [...] Nos últimos segundos, é como se todos tivessem saltado do Pico Topaz, de mãos dadas. O fim se aproxima, como o chão. Atravessa-se o ar frio, os corpos não têm peso. O horizonte silencioso estende-se por milhas e milhas. E, abaixo, o vasto cobertor de neve avança velozmente até envolver este círculo rosado, cheio de vida. (2014, p. 34-35).

100em1dia Cuiabá foi o dia fora do calendário para dar valor aos desejos de ser e viver em um lugar possível. O dia 3 de abril foi o dia fora do tempo onde as pessoas construíram, deram vida a um lugar com espaços de brincadeira, de poesia, de arte, onde as pedras se mostrassem não como obstáculos, senão como presentes, dando aos sentipensantes a oportunidade de existir. Os fluxos do dia não foram marcados pela incessante angustia de catar o tempo, mas sim da consciência de interiorizá-lo para escrever nas duas peles (cidadão-cidade) outra história.

FIGURA 6: AÇÃO “PEDRAS NO CAMINHO”



Foto: 100em1dia Cuiabá (2016)

Lightman mencionou que neste mundo podiam se distinguir dois tempos: um mecânico e outro corporal. “O primeiro é tão rígido e metálico quanto um imenso pêndulo de ferro que balança para lá e para cá, para lá e para cá. O segundo contorce e remexe como uma enchova na baía.” (2014, p. 17). O primeiro não apresenta flexibilidade, no segundo se escolhe o futuro quando este decorre. Assim, as 24 horas do dia domingo 3 de abril foram medidas pelo grande relógio, mas foi o relógio corporal que deu importância a aquele acontecimento, convertendo a batida do coração na medida do tempo e fazendo perceptíveis os desejos dos inconscientes, gerando uma ruptura no modelo capitalista como micropolítica urbana.



Ação “Movimento de Danças Circulares”.

A Ciranda do Sol foi proposta para aqueles que queriam se movimentar, sentir um pouco da energia de luz e vibrar na esperança de um mundo melhor, mais humanizado e capaz de minimizar as diferenças que fragmentam as relações. Uma atividade que através das Danças Circulares pudesse despertar sua essência de poesia em movimento.

*Foto: Heidy Bello Medina (2016).



Ação “The Street Store – Cuiabá”.

The Street Store é uma iniciativa de “loja” de roupas para a população em situação de rua. A ação, realizada pela primeira vez na Cidade do Cabo (2014), não só busca doar roupas, mas também permitir que eles resgatem um pouco de sua autoestima, ao dar a eles a possibilidade de escolha. A proposta tem ganhado outras cidades do mundo que já têm suas lojas. O Movimento ROTA organizou a primeira edição de The Street Store Cuiabá. A “loja”, montada ao ar livre, expôs as doações e convidou essas pessoas a fazer compras, sem gastar nem um centavo. Além da loja ofereceram corte e barba gratuitos através do Instituto Caixeta, parceiro do evento.

*Foto: Movimento Rota (2016).

CAPÍTULO IV

MICROPOLÍTICAS URBANAS NO 100EM1DIA

Querem nos convencer de que estamos mergulhados numa espécie de fatalidade. Para sair disso, parece-me importante mostrar que, simetricamente à onipotência aparente do CM²², há toda uma série de possíveis vias de acesso a transformações em todos os níveis.

Félix Guattari – Micropolítica: cartografias do desejo

As palavras são excreções do corpo.

Pierre Fédida

O mundo contemporâneo e suas dinâmicas convidam cada vez mais a pensar nos sujeitos, nas restrições, nos conflitos, nas fronteiras, mas, sobretudo nas formas como a vida se reconstitui, em como as subjetividades se deslocam e encontram linhas de fuga, nas formas de resistência e na organização coletiva. O acontecido em Cuiabá, a partir do 100em1dia, permite refletir do mesmo modo nas lutas, que desde algum tempo deixaram de ser somente partidárias, para se converter também em moleculares, neste caso sobre o direito à cidade.

Diz Suely Rolnik que o mundo de hoje se apresenta como um “oceano infinito agitado por ondas turbilhonares –fluxos variáveis sem totalização possível em territórios demarcáveis, sem fronteiras estáveis em constantes rearranjos.” (1998, p. 1), onde quiçá, como alguns afirmam, assistimos ao segundo dilúvio, mas desta vez as águas não descerão. Porém, ante a impossibilidade de não pisar em terra firme, devemos nos habituar a navegar.

A crise, presente em todo tipo de cenário da vida contemporânea, não permite falar mais de um tempo transitoriamente ruim. Cada dia a vida pede uma reinvenção porque também as formas de controle têm a capacidade de se reinventar. As subjetividades, diz Rolnik (1998), flutuam no processo e elas se apresentam com o dom da ubiquidade. Subjetividades entendidas desde Guattari (1992, p. 19) como “o conjunto das condições que torna possível que instâncias

²² Capitalismo Mundial Integrado

individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto-referencial, em adjacência ou relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva”.

É fundamental pensar nas maneiras pelas quais a vida é percebida, retomada e explorada no espaço urbano, na forma como as subjetividades são formadas e produzidas nesse âmbito, mas para, além disso, pensar na forma como a cidade é constituída como um cenário vital para todos, e se realmente é possível aquilo de “para todos”.

Vivemos uma espécie de estranhamento constante, sem nos sentirmos confortáveis, estamos sem orientação no tempo e no espaço. Afirma Rolnik que parece que estamos todos “sem casa”, referindo-se a carecer de “um sentimento de si, ou seja, sem uma consistência subjetiva palpável –familiaridade de certas relações com o mundo, certos modos de ser, certos sentidos compartilhados, uma certa crença.” (1998, p. 1). Da carência dessa casa, indica Rolnik, padece toda a humanidade globalizada.

Assim, mantemo-nos na vida através de um fio, como o trapezista de Kafka, a que se refere Peter Pál Pelbart (2000), quem se questionou “Viver assim, com uma só barra entre as mãos... É vida, isto?” Diz Pelbart que esse trapezista que aparece no conto “A primeira dor” de Kafka mostra que as acrobacias do mundo contemporâneo tentam nos livrar da percepção de que estamos por um fio.

Contudo, neste panorama, é necessário meditar do mesmo modo sobre os afetos, as motivações diversas, os abraços que se expandiram, tornando-se também em expressões como “há-braços” (ações solidárias), na gentileza que gera gentileza, nos olhares possíveis, na comida como fator de união, nas pequenas dimensões capazes de gerar grandes forças. É tempo de ponderarmos sobre nossas afetações que são valiosas porque nos “afectam”²³ e seguram a vida.

Assim, a cidade emerge como espaço determinante para subjetividades, permitindo também a conformação de territórios subjetivos, nascidos para o encontro de desejos. O *100em1dia Cuiabá*, objeto desta pesquisa, é um lugar

²³ Suely Rolnik propõe no seu discurso sobre “O texto baba” em pensar as afetações não somente desde os afetos, mas da forma daquilo que perturba, motivo pelo qual pondera o termo “afectar”.

possível, não permitindo apenas ligar os sujeitos dentro da capital do estado de Mato Grosso, mas, além disso, gerando possibilidades de encontro entre a Colômbia e o Brasil a partir das micropolíticas urbanas.²⁴ Neste capítulo, reflete-se, portanto sobre como ocorreu o 100em1dia Cuiabá e como o evento permitiu a criação de um território existencial que possibilitou trocas e agenciamentos coletivos a partir da experiência e a prática da cidade.

4.1 Nós e a cidade, subjetividades flutuantes

Quando Maria Adélia de Souza diz que prefere o termo *lugar* e não *cidade*, refere-se às formas nas quais a vida é tomada pelo capitalismo e convertida em mercadoria no espaço urbano. A cidade está cheia de confrontações, e as subjetividades são obrigadas a transitar esquivando-se das forças de dominação que tentam capturá-las, restringindo aos sujeitos de sua capacidade de ressignificar os modos de habitar os espaços.

Ante os dispositivos espalhados pelo CMI para adentrar nos mais infinitos campos da vida e colonizá-la, se produz então o que Pelbart (2001) denomina como *plasticidade subjetiva* e Rolnik (2011), como *subjetividade flexível*. Escapa-se constantemente. Esse pensamento encontra eco nas palavras de Azevedo (2016) quando assegura que “não existe nenhuma força que não tenha o revés dela”. Desta maneira o propósito de refletir sobre a cidade contemporânea tem a pretensão de encontrar questionamentos necessários para descobrir respostas nos seres que a habitam e construir lugares possíveis para a vida acontecer.

O estudo da cidade contemporânea chama a uma meditação necessária sobre a cidade que habitamos, sobre como os espaços geram desigualdades. Milton Santos (2009) mencionou que o espaço é aquilo que nos une e paradoxalmente nos separa; e a globalização tem facilitado isso. Pode-se falar, então, das formas nas quais o espaço gera isolamentos sociais, lutas e confrontações, nas formas como o espaço é mercadoria e ingressa dentro das redes comerciais mundiais de

²⁴ A proposta inicial desta pesquisa foi discutir as micropolíticas e como o termo é abordado por Guattari/Deleuze/Rolnik; mas durante o trabalho bibliográfico foi descoberta a aposta de Lazara Guizzo no conceito de “Micropolítica urbana” de como há uma ligação transdisciplinar entre filosofia e arquitetura.

comércio de bens, o que torna prioritário trazer algumas considerações sobre cidade e sobre como sua concepção *afecta* os sujeitos e gera certa forma de produção das subjetividades.

Há uma caracterização de homogeneidade na cidade que não pode continuar, enfatiza Raquel Rolnik (2016). As cidades atuais não permitem estabelecer um diálogo com o entorno onde elas são criadas, nem com as que as pessoas que as habitam, também não se considera a origem dos lugares, as crenças, os costumes, as tradições e as culturas; o espaço é visto como um elástico, capaz de crescer, ser modelado e aguentar.

As maneiras como se constroem as cidades são arbitrarias e respondem a fatores globais. Santos criticou durante a maior parte de sua obra a forma como o espaço era transformado, e como respondia a interesses econômicos para manter as desigualdades e dar lugar à produção e ao consumo, mencionando que nos é vendido uma aparência, formas protegidas pela ideologia capazes de nos persuadir:

Os construtores do espaço não se desembaraçam da ideologia dominante quando concebem uma casa, uma estrada, um bairro, uma cidade. O ato de construir está submetido a regras que procuram nos modelos de produção e nas relações de classe suas possibilidades atuais. (SANTOS, 2009, p. 37)

Existem diversas definições para os espaços que proliferam na cidade contemporânea, Inmaculada Hoyos Sánchez traz em consideração a do filósofo espanhol José Luis Pardo, quem primeiro retoma a proposta do antropólogo Marc Augé dos *não-lugares*, como espaços que proliferam nas cidades tardo modernas. Estes espaços, explica “no tienen un carácter relacional, ni guardan memoria histórica, ni proporcionan señas de identidad: se trata de sitios de tránsito o de ocupación provisional [...] Digamos que se trata de sitios para no estar, lugares de paso”. (2013, p. 30).

Assim, diz Hoyos Sánchez, há uma ligação entre a proposta de Augé a do Pardo, *lixo*²⁵, pois segundo este:

El no lugar (el lugar de lo que no está en su lugar) es un eufemismo del lugar basura (lo que no está en su lugar). Para entender el concepto de lugar basura basta con pensar en las

²⁵O termo original proposto por Pardo é “*Ciudad basura*”.

ciudades dormitorio, como ciudades basuras o no-ciudades, y de los habitáculos de las mismas como no-casas, decoradas mediante no-muebles en el seno de no-Estados (alianzas coyunturales de regiones) gobernados por no-políticos (administradores) y cuyo sujeto legítimo es un no-ciudadano. (2013, p. 30).

Porém, nessas dimensões nas quais as cidades estão se convertendo ou reconfigurando reitera-se a importância de estudar como o capitalismo atua sobre os espaços e limita os indivíduos de um habitar inconsciente. O caráter político dos cidadãos tende então a ser recuperado enquanto consciente dos detalhes da vida, daquilo que aparece como extraordinário, mas que não é inovador, só é extraído para dar valor ao cotidiano.

Pardo cita Richard Sennett para ilustrar como o lixo —e também a cidade lixo— se reconfigura para favorecer a obsolescência e adquirir novos usos:

La estandarización del entorno deriva de la economía de lo efímero, y la estandarización produce indiferencia. Quizá pueda aclarar esta tesis mediante una experiencia personal. Hace unos pocos años, llevé a un directivo de una gran empresa de la nueva economía emergente, que buscaba oficinas para instalarse, a visitar el Chanin Building de Nueva York, un palacio art-deco con despachos muy elaborados y espléndidos espacios públicos. “No se adapta a lo que buscamos”, dijo el directivo, “la gente podría sentirse demasiado apegada a sus despachos y llegar a pensar que pertenece a este lugar”. La oficina flexible no está pensada para ser un lugar de permanencia. La arquitectura de las oficinas de las empresas flexibles requiere un entorno físico que pueda ser rápidamente reconfigurado —en último extremo, la oficina se reduce al terminal de un ordenador. (PARDO, 2010, p. 12)

No seu propósito de proporcionar uma leitura diferente da cidade para a práxis arquitetônica, Kevin Lynch já tinha chamado a atenção sobre como a cidade está imbricada no fluxo dos conflitos de dominação do espaço. Lynch manifestou que era preciso a criação de espaços prazerosos na cidade e mencionou:

A cidade não é apenas um objeto percebido (e talvez desfrutado) por milhões de pessoas de classes sociais e características extremadamente diversas, mas também o produto de muitos construtores que, por razões próprias, nunca deixam de modificar sua estrutura. Se, em linhas gerais, ela pode ser estável por algum tempo, por outro lado está sempre se modificando nos detalhes. Só um controle parcial pode ser exercido sobre seu crescimento e sua forma. (LYNCH, 1997, p. 2)

Por sua vez, Sennett (1997) aponta que a partir de suas pesquisas sobre o corpo no cenário urbano encontrou uma falha: arquitetos e urbanistas esqueceram-se de pensar o espaço em conexão com o corpo humano, mas reconhece que essa desconexão é muito mais profunda e abrange causas históricas. E complementa: “A civilização ocidental não tem respeitado a dignidade dos corpos humanos e a sua diversidade”. (SENNETT, 1997, p. 15). Mas também a partir da sua formulação se faz necessário pensar que tipo de pessoa é respeitado no contexto da cidade atual.

Para Sennett, os conjuntos habitacionais, shoppings, edifícios comerciais e instalações industriais são espaços amorfos, propícios para corpos passivos. Sennett diz que a passividade do corpo é possível graças à experiência da velocidade.

Hoje em dia, viaja-se com uma rapidez que nossos ancestrais sequer poderiam conceber. A tecnologia da locomoção –dos automóveis às grandes rodovias– permitiu que as pessoas se deslocassem para áreas além da periferia. O espaço tornou-se um lugar de passagem, medido pela facilidade com que dirigimos através dele ou nos afastamos dele. (SENNETT, 1997, p. 17)

A experiência física da velocidade que vivenciamos, mencionada por Sennett, é determinante para conceber a participação dos habitantes na criação e prática da cidade. Dita velocidade se faz ainda mais visível, por exemplo, no caso do motorista que quer atravessar o espaço sem interrupções (sem pedestres na rua, entre outros). Na correria diária, a cidade é concebida como um corredor; e a forma de transitar nela define não somente o espaço urbano contemporâneo, mas a relação entre os sujeitos e as formas de poder a partir da experiência com o corpo:

A condição física do corpo em deslocamento reforça a desconexão do espaço. Em alta velocidade é difícil prestar atenção à paisagem. [...] Navegar pela geografia da sociedade moderna requer muito pouco esforço físico e, por isso, quase nenhuma vinculação com o que está ao redor. (SENNETT, 1997, p. 18)

Nos dias de hoje, o uso de ferramentas tecnológicas, como GPS, também contribui para a desvinculação do espaço. Não há tempo para pensar nas cores, nos cheiros, desabilitam-se assim os sentidos para ler o urbano. A disposição de

passarelas *antipedestres*²⁶, a construção de vias cada vez maiores e mais rápidas desvia o conhecimento dos lugares e de outros seres que habitam a cidade. Com o crescimento dos espaços urbanos e a determinação dos fluxos do tempo é cada vez mais complicado pensar nas causas dos grupos pequenos.

A condição imperante aos corpos na cidade remete a pensar nos corpos dóceis de que fala Foucault (2014), corpos submetidos, utilizados, transformados e aperfeiçoados. Corpos sobre os quais se exerce a repetição, nos quais o tempo é um instrumento de dominação. E embora ele esteja se referindo ao corpo do soldado ou do maquinista, não difere muito dos corpos na cidade onde as rotinas são as mesmas. Tende-se a uniformizar as práticas. Por conseguinte, também os trajetos não podem ser feitos com lentidão porque a cidade é cronofágica –em palavras de Norbert Elias (1998)– e conduz aos seres a devorar o tempo, sendo eles mesmos devorados.

Na questão a respeito do disciplinamento exercido sobre corpo, considera-se o isolamento dos sujeitos no espaço urbano. Menciona Sennett (1997) que a ordem pode ser, neste contexto, sinônimo de falta de contato. Assim, é preciso voltar às origens, à polis, para se perguntar *o que aconteceu com a cidade nascida para ser um lugar de encontro? E saber como se cria neste tempo o espaço como determinante na formação das coletividades?*

As cidades nasceram para gerar trocas diversas, não somente comerciais, como de relações sociais. No entanto, devido ao crescimento delas, gera-se o afastamento dos lugares de encontro, as praças principais ficam mais distantes e a cidade começa ter encontros menores ou não ter. Prédios e arranha céus constituem a paisagem urbana. Segundo Sennett (1997, p. 19): “a plenitude dos sentidos e a atividade do corpo foram de tal forma erodidas que a sociedade atual aparece como um fenômeno histórico sem precedentes”. Aquilo é visível a partir das mudanças de caráter dos habitantes das cidades. Os corpos que antes se reuniam nos centros estão espalhados, juntando-se em lugares comerciais

²⁶Vários ativistas e estudiosos da mobilidade urbana consideram a utilização do termo *antipedestre* na medida em que a passarela não foi construída para o uso do pedestre, mas para privilegiar o uso do carro e gerar fluxos maiores de velocidade no espaço.

preocupados por consumir mais do que por estabelecer outras relações complexas, de caráter político ou comunitário, reforça.

Fazendo uma analogia da prisão como forma de disciplinamento dos corpos, é preciso trazer a discussão que a cidade capitalística também chama a um afastamento colocado sob o nome de exclusividade, proteção, segurança, ou seja, sobre o medo, medo de ser inferior, perturbado, assaltado, visto, confundido, misturado, medo de ser. Portanto, os corpos tendem a um maior distanciamento:

Cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo. Evitar as distribuições por grupos; decompor as implantações coletivas; analisar as pluralidades confusas, maciças ou fugidias. O espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quando corpos ou elementos há a repartir. (FOUCAULT, 2014, p. 140)

Sennett sugere como objetivo a libertação desses corpos do medo instituído, que ele considera evidente no desenho urbano moderno. Nas cidades contemporâneas se constroem cada vez mais fortalezas (condomínios, vilas, prédios inteligentes etc.) cujo conceito se desmancha, entre o de fortins e prisões. Já não se sabe mais o que são. Mas o questionamento do afastamento dos corpos sobre a moradia é uma consequência da cidade em sua totalidade:

Ao planejar uma via, por exemplo, os urbanistas freqüentemente direcionam o fluxo de tráfego de forma a isolar uma comunidade residencial de uma área comercial, ou dirigi-lo através de bairros de moradia, separando zonas pobres e ricas, ou etnicamente diversas. (SENNETT, 1997, p. 18)

Contudo, também é importante salientar que as pessoas vão à busca daqueles espaços, daqueles encontros, das trocas afetivas. Considerando que há múltiplas formas de viver na cidade. Habitar é apreciar o espaço e os outros seres que se inter-relacionam com o lugar, não somente humanos: as diversas ecologias das quais falava Guattari. É importante reconhecer outras formas de vida no espaço, porque há vida naqueles fluxos da cidade e lutas intermináveis, mas, sobretudo há desejos de uma transição de pensamentos de seres contaminando outros seres para pensar e se pensar no espaço de maneira diferente, inclusiva, privilegiando os princípios de alteridade e sustentabilidade, de fato também

procurando uma forma de subverter os valores impostos pelo capitalismo, onde o consumo é privilegiado.

De tal modo, a recuperação de pequenas práticas –como percorrer a cidade– podem gerar conhecimentos múltiplos sobre a concepção do espaço, e sobre como sua forma permite a criação de subjetividades que mediante sua flutuação e o encontro entre diversos seres podem desencadear ações cidadãs concretas, revoluções moleculares. Retomando o termo dos corpos anestesiados de Sennett, considera-se que os seres (corpos pensantes) do espaço urbano merecem uma libertação que somente pode ser concluída através dos mesmos seres na contramão do isolamento: o encontro.

4.2 Micropolíticas urbanas: vertentes possíveis

Refletir sobre as relações de poder dadas entre os seres e o espaço urbano permite sobrevoar os caminhos possíveis –neste mundo apresentado cada vez mais de forma apocalíptica. São os rumos do ser enquanto sua dimensão ético-analítico-política na percepção e posterior constituição do lugar (ser-lugar) ou na colocação dos corpos pensantes, nos fluxos do espaço e tempo, os geradores de experiências coletivas que potencializam a vida, a partir dos encontros subjetivos.

A trajetória da dissertação leva a considerar as micropolíticas a partir de três eixos de pensamento que se interconectam e se complementam, são eles: 1. O caminho percorrido por Guattari, mas considerando também o conjunto desenvolvido pela tríade Guattari/Deleuze/Rolnik. 2. a abordagem de Guizzo sobre a concepção do espaço desde as profissões da arquitetura e do urbanismo. E 3. a vertente deste trabalho construído a partir da experiência do 100em1dia Cuiabá.

Em companhia de Guattari

Existem indícios de que a cidade necessita ser re-pensada. Existem indícios de que os seres são obrigados a viver (sobreviver). Existem indícios de que a vida tem preço. Existem indícios de que as peles falam, os sentimentos têm força, os olhares têm poder. Existem indícios de que as distâncias não podem ser mais medidas. Existem indícios de que os seres solicitam abrigo: afetivo, cultural, animal,

teórico, enfim. Assim, a presente pesquisa retoma as preocupações de Félix Guattari sobre as singularidades, expressas em conceitos como as micropolíticas e as revoluções moleculares, conceitos encorpados em companhia de Gilles Deleuze e Suely Rolnik para obter um abrigo conceitual.

Desde o trabalho desenvolvido no terceiro volume do *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia (1996)*²⁷, Guattari e Deleuze questionam a forma como as subjetividades são constituídas, começando sua discussão pela segmentaridade, para questionar a ordenação dos sujeitos: binária (homem-mulher, adulto-criança etc.), circular (coroas dadas por várias causas entre elas as ocupações), linear (processos demandantes: escola, família, formação etc.).

Desta maneira, todos somos segmentarizados, mencionaram Deleuze e Guattari, “por todos os lados e em todas as direções” (1996, p. 83). A segmentaridade está presente em todos nossos estratos e regula todas nossas atividades, como aquelas atividades para as quais foi disposta a cidade, segundo a Carta de Atenas (declarada em 1933) como habitar, circular, trabalhar, brincar, e outras ações que a vida acorda e que não se limitam ao simples ato de sobreviver. À vista disso, surgem questionamentos sobre o poder, É ele somente dominador, hegemônico, coercitivo? Onde deve ser localizado o poder na sociedade?

Deleuze e Guattari pensaram desde o conceito de *segmentaridade* para fazer uma análise do poder, considerando que o termo tinha sido utilizado pelos etnólogos para descrever as sociedades primitivas, que não possuíam um aparato central (Estado), e assim fazer várias colocações sobre as formas de poder das sociedades modernas, estatais. Por conseguinte, os autores diferenciaram o segmentário do centralizado, distinguindo dos termos: o molecular (micro) que remetia ao primitivo (flexível - rizoma) e molar (macro) referente aos sistemas de poder modernos (concêntrico - árvore). Este último foi considerado como mais rígido.

A intenção de Deleuze e Guattari não foi fazer uma separação radical das duas instâncias, na compreensão de que uma seja ruim e outra boa, nem em consideração do grande ou pequeno, nem do Estado e a sociedade:

²⁷ O *Mille Plateaux. Capitalisme et schizofrénie* foi publicado em 1980.

Entre esses dois níveis, não há uma oposição distintiva, que dependa de um princípio lógico de contradição. Parece difícil, mas é preciso simplesmente mudar de lógica de contradição. Parece difícil, mas é preciso simplesmente mudar de lógica de contradição. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 127)

Salienta Guattari que as lutas sociais são tanto molares quanto moleculares. Logo, as alternativas podem provir tanto das macro quanto micropolíticas, porque os problemas se apresentam ao mesmo tempo em ambos os níveis. Para Estrada Mejia, essa diferenciação diz a respeito de um funcionamento que ativa a relação com a alteridade, “com o mundo, com uma projeção de nossas representações que a posiciona fora de nós, (macropolítica) e uma subjetividade processual, vulnerável à presença do outro” (2012, p. 3).

A partir do trabalho colaborativo entre Félix Guattari e Suely Rolnik, desde a década dos 80, que possibilitou a visita de Guattari no Brasil em 1982, num momento de efervescência do sentido político da população e do florescimento de vários movimentos sociais, é possível trazer os conceitos-ferramenta do filósofo, psicanalista e militante francês que repousam no livro *Micropolítica: cartografias do desejo* (Editora Vozes, 1996). A incidência da obra para esta pesquisa reside no deslocamento do sítio de pensamento de Guattari para um lugar e tempo que precisam ser retomados nesta conjuntura, tanto macropolítica quanto da economia do desejo.

A micropolítica, segundo Guattari, sugere evidenciar a maneira como o poder forma a subjetividade, uma subjetividade que considera plural, polifônica (1992). Por isso, é necessário estudar os termos do poder como produtor tanto de saberes como de subjetividades, ideologias e agenciamentos, levando em consideração que a micropolítica refere-se, sobretudo, as singularidades relacionadas ao corpo, na sua capacidade de afetar e ser afetado, e ao desejo: “A questão micropolítica é a de como reproduzimos (ou não) os modos de subjetivação dominante” (Guattari & Rolnik, 1986, p. 133).

Para Guattari, o Capitalismo Mundial Integrado pretende através de diversas estratégias ter o controle do menor aspecto da vida (1977), por isso a análise micropolítica é importante, porque se situa no cruzamento da problemática, sendo

precisamente “através da cartografia das formações subjetivas que podemos esperar nos distinguir dos investimentos libidinais dominantes.” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 134).

Guattari manifesta sobre a análise micropolítica como a que deve estar justamente por toda parte, pois ela atravessa o cotidiano, mas somente pode ser realizada pelos indivíduos e grupos concernidos, permitindo-lhes construir um novo tipo de política. O conceito singularidade, em Guattari, refere-se aos os processos disruptores no campo da produção do desejo:

Trata-se dos movimentos de protesto do inconsciente contra a subjetividade capitalística, através da afirmação para a importância política de tais processos, entre os quais se situariam os movimentos sociais, as minorias – enfim, os desvios de toda espécie. Outros termos designam os mesmos processos: autonomização, minorização, revolução molecular, etc. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 45).

Assim, as singularidades, como as revoluções moleculares, são capazes de desterritorializar os territórios, criando outros para gerar assim processos inéditos de subjetivação, dando vida aos agenciamentos na procura do exercício da liberdade.

Micropolíticas urbanas: duas desembocaduras

Durante a apresentação deste trabalho, pensou-se no termo *micropolíticas urbanas*, tendo em conta as relações moleculares que desde a iniciativa do 100em1dia como movimento cidadão, visavam-se em um contexto específico: o urbano. No entanto, durante a fase de revisão bibliográfica, achou-se a dissertação *Micropolíticas urbanas: uma aposta na cidade expressiva*, concluída em 2008 por Lazana Guizzo, como projeto do mestrado em psicologia. O trabalho, ao invés de dificultar o andamento da presente pesquisa, enriqueceu a discussão do termo *micropolíticas urbanas* porque acrescenta mais uma visão, não para se encher de conceitos, mas para possibilitar através de um texto tão vibrante como aquele a

oportunidade de criar um texto baba²⁸. Assim, gera-se um encontro entre duas posturas, ambas válidas para pensar a cidade (o lugar) ou urbano.

Retomando os textos de Guizzo sobre a produção de conhecimento e sua experiência como arquiteta, é preciso manifestar o deleite antropofágico de sua escritura e a intensidade de seu pensamento. Embora os vieses das duas pesquisas se constituam como uma espécie de bifurcação, não necessariamente conduzem a diferenciar os caminhos, mas a unir esforços no pensamento da cidade no contemporâneo e das forças que nele aparecem vibrantes, tendo em conta que indubitavelmente as duas partimos do mesmo nó: acreditar no possível, e atingimos ao mesmo objetivo: fazer valer a vida.

O falado até este ponto na dissertação tem a ver com as formas em que a cidade é percebida (leitura) e como nela se geram relações conjuntas entre corpo e espaço, que tem sido consideradas aqui como epidérmicas (ser-lugar), desencadeando forças para o processo de reflexão/ação presente na organização do 100em1dia. Para Guizzo a relação espaço-corpo também é importante, considerando que se apresentam como folheados graças ao postulado das forças. Desta maneira o corpo é produtor do espaço e vice-versa. Guizzo afirma:

O que estamos chamando de *micropolítica* urbana é essa possibilidade de ver as práticas urbanas –das disciplinas espaciais como arquitetura e o urbanismo– como produtoras de realidades. E vê-las como práticas políticas através das forças que povoam, inibem, facilitam ou dificultam ações. (2008a, p. 112)

Através da experiência do corpo do sujeito em contato com o espaço que o *afecta* é possível pensar as *micropolíticas urbanas*, pois estas dão conta das relações que não são unilaterais, e que permitem ver a cidade como “um chão de afetos e não como ciência” (2008a, p. 153).

A experiência de um espaço nunca está separada dos sons, dos cheiros e de quem os ocupa. Um endereço está sempre como um emaranhado de relações, e é justamente por isso, pelo espaço

²⁸O termo utilizado por Suely Rolnik refere-se para além de uma forma de construção de um texto, ao lugar desde o qual se pensa. Assim, ela se remete às *afetações* sofridas pelo corpo do autor, quando este entra em conexão com outros autores para se contaminar, dando valor à experiência desse encontro, que cria outra maneira de ser e viver. Deste modo o pensamento cumpre sua função ética, cultural, política, através da reconexão com o saber do corpo. Vídeo disponível em: <https://vimeo.com/175939186>

desenhado pelo arquiteto nunca estar sozinho, que ele produz subjetividade, modos de viver, morar, andar e, por tanto, é preciso dizer que os espaços são micropolíticos. (GUIZZO,2008b, p. 8.)

A proposta do trabalho de Guizzo é pensar no poder como produtor antes que como opressor, ponderando a proposta de poder de Foucault. O espaço, em Guizzo, pode ser potencializador de práticas de liberdade, mais do que ser dominador. Guizzo colocou a necessidade de pensar nos nômades processuais capazes de explorar aquele espaço folheado a partir de contatos diversos dados por uma experiência do corpo-cidade gerador de forças. Assim desvenda-se uma aposta ética para pensar as relações de poder presentes no exercício da arquitetura e o urbanismo desde a relação hegemônica de uma abordagem do tempo presente:

Mas como poderíamos produzir práticas espaciais a favor da nomadização, a favor de reforçar a cidade como o lugar de encontro entre lentes? Talvez restituindo a possibilidade do presente. Ao entender o espaço como um constante constituir-se, não podemos fixar o presente apenas no momento em que os arquitetos e urbanistas produzirão os folheados materiais. O presente segue transformando, ele não cessa de fugir de nós. Não há a possibilidade de “construir” o presente –eis porque as questões de futuro e passado estarão sempre colocadas no fazer do arquiteto e do urbanista. Transformar, preservar, destruir, reformar: serão sempre essas questões; não é preciso apostar em apenas uma, ter os pés solidamente fincados na preservação do passado ou na construção do futuro. (GUIZZO,2008a, p. 152.)

Essas micropolíticas urbanas, forças dadas na relação entre os sujeitos e o espaço estão seguradas por instâncias individuais, que mesmo na construção de formas fixas são passíveis de mudanças. A aposta de conceituar as *micropolíticas urbanas* é ela mesma política e se coloca no plano do saber/poder. Guizzo aponta: “Ela irá nos interessar, precisamente, porque no campo da arquitetura e do urbanismo somos “treinados” a ver os espaços como formas, reduzindo o espaço a essa dimensão macro, como se nele apenas encontrássemos macropolítica.”. (2008a, p. 112).

Os corpos do arquiteto e do urbanista podem ser afetados por uma cidade onde a vida pode ser apreciada além do binário, por outras lentes, como diz

Guizzo, através da experiência do sujeito que o coloca também como produtor de realidades enquanto as relações de força de si e do tempo. É precisamente nessa situação do poder como produtor, que a criação desses espaços pelos arquitetos e urbanistas deve permitir as práticas liberdade e não de adestramento dos corpos. Eis aqui a relação de alteridade que distingue as macro das micropolíticas.

Micropolíticas urbanas desde a cidadania ativada

Na época atual buscamos cada vez mais fios para segurar a vida. O Capitalismo Mundial Integrado (CMI) produz cada vez um sentimento de não ser e não estar, como têm manifestado vários autores (Guattari; Rolnik; Pelbart). Assim, se pensássemos o espaço como produtor de subjetividades, precisamos analisar a maneira como as formas produzem esses sujeitos, como diz Guizzo, levando em consideração a construção de ambientes cada vez mais cinzas, não somente referendo-nos a cor, mas ao sentido dos espaços, aos padrões nos quais a vida tenta ser domesticada. Como diz Ricardo Lísias no prólogo do livro “Cidade de Quartzos”: “nós abrigados pelo concreto, também não temos acesso à menor urbanidade”.²⁹

Assim como as micropolíticas urbanas merecem um olhar a partir da arquitetura, também se propõe um olhar cidadão das revoluções moleculares. Vê-lo nesse sentido não quer manifestar ir à contramão, mas complementar as duas maneiras como necessárias na cidade que dão sentido à possibilidade de postular desde a arquitetura propostas como *idades para pessoas*³⁰ ou o *urbanismo tático*.³¹, mas também a partir do cidadão para dar solução ou aportar à solução de alguns problemas da cidade por meio de estratégias como *hackear a cidade*³², o termo é

²⁹ DAVIS, Mike. Cidade de quartzos: escavando o futuro em Los Angeles. Boitempo Editorial, 2015.

³⁰ Proposta do arquiteto dinamarquês Jan Gehl através da qual se tenta construir espaços pensando na escala humana, possibilitando a construção de uma cidade viva, segura e sustentável. Um exemplo proposto pelo arquiteto é a recuperação do Times Square de Nova York, como um lugar apto para o fluxo de pedestre, que realmente cumprisse a promessa de ser um espaço de encontro.

³¹ Concepção do urbanismo para a solução de problemas da cidade a partir de soluções rápidas e de fácil execução. Um exemplo de urbanismo tático é a readaptação do Minhocão em São Paulo.

³² Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bHagymDQENA>

utilizado pela jornalista brasileira Natalia Garcia que diz que hackear neste sentido refere-se a mapear as problemáticas da cidade e solucioná-los a partir de novos caminhos para construir uma cidade melhor. Deste modo, coloca como exemplo o grupo *Shoot the shit* de Porto Alegre, o qual para organizou um jogo de golf na rua para visibilizar o problema dos buracos no lugar. O jogo foi gravado e compartilhado nas redes sociais, obtendo a atenção do governo e a imprensa. A ação foi efetiva.

As ações não provêm do institucional (molar), mas das revoluções moleculares, enquanto à emergência de movimentos como o *100em1dia* que permitem às pessoas agir a partir da intervenção/ação urbana como ferramenta de mudança além do espaço, da pessoa por meio da experiência. Concebe-se aqui a denominação intervenção/ação urbana, levando em consideração que o termo intervenção urbana está associado ao trabalho artístico e que o termo ação poderia remeter a uma atividade somente cidadã, propondo que a justaposição dos conceitos possa orientar a uma relação entre a arte e vida na cidade. Arte vista não como exclusiva de um círculo determinado, mas como resultante da experiência de qualquer um.

Peter Pál Pelbart (2002) manifestou desde há algum tempo seu interesse no que acontecia nas cidades brasileiras e do mundo no contexto capitalístico, expropriação e revenda dos modos de vida, porque nessa situação os excluídos usavam a própria vida como vetor de autovalorização. Só que já não sabemos se o termo exclusão se refere a pequenos grupos ou se realmente somos todos excluídos, excluídos de ser, de sentir, de pertencer. Assim, como no exemplo dos presidiários, temos de nos segurar na vida mesma, é nosso único capital.

As iniciativas cidadãs para pensar e praticar novos modos de estar na cidade se espalham pelo mundo. As subjetividades arrancadas do solo, que têm o dom da ubiquidade, como diz Rolnik, vão ao encontro dessas ondas. São contaminadas e contaminam. Tomamos o termo contaminação como sinônimo de *afectação*, correspondendo a aquilo que Deleuze tinha denominado o “ar do tempo”. Os corpos, as máquinas desejanter estão em sintonia sem que sua localização seja um endereço, mas uma necessidade: viver.

Logo, refletir sobre as micropolíticas urbanas, desde a criação do espaço urbano como lugar de parte dos cidadãos, conduz a contemplar as diversas instâncias da economia do desejo nas quais se produzem atravessamentos na relação entre os sujeitos que resultam em revoluções moleculares para fazer valer a vida.

A ideia de revolução molecular diz respeito sincronicamente a todos os níveis infrapessoais (o que está em jogo no sonho, na criação, etc.); pessoais (por exemplo, as relações de autodominação, aquilo que nos psicanalistas chamam de Superego); e interpessoais (a invenção de novas formas de sociabilidade na vida doméstica, amorosa, profissional, na relação com a vizinhança, com a escola, etc.). (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 46)

Portanto, as micropolíticas urbanas propostas desde a ótica da ação cidadã tentam ir ao encontro também do poder como produtor e da vida no âmbito urbano, mas também a maneira como os sujeitos comuns são produtores não somente de um espaço físico, senão de abrigos afetivos e simbólicos dos quais a cidade carece, daí que se questione o conceito de cidade.

No caso do movimento global cidadão 100em1dia, cada pessoa oferece como recurso sua própria vida para investir numa cidade melhor, estabelecendo para o cumprimento desse sonho camadas inseparáveis do corpo (experiência-desejo) para com o espaço. Trata-se de tecidos que constroem um processo dérmico, na medida em que as dinâmicas do espaço (adquiridas pelo corpo experiente) produzem uma disposição de recursos da própria vida, permitindo que a produção de recursos da vida (corpo desejante) mude o espaço para propiciar novas dinâmicas a partir da prática da cidade.

FIGURA 1. AÇÃO “CHURRASCÃO NO VIADUTO”



Fonte: Othon (2016)

A construção de um viaduto em Cuiabá, como um espaço (im)possível para gerar pontos de encontro, teve uma mudança (afetiva e simbólica) a partir da intervenção/ação “Churrascão no viaduto”, proposta pelo EMAU (Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da UFMT)- *Motirô*, para ocupar espaços residuais, colocando neles elementos que permitissem pensar o espaço como possível para arte, o lazer e a interação.

O espaço do viaduto reconhecido pelo corpo experiente como frio e sem vida propiciou recursos da vida para a mudança, para a geração de um lugar. O recurso do corpo desejante veio das práticas da vida mesma. O domingo, dia da intervenção, é habitualmente um dia em que o churrasco possibilita os encontros. Por conseguinte, as soluções vieram da mesma fonte em conflito: a vida. Portanto, a inteligência e a inovação destes cérebros em rede questiona também as relações saber/poder, porque subverte o discurso de criação do espaço urbano. Menciona Pelbart que:

Todos e qualquer um inventam, na densidade social da cidade, na conversa, nos costumes, no lazer – novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação. A invenção não é prerrogativa dos grandes gênios, nem monopólio da indústria ou da ciência, ela é a potência do homem comum. Cada variação, por minúscula que seja, ao propagar-se e ser imitada torna-se quantidade social, e assim pode ensejar outras invenções e novas imitações, novas associações e novas formas de cooperação. Nessa economia afetiva, a subjetividade não é efeito ou superestrutura etérea, mas força viva, quantidade social, potência psíquica e política. (PELBART,2002, P. 38).

A partir dessa consideração do poder do homem comum é que a formação de movimentos cidadãos visam a construção de novos modos de praticar e viver na cidade. A constituição dessas forças vivas é geradora de revoluções moleculares que tentam transformar a cidade para além da melhora do espaço físico, das condições sociais através do que Peter Pál Pelbart denomina potência da vida. Félix Guattari se refere às micropolíticas não como um poder partidário, mas, como aquele capaz de acumular uma quantidade de objetivos ao alcance dos grupos sociais diversos. Conforme Guattari “o que se torna essencial é conectar uma multiplicidade de desejos moleculares, conexão esta que pode desembocar em efeitos de ‘bola de neve’, em provas de força em grande escala”. (1977, P. 177). Por isto, o 100em1dia é potencializador, porque permite o encontro das máquinas desejantes para a construção de um lugar possível a partir de desindividualização. Diz Diego Cuadros Rojas³³ que:

O propósito da iniciativa é que o cidadão possase pensar como ser global, não somente como peruano, colombiano, brasileiro, mas como cidadão do mundo, capaz de gerar diálogos, cenários de ação conjunta entre pessoas, cidades e países, num ambiente intercultural para salientar as ações positivas para o mundo. (CUADROS ROJAS, 2015)

Por último, é importante salientar a construção de territórios subjetivos, presente nestes processos, a qual não se refere à isolamento dos sujeitos, mas a capacidade se movimentar, de flutuar, de fugir. Trata-se daquela plasticidade subjetiva que responde aos modos de subjetivação capitalística através da

³³Diego Cuadros Rojas, co-fundador do movimento *100em1dia*. Entrevista realizada em Bogotá, em outubro de 2015.

reinvenção da vida, do pequeno. É desta maneira como se ancora o termo *micropolíticas urbanas* a partir da cidadania ativa, desfazendo os conceitos da cidadania como obediência civil, a partir da prática, do saber da vida, criando uma afirmação através da relação percepção-experiência-afeto.

4.3 Mockus e o 100em1dia, gênese das conexões possíveis Colômbia - Brasil

O projeto *100em1dia Cuiabá* permite fazer múltiplas e significativas vinculações sobre a forma como se pensam as cidades e como os cidadãos aparecem como proponentes de soluções às problemáticas nelas apresentadas. Deste modo, esta parte pretende construir caminhos possíveis daquilo exposto como *micropolíticas urbanas*, a partir de experiências de Bogotá (Colômbia) para depois se localizar no acontecimento de Cuiabá (Brasil).

100Em1Dia nasceu quando grupo de jovens que entregavam bilhetes com mensagens positivas em Bogotá, apontando uma mudança nas formas de sociabilidade na cidade, refletiu sobre o impacto da intervenção/ação urbana e pensou em atingir um maior número de ações e um tempo determinado. Tendo em conta o tamanho do grupo e seu propósito, os jovens propuseram que sua missão não iria ao viés da ação como na busca de estratégias que acordassem ao cidadão comum a agir na cidade, deste modo propuseram como meta a realização de 100 ações durante 24 horas.

Pensar que o cidadão comum tem a força-invenção para agir na cidade, através do *100em1dia*, foi produto das contaminações geradas nos jovens depois da vivência de novas formas de governo em Bogotá, quando o ex-prefeito Antanas Mockus, através de dois períodos (1995-1997 e 2001-2003), se dedicasse à construção de uma cidade que privilegiasse a vida, superando, entre outros, os altos índices de violência a partir de pedagogias que estabeleciam uma estreita relação do urbano com a arte.

Bogotá, a capital da Colômbia, fundada em 1538, fica no centro do país, na região Andina e no departamento de Cundinamarca, do qual também é a capital. Localizada a 2.600 metros de altitude, Bogotá é uma cidade de contrastes, de belezas, de caos, rodeada por montanhas, com muitas zonas verdes e uma grande

biodiversidade. É o centro financeiro, cultural e administrativo do país, porém é a cidade mais importante. A população aproximada é de 7.259.597 milhões de habitantes, segundo a projeção do *Departamento Administrativo Nacional de Estadística- DANE* para 2009.

No início da década dos 90, Bogotá estava em declínio. Considerada como a pior metrópole do mundo, na cidade a pobreza, o crime, os cartéis de droga e a corrupção tinham atravessado a cotidianidade. Mas a mudança do tipo tradicional de governo teria efeitos surpreendentes. Entre 1994 e 2003 Bogotá teve uma redução do 75% nos homicídios e do 50% nos delitos contra a propriedade, entre outros atos delinquentes (MIZRAHI, 2012). Segundo o filósofo e matemático Antanas Mockus, o primeiro prefeito independente de Bogotá, havia uma disparidade entre a moral, a cultura e a lei na Colômbia.

A proposta de governo de Mockus foi a geração de uma série de projetos sob o nome de *Cultura Ciudadã*, que demonstrou como a partir da mudança de aspectos culturais —comportamentos, hábitos e atitudes— o cidadão era capaz de contribuir com a solução de algumas das problemáticas apresentadas em Bogotá. Demonstrando que a construção de novos modos de ser e estar não são tanto responsabilidade do Estado como da cultura.

Mockus utilizou os indicadores para criar, junto com a equipe de trabalho, metodologias alternativas que vinculassem a população no desenvolvimento de medidas que alterassem as situações adversas. O modelo inovador permitiu reconhecer outras formas de criar políticas públicas, tendo em conta que as ferramentas para abordar as problemáticas apresentadas apontavam para um modelo cívico. Murray cita o seguinte exemplo da gestão de Mockus:

En el año de 1995 el alcalde Mockus solicitó apoyo a la agencia de cooperación japonesa (JICA) para que ayudara a Bogotá en el desarrollo de un plan maestro de movilidad. Los japoneses le plantearon que, luego de las mediciones y observaciones realizadas en Bogotá, era posible determinar que por lo menos una cuarta parte de la solución a los problemas de movilidad de la ciudad no tenía nada que ver con inversiones en infraestructura e ingeniería vial; adujeron que por lo menos el 25% de la mejora en la movilidad de la ciudad se podría lograr únicamente si los ciudadanos respetaban las normas de tránsito. Esta misma situación se puede observar en muchas otras dimensiones, como la seguridad ciudadana, el medio ambiente, o problemas de salud pública. Para resolver muchos de estos problemas

es indispensable la invitación a los ciudadanos para que transformen una determinada práctica social. (MURRAY, 2009, p. 214)

A partir dos resultados dos estudos, Mockus solicitou à Secretaria de Trânsito que informasse quais eram as normas de trânsito que os cidadãos precisavam respeitar com mais urgência. A resposta dos técnicos do departamento foi enfática: o uso da faixa pedestre, pois os motoristas interrompiam o passo e os pedestres atravessavam a rua em partes não sinalizadas, gerando-se caos desde as duas partes.

De acordo com Murray (2009), tendo em conta a situação, o prefeito solicitou ao Instituto Distrital de Cultura pensar em medidas que permitissem aos cidadãos saber que seus atos de não respeitar as faixas eram vergonhosos, considerando que era melhor a implantação de uma norma que fosse social e não uma formal, para que as pessoas não tivessem medo às sanções legais, senão refletissem sobre seu papel no desenvolvimento da cidade. Desta maneira, a partir da tarefa do prefeito, o diretor do Instituto, Paul Bromberg, colocou o tema na roda de conversa durante uma janta familiar. Um dos assistentes indicou, de maneira cômica, utilizar como recurso os mímicos, porque eles apareciam nas ruas imitando as pessoas, sobretudo em seu jeito de caminhar, gerando vergonha na pessoa imitada. No dia seguinte no conselho de governo, Bromberg compartilhou a ideia, com o mesmo tom que seu familiar tinha apontado. O prefeito abraçou a proposta e pensou que valia a pena fazer uma experiência.

Para a execução da estratégia foram colocados 40 mímicos nas vias que apresentavam maiores conflitos. Depois da percepção do impacto positivo nos hábitos e nos comportamentos dos indivíduos, ainda com o ceticismo da imprensa que não acreditava que as pessoas obedecessem mais ao mímico do que ao policial, o programa cresceu. Foi assim como os primeiros mímicos participaram no treinamento de mais outros artistas de rua, dando como resultado a soma de 400 mímicos nas ruas da cidade.

FIGURA 2: MÍMICOS NAS RUAS DE BOGOTÁ



Foto: Ciudad Pedestre (5 de janeiro de 2009)

Durante a execução do programa pedagógico *Cultura Cidadã* foi fundamental a comunicação, Mockus (2003) assinala que é provável ver a cidade como um laboratório e uma sala de aula onde se pode sonhar com transformar aspectos da comunicação cotidiana para reduzir a agressividade e melhorar a produtividade. O tipo de comunicação teve um caráter não violento que possibilitou que as pessoas pudessem expressar seus sentimentos e necessidades. Foi uma comunicação apreciativa capaz de reconhecer os avanços da cidade e da cidadania.

Assinala Mockus que os códigos sociolinguísticos são importantes na construção da cultura urbana, pois ainda de maneira implícita, esses códigos permitem reconhecer os contextos e fazer que cada um desses contextos seja associado a uma série de ações aceitáveis. Assim, o trabalho pedagógico visava a reeducação da população em termos de convivência, a mudanças nos sujeitos provocaria que a cidade mesma também se transformasse. Dentro dessa estratégia, foram considerados vários símbolos para identificar as ações adequadas e inadequadas entre os cidadãos. Por exemplo, quando alguém atravessar a rua em um lugar errado outra pessoa poderia mostrar um cartão vermelho com o polegar para baixo, para mostrar o outro que tinha errado no seu comportamento.

FIGURA 3: MOCKUS APRESENTANDO À MÍDIA A ESTRATÉGIA DO CARTÃO VERMELHO



Foto: Revista El Rodaje, (2010)

Essas e outras estratégias pedagógicas simbólicas usadas por Mockus inspiraram os jovens iniciadores do 100em1dia, para que através da iniciativa se pensasse na necessidade de dar valor à cidadania ativada gerando dispositivos de comunicação e ação, a partir da interação com o espaço urbano. Juliana Serrano Pérez³⁴ afirma:

Creo que es muy inspirador incluso hoy ver todas las acciones que se hicieron en la alcaldía de Mockus para crear cultura ciudadana, desde los mimos que por medio del ridículo hacían que los ciudadanos pensarán en colectivo hasta la línea telefónica para que los ciudadanos que tuvieran problemas intrafamiliares llamaran a contarle a alguien sus dificultades. Fue una gran influencia porque nos mostró que la cultura ciudadana es algo que se construye y puede hacerse de una forma pedagógica, que la gente se transforma y que a veces hace sólo falta método para generar cambios en la ciudad y por ende en los ciudadanos.(SERRANO PÉREZ, 2016)

Para Milton Santos (2009), a cidade é o lugar onde a educação e a reeducação acontecem. Mockus ensinou duas lições principais. A primeira, que as macropolíticas podiam ir além das estatísticas, partindo delas como referência não somente quantitativa, mas como a possibilidade de gerar outras óticas que se detivessem no estudo dos fluxos da vida na cidade para a criação de políticas públicas que fossem no viés da valorização da vida. A segunda, que a partir da pedagogia e da comunicação era possível aprender a se encontrar como

³⁴ Entrevista realizada depois da visita a Cuiabá da co-fundadora do 100em1dia.

responsável da cidade, como parte dela e criar a partir da relação arte-vida uma forma de pensar no espaço e desconstruir os hábitos adquiridos, para validar o poder do cidadão nas mudanças das condições da cidade para a melhora da qualidade de vida.

100em1dia, transmissão sináptica

A sinapse é um processo comunicativo entre neurônios no qual o axônio de um neurônio se vincula ao segundo neurônio, normalmente por meio do contato com um de seus dendritos ou com o corpo celular. Neste processo de impulso nervoso estão envolvidos dois tipos de fenômeno. O primeiro é o elétrico quando se propaga o sinal ao interior de um neurônio. O segundo, o químico no qual há uma transmissão de um sinal de um neurônio a outro. A interação entre neurônios, através do processo químico, acontece na terminação de um neurônio numa estrutura chamada sinapse.

Aproximando-se do dendrito de outra célula (mas sem continuidade material entre ambas as células), o axônio libera substâncias químicas chamadas neurotransmissores, que ligam-se aos receptores químicos do neurônio seguinte e promove mudanças excitatórias ou inibitórias em sua membrana. (...) Os neurotransmissores possibilitam que os impulsos nervosos de uma célula influenciem os impulsos nervosos de outra, permitindo assim que as células do cérebro "conversem entre si", por assim dizer. O corpo humano desenvolveu um grande número desses mensageiros químicos para facilitar a comunicação interna e a transmissão de sinais dentro do cérebro. Quando tudo funciona adequadamente, as comunicações internas acontecem sem que sequer tomemos consciência delas. (CARDOSO, s.d.)

As *ações ruptura* como o caso das propostas no nível macropolítico do ex-prefeito Mockus e depois das acontecidas como micropolíticas urbanas durante o *100em1dia Bogotá*, em 2012, quando foram realizadas 250 intervenções/ações, servem como pulsões que excitam outros seres para desejar uma cidade diferente e agir na construção desse lugar melhor. Os corpos (em sua capacidade de afectar e serem afectados) operam como uma espécie de dendritos mostrando que eles em contato com outros cidadãos (que já agiram ou desejam agir) podem produzir forças vivas, empoderamento, sinapse.

Sinapses excitatórias causam uma mudança elétrica excitatória no potencial pós-sináptico (EPSP). Isso acontece quando o efeito líquido da liberação do transmissor é para despolarizar a membrana, levando-o a um valor mais próximo do limiar elétrico para disparar um potencial de ação. Esse efeito é tipicamente mediado pela abertura dos canais da membrana (tipos de poros que atravessam as membranas celulares para os íons cálcio e potássio). (CARDOSO, s.d.).

A gestão do ex-prefeito Mockus inspirou os fundadores do 100em1dia Bogotá. Então foi gerada uma espécie de sinapse com o grupo de criadores do Festival da Cidadania, fenômeno que por sua vez, permite a conexão das pessoas vinculadas ao movimento global 100em1dia para a formação de uma estrutura rizomática. O modelo de rizoma proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), implica a formação de um modelo não hierárquico, um conceito de aliança, como um tecido que permite adição; que como exemplificam os autores dá cabida à conjunção “e... e... e...”. A proposta permite pensar nas condições de cada cidade sem recorrer na correspondência obrigatória à experiência inicial, porque assim é o rizoma, essa estrutura que os autores viram na botânica e a trouxeram com princípios demonstráveis às estruturas sociais, que difere do modelo de árvore, pois seu fundamento não se encontra só no seu tronco.

O envolvimento das pessoas no processo criativo pretende fazer que a essência de *100em1dia* permaneça, tendo em conta que o movimento não é partidário, senão cidadão. Assim, se constitui como um processo colaborativo, não hegemônico, a participação é um ato voluntário.

La diferencia de 100en1día con otras iniciativas está en el hacer. Quienes se vinculan a la iniciativa son soñadores, capaces de hacer, de actuar. La iniciativa ha demostrado que las cosas simples son posibles y ayudan a la transformación, pues entre más complejas se conciban, más obstáculos se presentan. (SERRANO PÉREZ, 2016).

FIGURA 4. AÇÃO “O RECREIO” ACONTECIDA DURANTE O PRIMEIRO 100EM1DIA BOGOTÁ



No centro de Bogotá, a conhecida Avenida Jiménez se converteu num lugar onde crianças e adultos pudessem brincar. A ação convidava aos transeuntes esquecer as tensões que o ritmo acelerado da cidade provoca e fazer parte da brincadeira infantil.

Foto: 100em1dia Bogotá (2012)

Assim, esse processo de contaminação entre seres, exemplificado no caso das células, dá lugar a processos nos quais as subjetividades inconscientes entram em uma espécie de excitação disparada pelas experiências, pelo poder participar da cidade, pelo coletivo.

FIGURA 5. AÇÃO “A FAIXA DE CORES” ACONTECIDA DURANTE O PRIMEIRO 100EM1DIA BOGOTÁ



O objetivo da ação foi colorir uma faixa pedestre numa região de alto tráfego de pessoas para que os transeuntes atravessarem de maneira agradável e segura, permitindo-se ainda ter um espaço para brincar. A intervenção se propôs também reclamar sobre a falta de sinalização adequada, de calçadas e de semáforos, de parte das autoridades. Do lado do cidadão, a atividade visava fazer com que ele refletisse sobre seu comportamento, não apenas como motorista, mas como pedestre.

Foto: 100em1dia Bogotá (2012)

Segundo Maffesoli (1990, p.210 Apud. LEITE, 2010, p. 110-111), a cidade é um espaço sensível, onde as emoções, afetos e símbolos circulam para gerar relações. O 100em1dia se converte em uma espécie de lugar carregado de significações. Como diria Mafessoli (1990, p.210 Apud. LEITE, 2010, p. 110-111): “o lugar faz o elo” e é considerado como um “vetor de estar junto social”. Daí que o processo que acontece no sistema nervoso seja capaz de representar o fenômeno que o 100em1dia, porque *affecta* a seres que não são somente dotados de razão, mas de sensibilidades, sensibilidades que entram em contato no cenário urbano.

Micropolíticas urbanas do 100em1dia Cuiabá

Durante o percurso de acompanhamento do projeto 100em1dia Cuiabá, através da experiência como pesquisadora e participante do festival da cidadania, foi possível reconhecer uma motivação que ia ao encontro do questionamento de por que era necessário fazer o 100em1dia e agir em Cuiabá, foi este: “*Porque a cidade merece*”. Tal expressão usada por várias pessoas no processo produz uma inquietude sobre o que era merecer para as pessoas e sobre qual era a concepção de cidade presente no seu discurso.

Assim, o ato de merecer foi ao encontro das relações que as pessoas poderiam ter estabelecido com a cidade (micropolíticas urbanas), levando em consideração que a expressão remete a uma reciprocidade (dar-receber), merecer é sinônimo de “ser digno de”. Portanto, a análise mencionada pretende mostrar duas considerações. A primeira, a intenção de agir para corresponder à cidade, que fala dos desejos dos sujeitos. A segunda, que uma mudança que possibilita não somente uma transformação do espaço urbano, mas, neste sentido de reciprocidade, também do sujeito a partir do acontecimento.

Os sujeitos envolvidos no 100em1dia Cuiabá foram, a partir do processo de reflexão/ação, conscientes da vida vista em pequenas dimensões, deram valor aos desejos, afetos e inovações que geram grandes transformações nas cidades, onde os processos de significação do espaço público e do poder cidadão são redefinidos para dar lugar ao poder individual e coletivo denominado desde o conceito de micropolíticas urbanas.

A sinapse do 100em1dia como movimento global com o 100em1dia Cuiabá foi notável quando parte da considerada equipe motor começou a replicar as iniciativas que já tinham acontecido no mundo e no Brasil, também a partir das experiências em Cuiabá ligadas ao Coletivo à Deriva, ligado ao grupo de pesquisa Artes Híbridas, intersecções, contaminações, transversalidades do PPG em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT. Também o contato frequente com Diego Rojas Cuadros (100em1dia) e Alan Boos e Tatiana Araujo (100em1dia Blumenau) favoreceu a aproximação dos neurônios e a disposição dos neurotransmissores.

No meu caso particular, a partir da consulta de diversas ações fui *afectada* pela causa pedestre abraçando as propostas de iniciativas como *Cebras por la*

*vida*³⁵ de Bogotá, que participa do 100em1dia Bogotá, e das lutas de pedestres adiantadas no México pela *Liga Peatonal*³⁶. Foi desta maneira que nasceu a ação “Arte Pedestre”, como a necessidade de ligar a arte urbana e o poder cidadão, para colorir a cidade e alcançar a liberdade da consciência através da arte da existência. A contaminação se estendeu até o artista urbano André Gorayeb, quem desenhou e pintou a faixa perto do ginásio da Universidade Federal de Mato Grosso.

Descrição da ação proposta:

As condições dos pedestres em Cuiabá são muito precárias. A cidade precisa de uma melhor sinalização de trânsito: faixas, lombadas, quebra-molas (redutores de velocidade nas zonas de alto fluxo de pedestres), calçadas, etc. A ação Arte Pedestre pretende pintar algumas faixas pedestres coloridas, tipo graffiti, com designs lindos para fazer desse espaço uma zona de reconciliação entre a arte de caminhar a cidade e a arte urbana (graffiti) com a cultura cidadã. Também para que Cuiabá seja convertida numa galeria de arte urbana pedestre e dar atenção para esta questão crucial para a cidade que o bom tratamento ao pedestre.

A ação convida a todos para participarem desta empreitada de cidadania. Artistas e todos os habitantes. Vamos fazer de Cuiabá uma cidade que se importe com o pedestre, que reconheça seus passos, que admire a arte.

FIGURA 6: AÇÃO “ARTE PEDESTRE”



Foto: Bello Medina (2016)

³⁵ Faixas pedestres pela vida (Nota da pesquisadora).

³⁶ Liga Pedestre (Nota da pesquisadora).

A cidade muda na dimensão subjetiva através da qual o sujeito a reconhece como lugar e na maneira como ele muda para contaminar outras pessoas, para potencializar mais ações, para apreciar o florescimento dos ipês, mas, sobretudo para gerar uma ruptura na dominação gerada pelos aparatos que a partir das rotinas convertem o espaço em lixo, não lugar, em um nada.

As micropolíticas urbanas foram evidentes a partir dos desejos e ações geradas pelo 100em1dia Cuiabá. Quais são as finalidades? Para que investir tempo ou vida nisso? O que significa agir? Para quem agir na cidade? A cidade muda? Talvez haja mais questionamentos, mas as respostas podem se encontrar no elo de felicidade gerado na cidade durante 24 horas em que forças ativas e reativas foram visíveis a partir encontro de nós, nos desejos: nadar em águas limpas, receber sombra, atravessar a rua, caminhar no parque, observar aves, dançar na praça, ir ao museu no domingo, receber um chocolate, fazer um churrasco embaixo do viaduto, ouvir as histórias de uma senhora de mais de 90 anos, dar vestido a um morador de rua, oferecer pílulas de poesia, fazer uma performance na vala de uma obra inacabada ou na feira, tocar música no hospital, limpar o centro de zoonose, plantar uma árvore, dar uma massagem para alguém (é... é.. é..), o que tem isso de poderoso se não é reconhecer o poder na vida.

Ações: “As fias de mamãe”-“Bem-vindos à cidade Cuiabá de Tchapa e Cruz”

Os personagens Benedita Sampaio e Amazonina Bocaiuva, ao som de músicas "bregas" que não foram esquecidas pela memória da cultura popular de ouvir rádio AM, dão aos transeuntes em sua diversidade, pluralidade humana e geográfica, uma bem-vinda à cidade Cuiabá de Tchapa e Cruz convidando-os para a consciência do respeito à vida, de conviver com o amor e o direito do outro.

*Foto: Luzia Abich (2016).



Ação “Piquenique Cultura Indígena na UFMT” - Leitura de criança para crianças.

O piquenique reuniu indígenas, indigenistas e pessoas interessadas para conversar respeito da temática da Cultura Indígena. A ação se complementou com a proposta de leitura de crianças para crianças. Os participantes leram lendas e mitos indígenas para estimular às crianças ao conhecimento e interação com a leitura e a cultura indígena.

*Foto: 100em1dia Cuiabá – Juliana Segóvia (2016).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este é um mundo de planos alterados, de oportunidades momentâneas, de visões inesperadas.

Alan Lightman

Nunca mais os pés pousarão na paisagem estável de uma terra firme: habituar-se a “navegar é preciso”.

Suely Rolnik

Hasta la más pequeña gota de rocío caída del pétalo de una rosa al suelo, repercute en la estrella más lejana.

Albert Einstein

As águas são instáveis, mas os fluxos são necessários, as enriquecem as encorpam, as potencializam. Finalmente elas desembocam e as forças vivas se juntam para ser mais fortes. Pode-se questionar a braveza dos rios, mas ninguém duvida da potência do mar. Ainda assim, são aquelas pequenas águas as que fortalecem os oceanos.

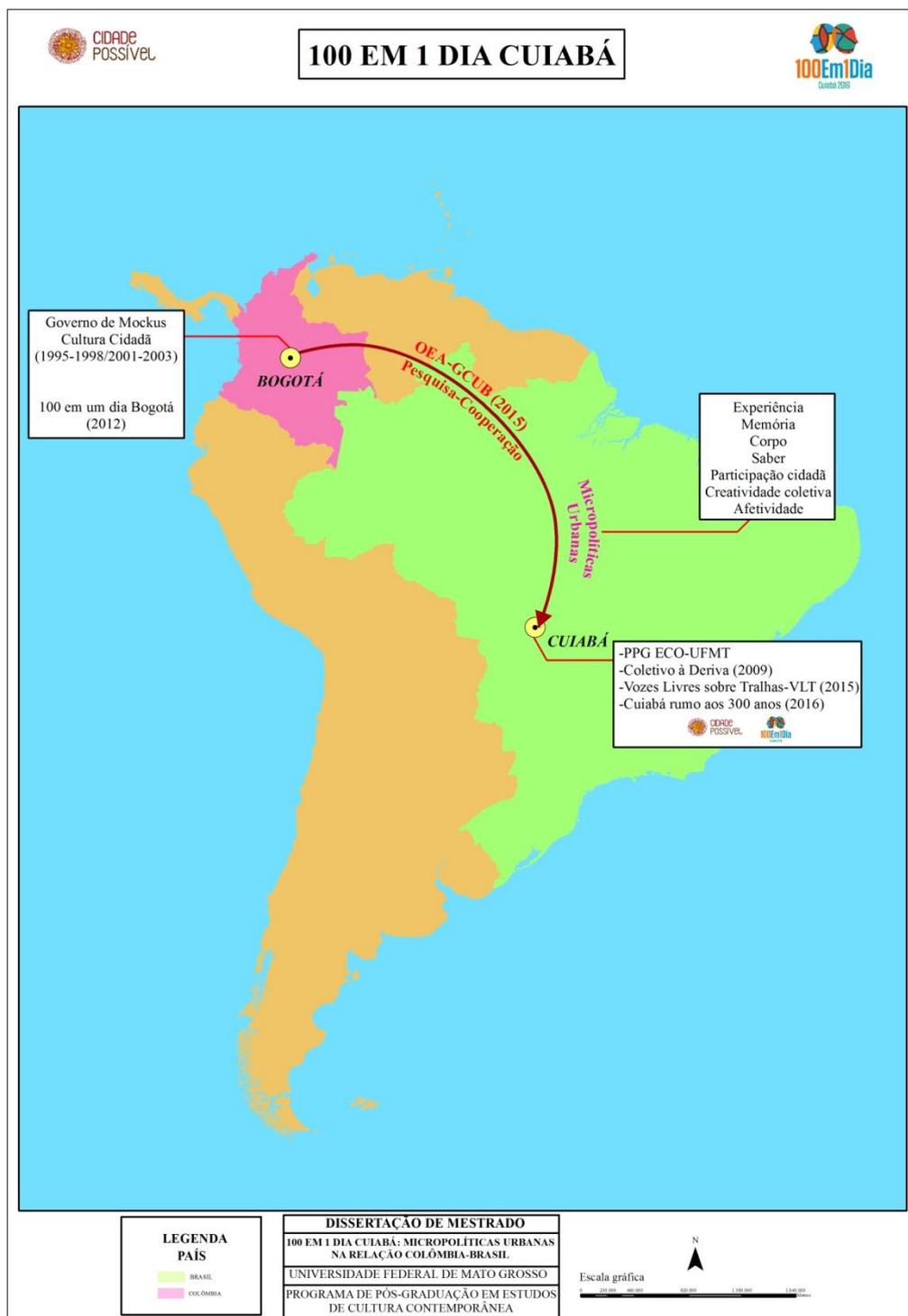
As intervenções/ações de arte e cidadania são micropolíticas urbanas que se apresentam como uma ferramenta de saber e poder para refletir e agir no espaço urbano. Elas operam a partir da necessidade de gerar outros possíveis ante a produção das subjetividades em relação ao planejamento urbanístico capitalista.

A trajetória desta investigação mostrou que já não basta ficar na teoria, o mundo demanda estabelecer uma relação teoria-prática, não somente construída por caminhos experimentais, mas desde experiência dos sujeitos pesquisadores.

Logo, as micropolíticas urbanas que possibilitaram estabelecer outras relações entre a Colômbia e o Brasil foram se construindo a partir de diversas trocas, e inicialmente do meu deslocamento para estudar no Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso, através do convênio entre a Organização de Estados Americanos (OEA) e o Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB). Posteriormente, a minha participação na intervenção urbana *Vozes Livres sobre Tralhas* (VTL) do Coletivo à Deriva em 2015, traria a discussão do Festival da Cidadania *100em1dia*, nascido em Bogotá

em 2012, que possibilitaria a chegada do Festival em Cuiabá, abraçado pelo projeto *Cidade Possível* para ser realizado o dia 3 de abril de 2016 com motivo do aniversário da capital de Mato Grosso.

MAPA 1: TRAJETÓRIAS DA FORÇA INVENÇÃO



Elaboração: Nadya Serrano Abarca

Em suma, a imersão no projeto *100em1dia Cuiabá* como pesquisadora e participante possibilitou trazer considerações, perceptíveis graças à condição de estrangeira, sentimento que foi desmanchando-se com o decorrer do projeto. As seguintes apreciações se encorpam também por meio da reflexão teórica dada a partir dos estudos sobre a leitura da cidade, o tempo e as micropolíticas, discutida nos primeiros três capítulos, somados à experiência descrita no quarto capítulo:

- Os desejos estão incubados na pele, permanecem grudados ao contato com outros (pessoas, árvores, águas etc.).

A denominação de Cuiabá como Cidade Verde é rejeitada neste momento pelas pessoas que durante o processo mapearam vários lugares da cidade onde as árvores tinham sido tiradas. A experiência com o clima da cidade, que aparece como elemento de junção entre as pessoas quando percebem que os identifica, faz desejar as sombras, colocando num lugar privilegiado as que as árvores produzem. Por este motivo, a arborização foi quiçá o desejo mais perceptível.

- As palavras como junção corpo-memória são potencializadoras, as lembranças ficam no corpo, sensíveis ante um relato.

As pessoas têm uma forte relação com as águas da cidade, a admiração pelos rios, córregos, nascentes e demais fontes hídricas foram fundamentais tanto no desenvolvimento do projeto *100em1dia Cuiabá*, quanto nos encontros do projeto *Cidade Possível* que permitiram refletir sobre a forma em que a vida é concebida, disposta, organizada e reinventada nos espaços da cidade. Pensar na existência de outros seres como os jacarés dos córregos, permite pensar na relação homem-cidade, mas na forma como as ações humanas impactam sobre o meio ambiente. No entanto, o processo também permite procurar soluções, para as problemáticas apresentadas em prol do equilíbrio ecológico, desde si para subverter as mesmas ações humanas.

Para ilustrar, a importância da bacia do Rio Cuiabá radica na formação do Pantanal Mato-grossense, bioma fundamental para o Brasil e o mundo, mas no contexto regional: “é muito importante pela sobrevivência de 75% da população do estado de Mato Grosso”. (TURISMO RURAL MATO GROSSO, 2011).

Assim, por exemplo, no caso dos relatos construídos em conjunto entre as pessoas sobre as águas, o relato de uma pessoa sobre sua experiência de infância na bacia do Rio Cuiabá, onde aprendeu a nadar, permitiu potencializar sua ação na região de São Gonçalo para organizar uma jornada de limpeza no Rio Coxipó, o qual deságua no Rio Cuiabá³⁷.

FIGURA 1. RIO COXIPÓ NA REGIÃO DE SÃO GONÇALO



Foto: Abich (2016).

O Rio Coxipó, que nasce em Chapada dos Guimarães, na região da Serra de Atmã, abastece a cidade de Cuiabá num 48% do consumo. O impacto das ações humanas é perceptível durante o período chuvoso, por exemplo, quando segundo o relato do coordenador de Produção de Água da CAB Cuiabá, Célio Mattos, “a empresa tem dificuldades para captação de água na Estação de Tratamento do Tijucal, já que sofás, garrafas pet e lixo chegam ao local e obstruem os equipamentos. ‘Temos que usar muitos produtos químicos’”.

³⁷Trecho tomado de: Globo.com. Série mostra rios que banham as três cidades mais populosas de MT. 03 de novembro de 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2015/11/serie-mostra-rios-que-banham-cidades-mais-populosas-de-mt.html>

O encontro dos relatos e das experiências permitiu reviver acontecimentos nos sujeitos. As lembranças fizeram que o afeto pelo lugar voltasse e provocasse uma pulsão. Finalmente como diz Leite (2010): a memória é um “patrimônio de experiências acumuladas”.

FIGURA 2. AÇÃO “REVIVER SÃO GONÇALO”



Foto: Soares (2016).

- As macropolíticas da cidade, que dão conta da organização urbana, estão presentes na formação de micropolíticas urbanas, cidade e cidadão são reciprocamente *afectados*. Assim, por exemplo, as intervenções urbanas, especificamente as obras na cidade com motivo da realização da Copa FIFA, foram um grande disparador das ações acontecidas durante o 100em1dia Cuiabá.

Muitas das pessoas participantes do projeto disseram que elas queriam agir na cidade porque elas não queriam ver a sua cidade destruída. A mudança do espaço gera desconforto porque exige a alteração da cotidianidade, provocando a criação de um cenário extracotidiano onde as pessoas possam, por exemplo, utilizar aqueles espaços para ressignificá-los, como aconteceu com as obras dispostas para o funcionamento do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT).

FIGURA 3. AÇÃO “PERFORMANCE ‘MAIÊUTICA’ NA VALA DO VLT”



Foto: Othon (2016)

FIGURA 4. AÇÃO “BALANÇOS NO VIADUTO”



Foto: Othon (2016)

O problema das construções contemporâneas na cidade parece ser o privilégio das formas, sobre as quais autores como Milton Santos tinha chamado a atenção, e que poderia se evidenciar com as dinâmicas de espetacularização do espaço urbano e o marketing das cidades. Assim, a questão sobre para quem e como a cidade é construída continua vigente, mas quando as pessoas não participam do espaço (praticam a cidade) gera-se uma sensação de inconformismo, que permite a constituição de novas vias e trajetos, no final sempre o ser humano ocupa, ocupa para viver e para pertencer e a entropia continua em aumento.

O 100em1dia Cuiabá foi um processo muito rico de apreciar desde os fluxos subjetivos e as mudanças que mais do que do espaço produziram-se nos participantes, primeiro em aquelas pessoas que abraçaram a iniciativa 100em1dia e posteriormente nos participantes tanto dos encontros como das ações. Porém, é preciso fazer a colocação de que o público atingido tem umas características similares, e o projeto conseguiu em menor escala *afectar*, contaminar e motivar as pessoas de bairros populares, periferias e bairros nobres de quem também é a cidade.

Por outro lado, a vida foi disposta como único capital tanto para oferecer, mas para defender. As pessoas se entregaram ao ato voluntário aportando seu tempo, seus corpos e sua capacidade ético-analítico-política-afetiva num contexto de arte-vida-espaço. O que foi gerado nessas relações de criação é um empoderamento a partir não somente da experiência individual de ter agido, mas de achar o *em casa*, ao que se refere Rolnik (1998), numa coletividade que também está nessa sintonia de criação. Neste ponto, destaca-se também o número significativo de mulheres participantes, que ao longo do percurso se aditaram, permitindo que da aquela sinapse, resultassem parcerias vigentes até atualidade para defender causas ambientais (cuidado dos animais, limpeza dos rios, plantio de árvores etc.), de saúde coletiva, da arte como psicoterapia etc.

FIGURA 5. AÇÃO “REVITALIZAÇÃO DO PÁTIO DO HOSPITAL ADAUTO BOTELHO”



Foto: Almeida (2016)

- Sob outra perspectiva, os tempos na cidade são diferentes: há cidades impossíveis de ser paradas, onde a “vida” está em constante movimento como Nova York, cidades conhecidas por sua insônia como Las Vegas, e outras, na contramão, reconhecidas por mobilizar um grande número de pessoas no dia São Paulo. Os tempos correspondem, entre outros, às condições da luz no espaço, gera-se uma dupla relação luz-vida. Cuiabá tem uma estreita relação com o sol. Reconheceu-se durante a organização do 100em1dia que as atividades são condicionadas pela presença/ausência do calor. No domingo, a cidade é diferente, o Centro, muito movimentado de segunda a sábado, entra em hibernação esse dia, as ruas estão desertas, os restaurantes colocam em sua placa o horário a partir das 17h. As cores dos portões das lojas parecem encher de cores e no espaço há isolamento.

A partir da experiência do 100em1dia, durante o domingo 3 de abril, foi possível ressignificar o tempo na cidade, gerar encontros e possibilidades na cidade, visitar os museus localizados no centro e nos redores como o Palácio da Instrução, Museu Histórico de Mato Grosso, a Casa Cuiabana, e curtir uma programação de

atividades que atingiram a diversas faixas etárias. Aliás, o processo de organização possibilitou mudar o ritmo da cidade para as pessoas envolvidas, permitindo refletir sobre os tempos rápidos e lentos (homens rápidos e lentos) aos quais Milton Santos se referia.

FIGURA 6. AÇÃO “DOMINGO NO MUSEU HISTÓRICO”



Foto: Miyashita (2016)

Finalmente, as subjetividades fluíram para se encontrar em vários lugares: Facebook, espaços representativos da cidade (Casa Cuiabana, Sesc Arsenal etc), mais também em lugares mais íntimos como a casa da família Capilé. Contudo, o lugar mais importante nesse longo processo de reflexão/ação, que foi o 100em1diaCuiabá, foi a existência de um lugar possível, a Cuiabá possível. O 100em1dia, determinado por um tempo específico no calendário (3 de abril de 2006), pode ser localizado não em um espaço geograficamente demarcado, mas num território existencial que fica no mais profundo dos seres que participaram do processo. Esse foi o sentido do movimento: a construção do ser-lugar.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Maria Thereza. *Estéticas emergentes da cidade*, mar. - mai. de 2016. Notas de aula.

_____. Passeio de sombrinhas: poéticas urbanas, subjetividades contemporâneas e modos de estar na cidade. Rio de Janeiro, *Revista Magistro*, volume 8 número 2, 2013
<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/2181/1007>

BELLO MEDINA, Heidy; AZEVEDO, Maria Thereza. *100em1dia Cuiabá: micropolíticas urbanas en la relación Colombia-Brasil*. Cuiabá, 16 p. Trabalho próximo a ser publicado em <http://www.aninter.com.br/Anais%20Coninter%204/>

BRASIL NOTÍCIA. *Canteiro de uma das principais vias de Cuiabá onde passaria VLT foi asfaltado*. Brasilnoticia.com.br. Disponível em: <http://www.brasilnoticia.com.br/cidades/canteiro-de-uma-das-principais-vias-de-cuiaba-onde-passaria-vlt-foi-asfaltado/69809>. Acesso em: 15 jun. 2016.

CARDOSO, Silvia Helena. [s.d.]. *Comunicação entre as células nervosas*. Disponível em: http://www.cerebromente.org.br/n12/fundamentos/neurotransmissores/neurotransmitters2_p.html. Acesso em ago. 2016.

CUADROS ROJAS, Diego. Diego Cuadros Rojas: *depoimento* [out. 2015]. Entrevistadora: Heidy Bello Medina. Bogotá, 2015. Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.

CUIABÁ. Prefeitura Municipal de Cuiabá. *Evolução do Perímetro Urbano de Cuiabá – 1938 a 2007*. Ano 2007. IPDU - Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Urbano. Cuiabá: 2007a.

_____. *Perfil Socioeconômico de Cuiabá*. Ano 2007. IPDU - Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Urbano. Cuiabá: 2007b.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO NACIONAL DE ESTADÍSTICA – DANE. *Demografía y Población - Proyecciones de Población* [online]. Disponível em: <https://www.dane.gov.co/index.php/estadisticas-por-tema/demografia-y-poblacion/proyecciones-de-poblacion>. Acesso em: 18 dez. 2016.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. *Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

_____. *Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. e colaboradores. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Bookman e Artmed, 2006.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Editado por Michael Schröter; tradução, Vera Ribeiro; revisão técnica, Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

ESTRADA MEJÍA, Rafael. Micropolíticas, cartografias, e heterotopias urbanas: derivas teórico-metodológicas sobre a aventura das (nas) cidades contemporâneas. In: *Espaço Acadêmico*, V. 11 132 (maio de 2012). Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/16876/9093>. Acesso em: 11 ago. 2016.

FERREIRA, Teresa. Entrevista a Arjun Appadurai. *Comunicação & Cultura*, v. 7, p. 133-140, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalheira. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*, 17^a. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

_____. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1977.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografia do desejo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

GUIZZO, Iazana. *Micropolíticas urbanas: uma aposta na cidade expressiva*. 2008. 159 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal Fluminense, Departamento de Psicologia, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Rio de Janeiro. 2008a.

_____. *Micropolíticas urbanas*. 2008b. Disponível em: <http://www.corpocidade.dan.ufba.br/arquivos/resultado/ST4/lazanaGuizzo.pdf>. Acesso em jun. 2016.

GUZÓN, José Luis. *El nuevo estatuto del tiempo: introducción al estudio del concepto de tiempo en Ilya Prigogine*. Universidad Pontificia de Salamanca, 2002.

HOLLAND, Carolina. *Obra do VLT de Cuiabá foi tocada sem projeto desde o início, diz governo*. Globo.com, Mato Grosso, 09 feb. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2015/02/obra-do-vlt-de-cuiaba-foi-tocada-sem-projeto-desde-o-inicio-diz-governo.html>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

HOYOS SÁNCHEZ, Inmaculada. ¿Poner límites a la ciudad? Obras de arte y lugares. In: ORDÓÑEZ ESLAVA, Pedro; LÓPEZ, David Martín (Comp.). *Between categories, beyond boundaries: Arte, ciudad e identidad*. Libargo, 2013. p. 28-40.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Cuiabá*. [online]. Disponível em: www.cidades.ibge.gov.br. Acesso em: 18 dez. 2016.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: *Revista Brasileira de Educação*, Vol. 19, pp. 20-28, (Jan-Abr, 2002). Disponível em: www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf. Acesso em: 4 dez. 2016.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2011.

LEITE, José Carlos. *O tempo*. oct. - dic. de 2015. Notas de aula.

LEITE, Julieta. A ubiquidade da informação digital no espaço urbano. *Logos*, 15, n. 2, p. 104-116. (2010). Disponível em: <http://www.logos.uerj.br/PDFS/29/10JULIETA_LEITE.pdf>. Acesso em: jul. 2016.

LIGHTMAN, Alan. *Sonhos de Einstein*. Companhia das Letras, 2014.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MIZRAHI, Dario. *Bogotá, la ciudad que redujo el crimen con mimos*. 2012. [online]. Disponível em: <http://www.infobae.com/2012/11/27/1062044-bogota-la-ciudad-que-redujo-el-crimen-mimos/>. Acesso em: 02 jan. 2017.

MOCKUS, Antanas. Cultura ciudadana y comunicación. In: *Revista La Tadeo*, v. 68, p. 106-111, 2003.

MÚGICA, Fernando. *El tiempo social y el tiempo total: el tiempo estructura simbólica de la sociedad*. In: ALVIRA, Rafael; HERRERO LOPEZ, Montserrat; GHIRETTI, Héctor (Comp.). *La experiencia social del tempo*. Espanha: Eunsa, 2006. p. 101-120.

MURRAIN, Henry. *Cultura Ciudadana como política pública: entre Indicadores y Arte. Cultura Ciudadana en Bogotá: Nuevas Perspectivas*, 2009, p. 213-229.

NASCIMENTO, Caroline Christine Garcia do. *Reencenação como experimento em artempolíticafilosofia: controvérsias sobre tempo e espaço entre Bergson e Einstein*. 2015. 145 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea, Universidade Federal de Mato Grosso), Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Cuiabá, 2015.

PARDO, José Luis. *Nunca fue tan hermosa la basura*. Artículos y ensayos. Barcelona: Galáxia Gutenberg, 2010.

PELBART, Peter Pál. *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras/FAPESP, 2000.

_____. Poder sobre a vida, potência da vida. In: *Lugar Comum*, 17. p. 33-43. (2002). Disponível em: http://uninomade.net/wp-content/files_mf/113003120907Poder%20sobre%20a%20vida%20pot%C3%Aancia%20da%20vida%20-%20Peter%20P%C3%A1l%20Pelbart.pdf. Acesso em: 16 out. 2015.

PRIGOGINE, Ilya. *As leis do caos*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. *O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

ORELLANA LÓPEZ, Dania M^a. & SÁNCHEZ GÓMEZ, M^a Cruz. (2006). Técnicas de recolección de datos en entornos virtuales más usadas en la investigación cualitativa. *Revista de Investigación Educativa*, 24(1), 205-222.

POUPART, Jean, et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Vozes, 2014.

RESTREPO, Eduardo (2013). *Técnicas etnográficas*. Disponível em: <http://datateca.unad.edu.co/contenidos/401121/EduardoRestrepo.U2Etnografia.pdf>. Acesso em: 5 de jun. de 2016.

ROLNIK, Raquel. *A guerra dos lugares*. (2016, janeiro 6). Disponível em: https://youtu.be/gjXEgU5_PJg. Acesso em: 5 de mar. de 2016.

ROLNIK, Suely. (1998). *A subjetividade antropofágica*. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Subjemobra.pdf>. Acesso em: 18 de out. de 2015.

_____. *Cartografia sentimental. Transformações contemporâneas do desejo*. Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. O tempo nas cidades. Em: *Ciência e cultura*, v. 54, n. 2, p. 21-22. (2002). Disponível em: <<http://www.laboratoriourbano.ufba.br/arquivos/arquivo-71.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

_____. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

_____. *Técnica, espaço, tempo. Globalização e meio técnico-científico-informacional*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SENNET, Richard. *Carne e pedra*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SERRANO PÉREZ, Juliana. Juliana Serrano Pérez: *depoimento* [abr. 2016]. Entrevistadora: Heidy Bello Medina. Cuiabá, 2016. Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.

SCHOLZE, Lia. Narrativas de si e a estética da existência. Em *Aberto*, v. 21, n. 77, p. 61-72. (2007).

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. Cidade: lugar e geografia da existência. *Anais do V Simpósio Nacional de Geografia Urbana*, 1997.

THIBAUD, Jean-Paul. A cidade a través dos sentidos. In: *Cadernos Proarq. Revista de arquitetura e urbanismo do Proarq*, 18, p. 1-16. (2012).

TURISMO RURAL MATO GROSSO. *A Bacia do Rio Cuiabá é importante na formação do Pantanal Mato-grossense e para outras partes do Brasil e do mundo*. 23 de junho de 2011. Disponível em: <http://www.turismoruralmt.com/2011/06/bacia-do-rio-cuiaba-e-importante-na.html>

ANEXO A

DOCUMENTO ORIGINAL DE CADASTRO DE 100EM1DIA CUIABÁ

100 em 1 Dia Cuiabá

Festival da cidadania na capital do pantanal

DESCRIPCIÓN GENERAL

Cuiabá es la capital del estado de Mato Grosso, ubicada en el centro -oeste de Brasil, en la parte más central de América del Sur (Centro Geodésico); está próxima a cumplir 300 años de fundación. De acuerdo con el censo realizado en 2010, cuenta con una población estimada de 554.800 habitantes. El crecimiento de la ciudad se registra desde la década de 1960 cuando Cuiabá contaba 57.860 habitantes, de acuerdo con los registros del IBGE. El estado de Mato Grosso es reconocido por ser uno de los mayores productores agrícolas del país y del mundo. El territorio cuenta con vastas plantaciones de soya, maíz y algodón, y ganadería extensiva; el estado se ha convertido en un foco para la economía nacional, lo que ha generado una migración masiva para la ciudad, a la cual ya había llegado un gran número de personas de diferentes partes del país atraídas por la minería (oro), fenómenos que explican su rápido aumento demográfico. Debido al crecimiento, la ciudad se ha organizado desordenadamente.

Por otro lado, en zonas aledañas a la ciudad existen atracciones naturales llamativas para nacionales y extranjeros como el pantanal matogrossense, compartido con el vecino estado de Mato Grosso do Sul y considerado el mayor del mundo, y la Chapada dos Guimarães, que ofrece paisajes surreales.

¿POR QUÉ MI CIUDAD NECESITA UN 100EN1DÍA?

El “Coletivo à Deriva”, ligado al grupo de investigación “Artes híbridas, intersecções, contaminações, transversalidades” del programa de posgraduación en Estudios de Cultura Contemporánea (ECCO) de la Universidad Federal de Mato Grosso, desarrolla desde 2009 acciones urbanas en Cuiabá para dar visibilidad a algunos espacios significativos y a las dinámicas culturales que se entretajan en el territorio. Las discusiones constantes han alimentado durante estos años la necesidad de construir una ciudad habitable que permitiese generar más afecto de parte de sus pobladores; fue entonces cuando se pensó en un gran evento que complementara el “Primeiro Coloquio Cidade Pensada” (2012) y que cobijase en mayor escala múltiples pensamientos y acciones para Cuiabá en 2016, el resultado: “**Cidade Possível**”, un encuentro internacional académico, artístico y ciudadano, y dentro de éste la realización del primer **100em1dia Cuiabá**.

La gran migración de personas hace que la readaptación de costumbres, sumada a la organización de la ciudad, de 296 años de fundación, generen una cierta apatía de la población hacia el espacio urbano. Cuiabá, que enfrenta estas

transitoriedades, necesita adelantar acciones colectivas que se establezcan como micropolíticas para generar cambios estructurales.

A continuación, una sucinta descripción de acciones en contra de la ciudad: para algunos ciudadanos arrojar papeles en la calle es una costumbre; de otra parte cuando se adelantan intervenciones en la vía pública muchos escombros permanecen, no solo es el ciudadano que ensucia la basura también proviene desde lo institucional. Existe poca señalización de quebra-molas (reductores de velocidad) y las vías son asfaltadas de manera irregular lo que hace que el tránsito vehicular no sea agradable, esto sumado a los trancones en las horas pico, hay dificultad en la movilidad. Cuiabá es una ciudad hostil para el pedestre, los andenes son angostos, en buena parte de la ciudad y tienen bastantes obstáculos (huecos, objetos, basura), hay pocas cebras (faixas) y algunas no están pintadas, lo que hace que el paisaje para caminar la ciudad, sumado al calor, no permitan recorrerla. La ciudad es insegura. De acuerdo a los registros de la Secretaría de Estado de Segurança Pública (Sesp), a diario se registran cerca de 30 robos en Cuiabá y Várzea Grande. Los habitantes se sienten desprotegidos y con miedo a ser víctimas en cualquier momento, ya que una gran parte de dichos acontecimientos ocurren en las calles, en horas de alto movimiento, de las seis de la tarde a la medianoche.

De otro lado, en 2014, Cuiabá fue sede de la edición XX de la Copa Mundial de la FIFA, realizada en Brasil; para la organización de dicho megaevento se propusieron varias construcciones, que dentro de la mirada del mercado capitalista global, permitirían contar con una ciudad seductora para el turista. Una apuesta significativa, además del estadio de fútbol, fue “mejorar” la movilidad a través de viaductos y del *Veículo Leve sobre Trilhos* (VLT), un medio de transporte público novedoso, en el cual se ha invertido más de \$1,47 billones de reales. La obra de movilidad más cara en la historia de la ciudad, que inició en 2012, debió entrar en funcionamiento antes del desarrollo de la copa en 2014, sin embargo se calcula que no estará finalizada antes de dos años, aproximadamente en 2017. Esta y otras obras dan muestra del problema de corrupción en la ciudad, que genera desconfianza en las instituciones públicas.

Estos son solo algunos motivos para tener un 100 en 1 día en la ciudad de Cuiabá, hay mucho interés de brindarle a la ciudad la oportunidad de ser más bella, más inclusiva, de despertar la ciudadanía y generar apropiación por el espacio, como dijo una habitante “Cuiabá es de todos porque ella es receptiva con quien llega”, entonces ¿qué tienen sus habitantes para regalarle? Queremos descubrirlo con 100em1diaCuiabá.

¿QUÉ SIGNIFICA SER CIUDADANO EN TU CIUDAD?

Quien vive en Cuiabá sabe que cuenta con los derechos y deberes de toda persona que jurídicamente se considera ciudadano. Sin embargo, su alcance es mucho mayor, el sujeto tiene que ser curioso de lo que está a su alrededor, es

alguem capaz de reconhecer la historia de Cuiabá y de Mato Grosso y saber cómo está hoy, cooperar para mejorar, utilizar los recursos dispuestos para ser parte activa de la ciudad, imaginarla y hacer que ese lugar de existencia sea mucho mejor.

NUESTRO EQUIPO MOTOR

Información de cada uno

- Nombre, ocupación, E-mail
- En una frase. ¿Por qué quieres ser parte del equipo motor de 100En1Día?
- En máximo 5 palabras. ¿Qué significa tu ciudad para ti?



Maria Thereza Azevedo

*Coordenadora do Programa de Pós Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea ECCO UFMT Professora universitária, cineasta.

* maritheaz@gmail.com

*Para uma ação coletiva de impulso a uma consciência sobre a cidade.

*cultura, processo, centro geodésico, urgência de preservação.



Heidi Bello Medina

*Mestranda do PPG em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso.

* heidy.bello@gmail.com

*A gota cheia o oceano, a ação coletiva muda à cidade.

*Vida, receptividade, calorosa, confusão.



Isabel Taukane

*Coordenadora do Instituto Yukamaniru de Apoio às Mulheres Indígenas Bakairi e aluna de Doutorado do PPG em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso.

* isataukane@gmail.com

* Porque acredito que pequenas ações feitas com carinho e dedicação podem mudar o mundo.

*Encontros, História, Calor, Realizações, Sonhos.



André Torres

*Turismólogo e Consultor em Desenvolvimento Social, mestrando no PPG ECCO-UFMT; Pesquisador sobre TIC e Educação.

* turistorres@gmail.com

* Porque não se pode esperar que os outros façam algo por você.

* "Eita cidade quente pra caramba!"



Daniela Leite

*Atriz, pesquisadora, doutoranda PPG em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso.

*danicorleite@gmail.com

*Eu trabalho com ações artísticas e Cuiabá necessita tanto de ações de cidadania como de um olhar cuidadoso para urbes.

*Sauna aberta com ipês coloridos.



Arthur Galvão Serra

* Professor. Doutorando no PPG em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso.

* pyanosolo@gmail.com

* Quero unir-me a pessoas que trabalham para transformar o que se supunha inevitável, mas que é produzido pelos atos automáticos de muitos, mas não de todos. Mostrar que há ao menos 100 formas de transformar a cidade.

*Hospitalidade, desenvolvimento possível em cooperação.



Bruna Obadowski Bruno

*Fotógrafa e produtora de vídeo. Mestranda PPG Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso.

*b.obadowski@gmail.com

*Disseminar arte pela cidade e propagar a ideia do 100em1dia.

*Cidade de fluxo de vidas e aconchego.



Juliana Capilé

- *Diretora, atriz e dramaturga, integrante da Cia Pessoal de Teatro.
- * jucapile@gmail.com
- * Porque é uma ação mundial baseada em ações simples, de gente comum.
- * Um caldeirão onde ferve ancestralidade.



Tatiana Horevicht

- *Atriz e diretora, integrante da Cia Pessoal de Teatro
- *ciapessoaldeteatro@gmail.com
- *Porque posso contribuir em uma ação que pode gerar outras ações de consciência cidadã.
- *Uma cidade em constante reconstrução.



Thereza Helena de Souza Nunes

- * Diretora teatral, atriz, mestranda do PPG em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso.
- * therezahelena@gmail.com
- * Motor é aquele que transforma energia em combustível, potencializa e move as ações na direção dos objetivos.
- * Lugar de criar minhas memórias



Carolina Miranda Barros

- * Produtora Cultural
- * donatatuproducao@gmail.com
- * Porque eu quero que o amor, solidariedade, beleza, colaboratividade e a alegria derramem pela cidade de Cuiabá.
- *Calor, hospitalidade, caos, conservadorismo, Alegria



Sandro Luis Costa Da Silva

- * Ator, professor, doutorando PPG em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso.
- * sandrolucose@ig.com.br
- *Porque a cidade precisa de pessoas que arregace as mangas para fazer ações culturais acontecerem nas mais variadas condições.
- * Muito trabalho por fazer